

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

VIDÊNCIA

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DOZE)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Outubro de 2011

ÍNDICE

MEDIUNIDADE EM CRIANÇAS.....	03
SESSÕES PRÁTICAS E DOCTRINÁRIAS ESPÍRITAS	03
REVISTA ESPÍRITA 1858	04
REVISTA ESPÍRITA 1859.....	06
REVISTA ESPÍRITA 1860.....	09
REVISTA ESPÍRITA 1864.....	15
REVISTA ESPÍRITA 1865.....	22
REVISTA ESPÍRITA 1866.....	27
REVISTA ESPÍRITA 1867.....	29
REVISTA ESPÍRITA 1868.....	30
REVISTA ESPÍRITA 1868.....	34
DA ALMA HUMANA.....	36
TÉCNICA DA MEDIUNIDADE.....	37
O LIVRO DOS MÉDIUNS.....	45
TRABALHOS PRÁTICOS DE ESPIRITISMO.....	46
PSICOLOGIA ESPÍRITA.....	47
O ESPÍRITO E O TEMPO.....	47
A ALMA É IMORTAL.....	49
BÍBLIA SAGRADA.....	51
O PASSE SEU ESTUDO SUA TÉCNICA SUA PRÁTICA.....	52
O FENÔMENO ESPÍRITA.....	52
ALLAN KARDEC VOLUME II	53
O QUE É A MORTE.....	55
AS MELHORES RESPOSTAS DO IMBASSAHY.....	60
MÉDIUM QUEM É E QUEM NÃO É.....	61
A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS.....	63
XENOGLOSSIA.....	64
MEDIUNIDADE.....	65
DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO.....	67
DIRIGENTES DE SESSÕES PRÁTICAS ESPÍRITAS.....	70
OS ANIMAIS TÊM ALMA?.....	72
AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM.....	75
OS MENSAGEIROS.....	76
O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA.....	76
ESTUDOS SOBRE A MEDIUNIDADE.....	88
O ESPIRITISMO E AS MANIFESTAÇÕES PSÍQUICAS.....	90

Mediunidade em Crianças

Agnes Henriques

Mediunidade de efeitos inteligentes

Quando essa mesma ação se processa por meio do intelecto do médium.

Na categoria de eleito inteligentes, Kardec classificou os fenômenos que são percebidos pelo intelecto, não se mostrando aos 5 sentidos.

São eles:

A intuição: captação da realidade do plano espiritual por meio do pensamento.

A vidência/visão dupla: possibilidade de ver espíritos em estado normal ou sonambúlico.

A audição: capacidade de ouvir a vos dos espíritos e com eles entabular conversações.

A psicofonia: comunicação espiritual por meio da incorporação.

A psicografia: os espíritos se comunicam pela escrita efetuada pelo médium.

Melhor explicado, o médium na intuição capta a realidade do plano espiritual, vê através do campo fluídico na vidência, ouve também no campo fluídico, deixa com que um espírito fale por meio de seu aparelho fonador e empresta seus membros para que o espírito se comunique pela psicografia.

Se já trazemos no nascedouro o germe da nossa mediunidade, faltando, entretanto, que ela aflore e se desenvolva, nada mais lógico que nas crianças possam aparecer, ainda que de forma mascarada, qualquer um desses tipos de mediunidade citados acima.

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo

Aurélio A. Valente

Fls. 76/77 Finda a prece, o silencio continuará a reinar no ambiente e os experimentadores deverão permanecer concentrados.

A concentração consiste na união dos pensamentos de todos, num determinado assunto. Deve ser feita de olhos fechados para impedir possíveis distrações, especialmente dos que se encontram à mesa. Para fazermos uma boa concentração, exercitemos o pensamento em horas determinadas, educando-o, disciplinando-o.

Nas horas de concentração, a pessoa dotada dos melhores sentimentos acabrunhar-se-ia se alguém visse os absurdos e disparatados pensamentos que lhe ocorrem contra a sua vontade. Parece um desafio aos seus bons propósitos; isso representa, porém, o reflexo de longínquo passado, ou tentações dos Espíritos impuros. Mas, deixemos à margem a sua causa e continuemos exercitando-nos, com a finalidade de dominarmos inteiramente o nosso pensar.

Durante a leitura, explanações e prece, é muito freqüente manifestarem-se os Espíritos, de forma comum ou simbólica, aos médiuns videntes. Após a prece, estes dirão ao presidente tudo quanto viram, trocando-se impressões sobre a interpretação das vidências. Em seguida, o presidente ordenará nova concentração para os médiuns psicógrafos (escreventes) receberem as mensagens dos Espíritos. Nesse momento, cada médium tomará do lápis e dirigirá uma prece íntima e breve ao Pai Celeste, solicitando o auxílio de seu guia espiritual.

Ao verificar o presidente que todos acabaram de escrever, autoriza proceder-se à leitura das comunicações recebidas. Cada médium lerá a sua, dirigindo o presidente ao Espírito comunicante palavras de conforto ou agradecimento, conforme a natureza das mensagens. Se, dentre os ditados, algum se destacar por qualquer motivo, o presidente poderá prestar esclarecimentos aos seus irmãos.

Fls. 162/163 Quando se têm bons videntes, suficientemente desenvolvidos, não se torna difícil distinguir as manifestações das almas encarnadas das de entidades do Além. Uma diferença bem frisante consiste em apresentarem as almas dos vivos em fio luminoso, alongando-se pelo espaço, semelhante à cauda de um cometa. É o laço que liga o Espírito ao corpo. Por maior que seja o desprendimento e a distância, ele não se parte senão com a morte. Em certas circunstâncias não será difícil haver confusão. Imaginemos que é evocado um Espírito que já está encarnado novamente, sendo-lhe permitida a comunicação. A fim de que isso se possa produzir, a nova personalidade deverá cair em transe ou adormecer.

O Espírito semiliberto comparecerá ao grupo, e, pela natural diversidade de dons – poderá ser visto por um médium, tal como foi, e, por outro, tal como é em sua nova vida. Desse modo, é lógico que o fio fluídico será observado com maior ou menor intensidade, conforme o grau de faculdade dos médiuns.

Os videntes são muito bons auxiliares em qualquer grupo, porém, como todos os médiuns, estão sujeitos a ser ludibriados. É pois indispensável recomendar a análise criteriosa de todas as descrições que fizerem, especialmente se as visões se apresentarem sob forma alegórica.

A razão e o bom-senso são mais difíceis de serem enganados, principalmente se a eles se aliar a rara faculdade da vidência mental.

Das mediunidades, parece-nos que a intuitiva é a menos sujeita a mistificação, pelo simples fato de não saberem com precisão, os possuidores dessa faculdade, onde acaba o que lhes pertence e começa o que vem dos Espíritos. Assim, mais que os outros médiuns, eles raciocinam demoradamente todas as vezes que recebem pensamentos estranhos.

Os videntes devem estar sempre prevenidos contra Espíritos que se transformam arditamente em várias personalidades ou mudam de vestuário.

A interpretação das vidências cabe ao diretor dos trabalhos, ou aos seus auxiliares. Aos videntes compete distinguir a categoria dos Espíritos, pelos fluidos e pelas atitudes.

Revista Espírita 1858

Allan Kardec

Sr. Adrien, Médiun Vidente

Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem o auxílio de terceiros é, por isso mesmo, médiun vidente; mas em geral as aparições são fortuitas, acidentais. Ainda não conhecíamos ninguém com aptidão para ver os Espíritos de maneira permanente e à vontade. É dessa notável faculdade que é dotado o Sr. Adrien, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Ele é, ao mesmo tempo, médiun vidente, escrevente, audiente e sensitivo. Como médiun psicógrafo, escreve o ditado dos Espíritos, mas, raramente, de modo mecânico, como os médiuns puramente passivos; ou seja, embora escrevendo coisas estranhas ao seu pensamento, tem consciência daquilo que escreve. Como médiun audiente escuta as vozes ocultas que lhe falam. Temos, na Sociedade, dois outros médiuns que gozam dessa última faculdade no mais alto grau. São, simultaneamente, ótimos médiuns escreventes. Enfim, como médiun sensitivo, sente o contato dos Espíritos e a pressão que exercem sobre ele; chega mesmo a sentir comoções elétricas muito violentas, que se comunicam às pessoas presentes. Quando magnetiza alguém, pode, à vontade e desde que se faça necessário à saúde, produzir-lhe a descarga de uma pilha voltaica.

Acaba de revelar-se nele uma nova faculdade: a dupla vista; sem ser sonâmbulo e conquanto inteiramente desperto, vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa numa localidade; vê as pessoas e o que estão fazendo; descreve lugares e fatos com uma precisão cuja exatidão tem sido verificada. Apressemo-nos em dizer que o Sr. Adrien de forma alguma é desses homens fracos e crédulos que se deixam arrastar pela imaginação; ao contrário: trata-se de um homem de caráter bastante frio, muito calmo e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue-frio; não dizemos com indiferença – longe disso – porquanto leva suas faculdades a sério e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem e, assim, dele se serve para as coisas úteis e jamais para satisfazer a vã curiosidade. É um rapaz novo, de família distinta, muito honrado, de caráter meigo e benevolente, cuja educação esmerada revela-se na linguagem e em todas as suas maneiras. Como marinheiro e como militar, já percorreu uma parte da África, da Índia e de nossas colônias.

De todas as suas faculdades como médiun a mais notável e, em nossa opinião a mais preciosa, é a vidência. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo anterior sobre as aparições; ele os vê com uma precisão, da qual podemos fazer idéia pelos retratos que daremos um pouco mais adiante da viúva do Malabar e da Bela Cordoeira de Lyon. Mas, dirão, o que prova que vê mesmo e que não é vítima de uma ilusão? O que prova é que, quando alguém que ele não conhece, por seu intermédio invoca um parente ou um amigo que jamais viu, faz deste um retrato de extraordinária semelhança, que nós mesmos pudemos constatar. Não há, pois, para nós a menor dúvida a respeito dessa faculdade, que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há talvez de mais notável ainda é o fato de não apenas ver os Espíritos que evocamos, mas, ao mesmo tempo, todos os que se acham presentes, evocados ou não; ele os vê entrando, saindo, indo e vindo, ouvindo o que se diz, rindo ou levando a sério, segundo seu caráter; uns são graves, outros têm um ar zombeteiro e sardônico. Por vezes algum deles avança para um dos assistentes, pondo-lhe a mão sobre o ombro ou se colocando ao seu lado, enquanto outros se mantêm afastados; numa palavra, em toda reunião há sempre uma assembléia oculta, composta de Espíritos atraídos pela simpatia às pessoas ou às coisas das quais se ocupam; nas ruas o Sr. Adrien vê uma multidão deles, pois além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos há, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos que nada têm a fazer. Disse-nos ele que, em sua

casa, jamais se encontra sozinho e nunca se aborrece: há sempre uma assembléia, com a qual se entretém.

Sua faculdade não se estende somente aos Espíritos dos mortos mas, também, aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração de seu corpo: o Espírito então lhe aparece como se dele estivesse separado, podendo com ele conversar. Numa criança, por exemplo, pode ver o Espírito nela encarnado, apreciar-lhe a natureza e saber o que era antes de encarnar.

Essa faculdade, levada a semelhante grau, melhor que toda as comunicações escritas nos instrui na natureza do mundo dos Espíritos, mostrando-nos tal qual é; e, se não o vemos com os olhos do corpo, a descrição que dele nos dá faz com que o vejamos pelo pensamento; os Espíritos já não são aqueles seres abstratos, mas seres reais, que estão ao nosso lado, que se nos acotovelam sem cessar; e, como agora sabemos que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma porção de impressões que sentimos sem que delas nos déssemos conta. Por isso colocamos o Sr. Adrien no número dos médiuns mais notáveis e na primeira fila dos que nos hão fornecido os mais preciosos elementos para o conhecimento do mundo espírita; sobretudo o colocamos nessa posição por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos de ordem mais elevada, o que nem sempre ocorre com os médiuns de efeitos puramente físicos. Entre estes, sem dúvida, há os que fazem sensação, que cativam melhor a curiosidade; contudo, para o bom observador, para o que deseja sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o Sr. Adrien é o mais poderoso auxiliar que já temos visto. Assim, colocamos sua faculdade e complacência a serviço de nossa instrução pessoal, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, em visitas a diversos locais de reunião. Estivemos juntos nos teatros, bailes, passeios, hospitais, cemitérios e igrejas; assistimos a enterros, casamentos, batismos e sermões; em toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham reunir-se, estabelecendo conversação com alguns deles, interrogando-os e aprendendo muitas coisas, que tornaremos proveitosas aos nossos leitores, porquanto nosso fim é fazer com que penetrem, como nós, nesse mundo tão novo para todos. O microscópio revelou-nos o mundo dos infinitamente pequenos, do qual não suspeitávamos, embora estivesse ao alcance de nossas mãos; da mesma forma, o telescópio mostrou-nos uma infinidade de mundos celestes que não sabíamos que existiam. O Espiritismo descobre-nos o mundo dos Espíritos, que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços, mundo real que reage incessantemente sobre nós.

Revista Espírita 1959

Allan Kardec

Sr. Adrien, Médium Vidente (Segundo artigo)

Desde a publicação de nosso artigo sobre o Sr. Adrien, médium vidente, grande número de fatos nos têm sido comunicados, confirmando nossa opinião de que essa faculdade, assim como as demais faculdades mediúnicas, é mais comum do que se pensa. Nós já a tínhamos observado numa porção de casos particulares e, sobretudo, no estado sonambúlico. O fenômeno das aparições é hoje um fato comprovado e, podemos dizer, freqüente, sem falar dos numerosos exemplos

oferecidos pela história profana e as Escrituras Sagradas. Muitas das que nos foram relatadas ocorreram pessoalmente com aqueles que no-las informaram, mas, quase sempre, esses fatos são fortuitos e acidentais; ainda não tínhamos visto alguém em que tal faculdade fosse, de algum modo, o estado normal. No Sr. Adrien ela é permanente; onde quer que esteja, a população oculta que pulula à nossa volta lhe é visível, sem que ele a chame; para nós, ele representa o papel de um vidente em meio a uma população de cegos; vê esses seres, que poderíamos chamar de duplicata do gênero humano, indo e vindo, misturando se em nossas ações e, se podemos assim nos exprimir, ocupados em seus negócios. Dirão os incrédulos que é uma alucinação, palavra sacramental pela qual pretendem explicar o que não compreendem. Bem que gostaríamos que nos definissem o que é uma alucinação e, especialmente, sua causa. Todavia, no Sr. Adrien ela tem um caráter bastante insólito: o da permanência. Até agora, o que se tem convencionalmente chamado de alucinação é um fato anormal e quase sempre conseqüência de um estado patológico, o que absolutamente aqui não é o caso. Para nós, que estudamos essa faculdade, que a observamos todos os dias em seus mínimos detalhes, chegamos mesmo a constatar-lhe a realidade. Para nós ela não é objeto de nenhuma dúvida e, como veremos, auxiliou-nos notavelmente em nossos estudos espíritas. Ela nos permitiu utilizar o escalpelo da investigação na vida extracorpórea; é um archote na escuridão. O Sr. Home, dotado de extraordinária faculdade como médium de efeitos físicos, produziu efeitos surpreendentes. O Sr. Adrien nos inicia na causa desses efeitos, porque os vê produzir-se, indo muito além daquilo que impressiona os nossos sentidos.

A realidade da visão do Sr. Adrien é provada pelo retrato que faz de pessoas que jamais viu, cuja descrição é reconhecida como exata. Certamente quando ele descreve, com rigorosa minúcia, os mínimos detalhes de um parente ou de um amigo, evocados por seu intermédio, temos certeza de que ele vê, porquanto não pode tomar a coisa como produto da imaginação. Entretanto, há pessoas cuja prevenção as leva a rejeitar até mesmo a evidência. E, o que é mais bizarro, para refutar o que não querem admitir, explicam-no por causas ainda mais difíceis que as que lhes são fornecidas.

Os retratos do Sr. Adrien, todavia, nem sempre são infalíveis; nisso, como em toda ciência, quando se apresenta uma anomalia, é necessário procurar-lhe a causa, considerando-se que a causa de uma exceção freqüentemente confirma a regra geral. Para compreender o fato, não se deve perder de vista o que a esse respeito já dissemos sobre a forma aparente dos Espíritos. Essa forma depende do perispírito, cuja natureza, essencialmente flexível, presta-se a todas as modificações que lhe queira dar o Espírito. Deixando o envoltório material, o Espírito leva consigo o seu invólucro etéreo, que constitui uma outra espécie de corpo. Em seu estado normal, esse corpo tem a forma humana, mas não calcada traço a traço sobre o que deixou, especialmente quando o abandonou há algum tempo. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, e enquanto ainda existe um laço entre as duas existências, maior é a semelhança; essa similitude, porém, apaga-se à medida que se opera o desprendimento e que o Espírito se torna mais estranho ao seu último envoltório; pode, entretanto, sempre retomar essa primeira aparência, quer pela fisionomia, quer pelo vestuário, quando julga útil para se fazer reconhecer; em geral, porém, isso só acontece em razão de um grande esforço da vontade. Nada, pois, há de surpreendente que, em certos casos a semelhança peque por alguns detalhes: bastam os traços principais. Igualmente no médium essa investigação não é feita sem um certo esforço, que se torna penoso quando muito repetido. Suas visões ordinárias não lhe custam nenhuma fadiga, desde que não se apegam senão às generalidades. O mesmo ocorre quando vemos uma multidão: enxergamos tudo; todos os indivíduos se destacam aos nossos olhos com seus traços distintos, sem que

nenhum deles nos impressione bastante a ponto de os podermos descrever. Para precisá-los, é necessário concentrar nossa atenção nos íntimos detalhes que queremos analisar, com a só diferença de que, nas circunstâncias ordinárias, os olhos se voltam sobre uma forma material, invariável, enquanto na vidência eles repousam sobre uma forma essencialmente móvel, que um simples efeito da vontade pode modificar. Saibamos, pois, tomar as coisas como elas são; consideremo-las em si mesmas e em razão de suas propriedades. Não nos esqueçamos de que, no Espiritismo, absolutamente não operamos sobre a matéria inerte, mas sobre inteligências dotadas de livre-arbítrio, razão por que não podemos submetê-las ao nosso capricho, nem fazê-las agir à nossa vontade, como se movêssemos um pêndulo. Toda vez que quisermos tomar nossas ciências exatas como ponto de partida nas observações espíritas, perderemos o rumo; eis por que a ciência vulgar é incompetente nessa questão: é exatamente como se um músico quisesse julgar a arquitetura do ponto de vista musical. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, de novas forças, de novos elementos; revela-nos fenômenos que não se baseiam em nada do que conhecemos.

Saibamos, pois, para os julgar, despojar-nos dos preconceitos e de toda idéia preconcebida; compenetremo-nos sobretudo desta verdade: fora daquilo que conhecemos pode existir outra coisa, a não ser que queiramos cair nesse erro absurdo, fruto do orgulho, de que Deus não tenha mais segredos para nós.

De acordo com isso, compreende-se que delicadas influências podem agir na produção dos fenômenos espíritas; mas há outras que merecem uma atenção não menos séria. Despojado do corpo terreno, o Espírito conserva toda a sua vontade e uma liberdade de pensar bem maior que quando vivo; tem susceptibilidades que dificilmente compreendemos; aquilo que muitas vezes nos parece simples e natural o magoa e lhe desagrade; uma pergunta imprópria o choca e o fere; além disso, eles nos mostram a sua independência deixando de fazer o que queremos, ao passo que, por si mesmos, vez por outra fazem aquilo que nem teríamos pensado em lhes pedir. É por essa razão que os pedidos de provas e de curiosidade são essencialmente antipáticos aos Espíritos, que a eles raramente respondem de maneira satisfatória. Sobretudo os Espíritos sérios jamais se prestam a isso e de modo algum querem servir de divertimento. Concebe-se, pois, que a intenção pode influir bastante sobre a sua boa vontade de se apresentar aos olhos de um médium vidente, sob tal ou qual aparência; e, definitivamente, como eles não assumem uma determinada aparência senão quando assim lhes convém, só o fazem quando para isso existe um motivo sério e útil.

Há uma outra razão que, de certo modo, se liga ao que poderíamos chamar de fisiologia espírita. A visão do Espírito pelo médium faz-se por uma espécie de irradiação fluídica que parte do primeiro e se dirige ao segundo; o médium, por assim dizer, absorve os raios e os assimila. Se estiver sozinho, ou cercado apenas de pessoas simpáticas, unidas pela intenção e pelo pensamento, aqueles raios se concentram sobre ele; então a visão é clara, precisa e é em tais circunstâncias que os retratos, quase sempre, são de uma exatidão notável. Se, ao contrário, em torno do médium há influências antipáticas, pensamentos divergentes e hostis, se não há recolhimento, os raios fluídicos se dispersam e são absorvidos pelo meio; daí uma espécie de nevoeiro que se projeta sobre o Espírito, não permitindo que se lhe distingam os matizes. Tal seria uma luz, com ou sem refletor. Uma outra comparação menos material pode ainda nos dar razão desse fenômeno. Todos sabemos que a verve de um orador é excitada pela simpatia e pela atenção do auditório; que, ao contrário, se ele for distraído pelo barulho, pela desatenção e pela má vontade, seus pensamentos já não serão livres: dispersam-se, afetando o seu raciocínio. O Espírito, que é influenciado por um meio

absorvente, encontra-se no mesmo caso: em vez de dirigir-se a um ponto único, sua irradiação dissemina-se e perde a sua força.

Às considerações precedentes devemos acrescentar outra, cuja importância será facilmente compreendida por todos os que conhecem a marcha dos fenômenos espíritas. Sabe-se que várias causas podem impedir um Espírito de acorrer ao nosso apelo no instante em que o evocamos: pode estar reencarnado ou ocupado em outra parte. Ora, entre os Espíritos que se apresentam quase sempre simultaneamente, deve o médium distinguir aquele que solicitamos e, caso aí não esteja, pode tomá-lo por um outro Espírito, igualmente simpático à pessoa que evoca. Descreve o Espírito que vê, mas nem sempre pode garantir se se trata dessa ou daquela entidade. Se, entretanto, o Espírito que se apresenta é sério, não se enganará quanto à sua identidade; se o interrogam a respeito, poderá explicar a razão do equívoco e dizer quem ele é.

Um meio pouco propício será também prejudicial, mas por outra razão. Cada indivíduo tem, por acólitos, Espíritos que simpatizam com os seus defeitos e com suas qualidades. Tais Espíritos são bons ou maus, conforme os indivíduos. Quanto maior for o número de pessoas reunidas, maior será a variedade de Espíritos e maiores as possibilidades de encontrar antipatias. Se, pois, numa reunião há pessoas hostis, seja por pensamentos difamantes, seja pela leviandade de caráter, seja ainda por uma incredulidade sistemática, por isso mesmo atrairão Espíritos pouco benevolentes que, com freqüência, entravam as manifestações de toda natureza, tanto escritas quanto visuais. Daí a necessidade de nos colocarmos nas mais favoráveis condições, se quisermos obter manifestações sérias: quem quer o fim quer os meios. As manifestações espíritas não são coisas com as quais possamos brincar impunemente. Sede sérios na mais rigorosa acepção da palavra, se quiserdes coisas sérias; de outro modo, sereis joguetes dos Espíritos levianos, que se divertirão à vossa custa.

Revista Espírita 1860

Allan Kardec

Sexta-feira, 16 de Dezembro de 1859 (Sessão Particular)

Comunicações Diversas.

3.º - Leitura de uma notícia sobre a Sra. Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente. Apesar de não estar em sonambulismo nem em êxtase, em certos momentos fica num estado particular que reclama maior calma e muito recolhimento, de tal forma que, interrogada quanto ao que vê, aquele estado se dissipa imediatamente e ela não vê mais nada. Como conserva uma lembrança completa, mais tarde poderá dar-se conta do que viu. Foi assim, por exemplo, que, entre outras, viu a Irmã Martha, no dia em que foi evocada e a descreveu de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua

identidade. Na última sessão ela também viu o Espírito de Castelnaudary, vestindo uma camisa rasgada, um punhal na mão, as mãos ensangüentadas, a sacudir fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, a cada vez que São Luís aparecia e lhe ordenava que escrevesse. Tinha uma espécie de sorriso embrutecido nos lábios. Depois, quando lhe falaram de prece, a princípio parece que não compreendeu; mas, logo depois da explicação dada por São Luís, precipitou-se de joelhos.

O rei de Kanala lhe apareceu com a cabeça de um branco; tinha os olhos azuis, bigodes e costeletas grisalhas, mãos de negro, braceletes de aço, um costume azul, o peito coberto por uma porção de objetos que ela não pôde distinguir bem. “Esta aparência – disse ele – deve-se ao fato de, entre a existência anterior, da qual falou, e a última, ter sido ele soldado na França, ao tempo de Luís XV. Era uma conseqüência de seu estado relativamente adiantado. Pediu para voltar entre seu povo, a fim de, como chefe, ali introduzir as idéias de progresso. A forma que tomou e a aparência meio selvagem, meio civilizada, são destinadas a vos mostrar, sob nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um fim instrutivo e como indício dos diferentes estados pelos quais passou.”

A Sra. X... ainda viu os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas, que nada tinham de repreensível quanto ao seu objetivo e, à ordem de São Luís, retiraram-se para que os Espíritos presentes respondessem em seu lugar, já que as perguntas tomavam um caráter insidioso. “A maior boa-fé e a maior franqueza deviam ditar as perguntas; nenhuma intenção dissimulada – acrescenta o Espírito interrogado a respeito pelo marido daquela senhora – nos escapa; jamais procureis atingir o vosso objetivo por caminhos tortuosos, pois assim o perdereis infalivelmente.”

Ela via uma coroa fluídica cingir a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais era interdito aos Espíritos não chamados de se comunicarem, porque as respostas deveriam ser sinceras; mas desde que a coroa era retirada, via todos os Espíritos intrusos a disputar, de algum modo, o lugar que lhes deixavam.

Enfim, viu o Espírito Sr. conde de R... sob a forma de um coração luminoso invertido, unido a um cordão fluídico que vinha de fora. Primeiro, disse ele, era para nos ensinar que o Espírito pode dar a seu perispírito a aparência que quiser e, depois, porque poderia ter havido o inconveniente, para a médium, de encontrar-se frente a frente com um Espírito encarnado, que tivesse visto como Espírito desprendido. Mais tarde esse inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

Os Espíritos Glóbulos

A vontade de ver os Espíritos é coisa muito natural e conhecemos poucas pessoas que não desejariam fruir dessa faculdade. Infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando permanente. As aparições espontâneas são bastante freqüentes, mas acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada nas relações que podem ter existido entre o vidente e o Espírito que lhe aparece. Uma coisa é ver fortuitamente um Espírito; outra é vê-lo habitualmente e nas condições normais ordinárias. Ora, é aí que está o que constitui, a bem dizer, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma aptidão especial, cuja causa ainda é desconhecida e que pode desenvolver-se, mas que em vão seria provocada se não existisse a predisposição natural. É necessário, pois, que nos acautelemos contra as ilusões que podem nascer

do desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Tanto combatemos as teorias temerárias pelas quais são atacadas as manifestações, sobretudo quando essas teorias denotam a ignorância dos fatos, quanto devemos procurar, no interesse da verdade, destruir idéias que provam mais entusiasmo que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem, levando ao ridículo.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida. Desenvolvemo-la em vários artigos, especialmente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859, e no nosso *O Livro dos Médiuns, ou Espiritismo Experimental* 5. Portanto, não a repetiremos aqui; lembraremos apenas alguns pontos essenciais, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem ser vistos sob diferentes aspectos; o mais freqüente é a forma humana. Sua aparição geralmente ocorre sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio quase sempre é uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as linhas são mais acentuadas e os menores traços da fisionomia são desenhados com tal precisão que permite dar-lhes descrição mais exata. Nesses momentos, certamente um pintor poderia fazer o seu retrato com tanta facilidade quanto faria o de uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que tinha o Espírito quando encarnado. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, ele se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível. Assim, embora como Espírito não mais tenha nenhuma das enfermidades corpóreas que pudesse ter experimentado como homem, mostrar-se-á estropiado, coxo ou corcunda, se o julga conveniente para atestar a sua identidade. Quanto às vestes, compõem-se geralmente de um amontoado de pano, terminando em longa túnica flutuante; é, pelo menos, a aparência dos Espíritos superiores, que nada conservaram das coisas terrestres. Os Espíritos vulgares, porém, os que aqui conhecemos, quase sempre aparecem com os trajos que usavam no último período de sua vida.

Freqüentemente, os Espíritos mostram atributos característicos da posição que ocuparam. Os superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se refletem as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitavam. Algumas vezes ainda revelam os vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram.

Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco e os braços são sempre claramente desenhados.

Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso, malgrado sua nitidez. Em certos casos, poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem estanho, o que não impede se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as vêem ir e vir, entrar, sair, andar por entre os vivos com ares – pelo menos se se trata de Espíritos comuns – de participarem ativamente de tudo quanto se passa em derredor deles, de se interessarem segundo o assunto, de ouvirem o que dizem os humanos. Com freqüência são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar idéias, a influenciá-las, a consolá-las, a se mostrar tristes ou contentes conforme o resultado que obtenham. Numa palavra: constituem como que a réplica ou o reflexo do mundo corpóreo, com suas paixões, vícios ou virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material dificilmente nos permite compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os espaços, que nos cerca, dentro do qual vivemos sem o perceber, como vivemos em meio às miríades de seres do mundo microscópico.

Mas pode acontecer que o Espírito revista uma forma ainda mais precisa e tome todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, possível se torna ao observador tocar, apalpar o corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, apesar de poder se desvanecer com a rapidez do relâmpago. Embora a aparição desses seres, designados pelo nome de *agêneres*, seja muito rara, é sempre acidental e de curta duração e, sob essa forma, não poderiam tornar-se os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que, entre as faculdades excepcionais de que o Sr. Home deu provas irrecusáveis, deve-se colocar a de fazer aparecerem mãos tangíveis, que podem ser apalpadadas e que, por seu lado, podem pegar, apertar e deixar marcas na pele. As aparições tangíveis, dizemos, são bastante raras, mas as que ocorreram nestes últimos tempos confirmam e explicam as que a História registra, a respeito de pessoas que se mostraram depois de mortas com todas as aparências da natureza corporal. Aliás, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo o caráter de maravilhoso, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

Quando os Espíritos revestem a forma humana, não poderemos nos enganar. Já o mesmo não acontece quando tomam outras aparências. Não falaremos de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, que alimentaram a superstição das pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais até homens esclarecidos puderam enganar-se. É aí, sobretudo, que nos devemos pôr em guarda contra a ilusão, para não nos expormos a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

Nem sempre o ar é perfeitamente límpido; há circunstâncias em que a agitação e as correntes de moléculas aeriformes, produzidas pelo calor, são perfeitamente visíveis. A aglomeração dessas partículas forma pequenas massas transparentes que parecem nadar no espaço e que deram lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está no próprio ar, mas também pode estar no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis, que não perderam alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos semi-opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos e ondulações eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, por vezes irizados, variando de 1 a 10 milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares, que as seguiam e acompanhavam a toda parte e, em seu entusiasmo, verem figuras nos matizes da irisação. Uma simples observação, fornecida por essas pessoas, reconduzi-las-ão ao terreno da realidade.

Os aludidos discos, ou medalhões, dizem elas, não só as acompanham, como lhes seguem todos os movimentos, vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Esta coincidência, por si só, prova que a sede da aparência está em nós, e não fora de nós, e o que o demonstra, além disso, é que, em seus movimentos ondulatórios, jamais esses discos se afastam de um certo ângulo; como, porém, não seguem bruscamente o movimento da linha visual, parecem ter certa independência. A causa desse efeito é bem simples. Os pontos opacos ou semi-opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, são, já dissemos, mantidos em suspensão, mas tendendo sempre a descer. Quando sobem, é que foram solicitados pelo movimento dos olhos, de baixo para cima; chegados a certa altura, se o olho se torna fixo, nota-se que os discos descem lentamente, depois param. Sua mobilidade é extrema, porquanto basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los

percorrer no raio visual toda a amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde se projeta a imagem.

O mesmo diremos das centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração do músculo do olho, e são devidas, provavelmente, à fosforescência ou à eletricidade natural da íris, porque geralmente adstritas à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões não podem provir senão de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, teríamos de convir que estariam reduzidos a um papel puramente mecânico para seres inteligentes e livres, papel sofrivelmente fastidioso para os Espíritos inferiores e, com mais forte razão, incompatível com a idéia que fazemos dos Espíritos superiores.

Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não ficar provado que as imagens de que acabamos de falar, ainda que assumindo a forma humana, têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando uma vontade livre, nisso não veremos senão fenômenos fisiológicos ou ópticos. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que milhares de causas físicas podem produzir. Repetimos: enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é preciso olhá-lo duas vezes antes de o atribuir aos Espíritos.

4 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VI – item 108.
5 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo VI:

Sociedade, 25 de maio de 1860

30. Ao que parece, vosso marido possui a faculdade da vidência. Ele a tem realmente?

Resp. – Sim, positivamente.

31. Diz ele vos ter visto duas vezes após vossa morte. Isto é verdade?

Resp. – É bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a ser enganados pelos Espíritos impostores, como os médiuns escreventes?

Resp. – São enganados menos vezes que os médiuns escreventes, mas igualmente podem sê-lo, pelas falsas aparências, quando não são inspirados por Deus. Sob os Faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não se enganava, porque era inspirado por Deus.

33. Poderíeis explicar-nos agora vossas sensações, ao entrardes no mundo dos Espíritos? Além da perturbação mais ou menos longa que sempre acompanha a morte, houve um instante em que vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo?

Resp. – Sim, como sempre; impossível ser de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte?

Resp. – Começou na agonia.

35. Persistiu após a morte?

Resp. – Por muito pouco tempo.

36. Ao todo, quanto tempo pode ter durado?

Resp. – Cerca de quinze a dezoito de vossas horas.

37. Essa duração é variável, conforme os indivíduos?

Resp. – Certamente. Não é a mesma em todos os homens; depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se consumava o fenômeno da morte, tínheis consciência do que se passava com o corpo?

Resp. – Absolutamente. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento. Eis por que Lhe tira toda lembrança e toda sensação.

Observação – Este fato, que nos tem sido sempre confirmado, é análogo ao que se passa na volta do Espírito ao mundo corporal. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e só começa a recobrar as idéias no momento em que a criança respira. Somente então a união entre o Espírito e o corpo é completa e definitiva.

39. Como se operou o instante do despertamento? Vós vos reconhecestes subitamente ou houve um momento de semiconsciência, isto é, um vazio nas idéias?

Resp. – Permaneci nesse estado durante alguns instantes; depois, pouco a pouco, eu me reconheci.

40. Quanto tempo durou esse estado?

Resp. – Não sei exatamente; mas, pouco tempo. Creio que cerca de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentastes uma sensação agradável ou penosa?

Resp. – Não sei; quase não tinha consciência de mim mesma.

42. À medida que vossas idéias clareavam, tínheis a certeza da morte do corpo, ou julgastes por um instante ainda estar neste mundo?

Resp. – Realmente o julguei, durante alguns instantes.

43. Quando tivestes a certeza da morte, sentistes pesar?

Resp. – Não, absolutamente. A vida não é para se lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde vos encontráveis, e o que vos feriu primeiramente a vista?

Resp. – Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam e me auxiliavam a sair da perturbação. Foi essa mudança que me impressionou.

45. Vós vos encontrastes junto ao vosso marido?

Resp. – Eu pouco o deixo. Ele me vê, evoca-me, e isto substitui meu pobre corpo.

46. Fostes rever imediatamente as pessoas que tínheis conhecido: o Sr. Dumas e os outros espíritas de Sétif?

Resp. – R. Não; não imediatamente. Pensei que me evocariam; não havia muito que os havia deixado, mas encontrei alguns que conhecera e que não via há séculos. Eu era médium e espírita. Todos os Espíritos que eu havia evocado vieram receber-me. Isto me sensibilizou. Se soubésseis como é agradável reencontrar os amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha e nova?

Resp. – Oh! sim.

48. Esta resposta nos surpreende, porque não é a primeira vez que vos achais no mundo dos Espíritos.

Resp. – R. Isto nada tem que deva surpreender. Eu não era tão adiantada quanto hoje; e, depois, a diferença entre o mundo corporal e o mundo dos Espíritos é tão grande que haverá de surpreender sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara. Isto não resultaria dos progressos realizados pelo Espírito, cada vez que retorna ao mundo espiritual, ensejando-lhe percepções novas que o levam a encarar esse mundo sob outro aspecto?

Resp. – É bem isto. Eu vos disse que não era tão adiantada quanto hoje.

Observação – A seguinte comparação permite compreender o que se passa em tal circunstância. Suponhamos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; freqüentará uma sociedade, residirá num bairro compatível com a sua situação. Depois de uma ausência de vários anos, durante os quais tivesse ficado rico e adquirido certa educação, retorna a Paris e se encontra num meio completamente diverso do da primeira vez, e que lhe parecerá novo. Compreenderá e apreciará uma porção de coisas que apenas havia despertado sua atenção da primeira vez. Numa palavra, terá dificuldade em reconhecer sua antiga Paris e, no entanto, será sempre Paris, embora se lhe apresente sob um aspecto novo.

50. Como julgais agora as comunicações que são recebidas em Sétif? São, em geral, melhores ou piores?

Resp. – São como em toda parte: há boas e más, verdadeiras e falsas. Muitas vezes se ocupam de coisas que não são bastante sérias nem consideradas com acerto. Mas não julgam fazer mal. Tentarei corrigi-los.

51. Agradecemos a vossa presença e as explicações que houvestes por bem nos dar.

Resp. – Também vos agradeço por terdes pensado em mim.

Revista Espírita 1964

Allan Kardec

O sexto sentido e a visão espiritual

Ensaio Teórico Sobre os Espelhos Mágicos

Dá-se o nome de *espelhos mágicos* a objetos, geralmente de reflexos brilhantes, tais como gelo, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes projetam acontecimentos afastados, passados, presentes e, por vezes, futuros, e as põem em condição de responder às perguntas que lhes são dirigidas. O fenômeno não é excessivamente raro. Os espíritos fortes os tacham de crença supersticiosa, efeito da imaginação, charlatanismo, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; o mesmo se dá com todos os efeitos sonambúlicos e mediúnicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade, e se é mesmo forçado a admitir a existência de uma nova lei, ainda não observada.

Até agora não nos estendemos sobre este assunto, a despeito dos numerosos fatos que nos eram relatados, porque temos por princípio não afirmar senão o que podemos dar conta, já que é nosso hábito, tanto quanto possível, dizer o como e o porquê das coisas, isto é, juntar ao relato uma explicação racional. Mencionamos o fato com o testemunho de pessoas sérias e respeitáveis; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e, mesmo, a sua realidade, ainda não tínhamos visto com suficiente clareza a que lei podia ligar-se para ficar em condições de dar-lhe uma solução. Daí por que nos abstivemos. Além disso, os relatos que tínhamos à vista podiam estar carregados de

exagero; faltavam, sobretudo, certos detalhes de observação, os únicos que podem ajudar a fixar as idéias. Agora que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Inicialmente vamos relatar, de modo sumário, os fatos que testemunhamos. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos apenas tentar esclarecer um ponto ainda obscuro da ciência espírita.

Durante a excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das cercanias, torneiro de profissão, que goza da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe fazem. Para a descoberta das fontes, algumas vezes ele se transporta aos lugares, servindo-se da varinha usada em semelhantes casos; outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez:

Na propriedade do Sr. de W... havia um conduto de águas muito extenso; mas, em razão de certas causas locais, acharam melhor que a captação da água fosse mais próxima. A fim de poupar, na medida do possível, escavações inúteis, o Sr. de W... recorreu ao descobridor de fontes. Este, sem deixar o seu quarto, lhe disse, olhando o seu copo: "No percurso dos tubos existe uma outra fonte; está a tantos pés de profundidade, abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto." A coisa foi encontrada tal qual ele o havia indicado. A ocasião era muito favorável para ser aproveitada, no interesse de nossa instrução. Então fomos à casa desse homem, com o Sr. e a Sra. de W... e duas outras pessoas. Algumas informações por ele dadas não deixam de ser úteis.

Trata-se de um homem de sessenta e quatro anos, bem alto, magro, de boa saúde, embora aleijado e andando com dificuldade. É protestante, muito religioso e faz suas leituras habituais da Bíblia e de livros de preces. Sua enfermidade, conseqüente a uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a faculdade se lhe revelou. Diz que foi Deus que lhe quis dar uma compensação. Sua fisionomia é expressiva e alegre, o olhar vivo, inteligente e penetrante. Só fala o dialeto alemão da região e não entende uma palavra de francês. É casado e pai de família; vive do produto de alguns pedaços de terra e de seu trabalho pessoal, de modo que, sem estar folgado, não passa por necessidades.

Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para o consultar, seu primeiro movimento é de desconfiança; perscruta de certo modo as suas intenções e, por pouco favorável que seja essa impressão, responde que só se ocupa de fontes e recusa qualquer experiência com o copo. Nega-se, sobretudo, a responder a perguntas que tenham por objetivo a cupidez, tais a busca de tesouros, as especulações arriscadas, ou a realização de algum propósito mau; numa palavra, a todas as que possam chocar a lealdade e a delicadeza. Diz que Deus lhe retiraria a faculdade, caso se ocupasse dessas coisas. Quando alguém lhe é apresentado por pessoas de conhecimento, ou desperte a sua simpatia, logo sua fisionomia se torna aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga for sério e útil, ele se interessa e condescende nas buscas; mas se as perguntas forem fúteis e de mera curiosidade, ou se a ele se dirigem como a um ledor de buena-dicha, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W... tivemos a felicidade de ser bem recebido por ele, não tendo senão que demonstrar satisfação pela sua cordial acolhida e boa vontade.

Esse homem revela a mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, das intervenções dos Espíritos ou da ação fluídica. Para ele, sua faculdade está nos nervos, numa força que não sabe explicar, nem jamais buscou compreender, porque, quando lhe pedimos que dissesse de que maneira via em seu copo, parecemos que era a primeira vez que sua atenção era despertada para tal ponto. Isto, para nós, era coisa

essencial; não foi senão depois de algumas perguntas sucessivas que chegamos a compreender ou, melhor, a destrinçar o seu pensamento.

Seu copo é um copo comum para água, vazio, mas é sempre o mesmo; só tem essa serventia e não deveria utilizar outro. Na previsão de um acidente, foi-lhe indicado onde podia encontrar outro copo para substituí-lo. Havendo conseguido um, guarda-o de reserva. Quando o interroga, segura-o na palma da mão e olha no seu interior; se o copo for colocado na mesa, nada vê. Quando fixa o olhar no fundo, parece que os olhos se velam por um instante, mas logo retomam seu brilho habitual; então, olhando alternativamente para o copo e para os interlocutores, fala como de costume, dizendo o que vê, respondendo às perguntas de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz invocação, não emprega sinais cabalísticos nem pronuncia fórmulas ou palavras sacramentais. Quando lhe fazem uma pergunta, ele concentra a atenção e a vontade no assunto proposto, olhando no fundo do copo, onde se formam instantaneamente as imagens das pessoas e das coisas relativas ao tema de que se ocupa. Quanto às pessoas, descreve-as do ponto de vista físico e moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida quanto à sua identidade. Também descreve, com maior ou menor precisão, lugares que não conhece, destruindo, assim, a idéia de que aquilo que vê seja produto da sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo quarto tubo, por certo não podia tomá-lo do seu próprio cérebro. Para se tornar mais inteligível, ele se serve, em caso de necessidade, de um pedaço de giz, com o qual traça, na mesa, pontos, círculos, linhas de vários tamanhos, indicando as pessoas e os lugares de que fala, sua posição relativa, etc., de modo a não ter senão que as mostrar quando volta a elas, dizendo: É este que faz tal coisa, ou é em tal ponto que tal coisa se passa.

Certo dia uma senhora o interrogava quanto à sorte de uma mocinha, raptada por ciganos há mais de quinze anos, sem que, desde então, jamais tivessem tido notícias suas. Partindo, à maneira dos sonâmbulos, do local onde a coisa se dera, seguia os traços da menina que, dizia, via no copo, e que, segundo ele, tinha seguido pelas bordas de uma grande água, isto é, o mar. Afirmou que vivia e descreveu sua situação, sem, contudo, ser capaz de precisar o local de sua residência, pois ainda não havia chegado o momento de ser devolvida à sua mãe; que, antes, seria preciso se realizassem certas coisas que especificou, e que uma circunstância fortuita levasse a mãe a reconhecer a filha. A fim de melhor precisar a direção a seguir para encontrá-la, pediu que de outra vez lhe trouxessem uma carta geográfica. O mapa lhe foi mostrado em nossa presença, no dia de nossa visita; mas, porque não tivesse nenhuma noção de geografia, foi preciso explicar-lhe o que representava o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas. Então, pondo o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que levava ao lugar em questão. Embora houvesse decorrido algum tempo desde a primeira consulta, recordou-se perfeitamente de tudo quanto havia dito e foi o primeiro a falar da mocinha, antes mesmo que o interrogassem.

Como a questão ainda não fora esclarecida, nada podemos prejulgar quanto ao resultado de suas previsões. Diremos apenas que, em relação às circunstâncias passadas e conhecidas, ele tinha visto com total precisão. Citamos o caso apenas como exemplo de sua maneira de ver.

Pelo que nos respeita pessoalmente, também pudemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta prévia e, mesmo, sem que pensássemos no caso, ele nos falou espontaneamente de uma afecção que nos faz sofrer há algum tempo, cujo termo fixou. E, coisa notável, esse termo é o mesmo indicado pela sonâmbula, Sra. Roger, que tínhamos consultado sobre o assunto, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista, nem de nome; e embora lhe fosse difícil compreender a natureza dos nossos trabalhos, em razão de sua ignorância, indicou claramente, por meio de

circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, o seu objetivo, as suas tendências e os resultados inevitáveis. Sobretudo este último ponto parecia interessá-lo vivamente, pois repetia sem cessar que a coisa deveria realizar-se, que a ela estávamos destinado desde o nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Por si mesmo falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procuravam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca os que podiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais devíamos desconfiar, voltando sempre sobre uns e outros com certa obstinação; por fim entrou em detalhes circunstanciados de perfeita justeza, tanto mais notáveis quanto a maioria deles não eram provocados por nenhuma pergunta, coincidindo, em todos os pontos, com as revelações muitas vezes feitas por nossos guias espirituais, para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisas escapava totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, como ele próprio o dizia. Várias vezes repetiu: “Digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não compreenderiam; mas *ele* (designando-nos) me compreende perfeitamente.” Com efeito, havia coisas intencionalmente ditas em meias palavras, só inteligíveis para nós. Vimos no fato uma marca especial da benevolência dos Espíritos bons que, por esse meio novo e inesperado, quiseram confirmar as instruções que nos haviam dado em outras circunstâncias e, ao mesmo tempo, oferecer-nos um assunto de observação e de estudo.

Para nós, está comprovado que este homem é dotado de uma faculdade especial e que, realmente, ele vê. Vê sempre certo? Esta não é a questão; basta que tenha visto muitas vezes para constatar a existência do fenômeno. A infalibilidade não é dada a ninguém na Terra, já que aqui ninguém goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Eis o ponto essencial, que só pode ser deduzido pela observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e dos preconceitos do meio em que sempre viveu, está imbuído de certas idéias supersticiosas, que mistura com os seus relatos. É assim, por exemplo, que acredita na influência dos planetas sobre o destino das criaturas e na dos dias felizes e infelizes. Conforme o que tinha visto de nós, deveríamos ter nascido não sabemos sob que signo; deveríamos abster-nos de empreender coisas importantes em certo dia da Lua. Não tentamos dissuadi-lo, o que certamente não conseguiríamos e só teria servido para perturbá-lo. Mas o fato de ele ter algumas idéias falsas não constitui motivo para negar a faculdade que possui, como a presença do joio num monte de trigo não significa ausência de grãos de boa qualidade. Do mesmo modo, porque nem sempre um homem vê certo, não se segue absolutamente que não veja.

Quando mais ou menos se deu conta do fim e dos resultados de nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com certa ansiedade ao ouvido do Sr. de W... se por acaso teríamos encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em algumas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro, contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Conforme a mesma tradição, o livro será descoberto um dia. Se alguma coisa pode dar a chave de todas as alegorias das *Escrituras*, é, seguramente, o Espiritismo, que, assim, realizaria a idéia vinculada ao pretense sexto livro de Moisés. É muito singular que esse homem haja concebido tal idéia.

Um exame atento dos fatos acima demonstra completa analogia entre esta faculdade e o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista*, *dupla vista* ou *sonambulismo desperto*, e que é descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV. Ela tem, pois, o seu princípio na propriedade irradiante do fluido perispiritual que, em certos casos, permite à alma perceber coisas a distância, ou seja, a *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem; é a alma que, por seus raios, atingindo um ponto dado,

exerce sua ação exteriormente e sem o concurso dos órgãos corporais. Esta faculdade é muito mais comum do que se pensa e se apresenta com graus de intensidade e de aspectos muito diversos, conforme os indivíduos: nuns ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos clara, das coisas afastadas; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; em outros, enfim, pela transmissão do pensamento. É de notar que muitos a possuem sem o suspeitar e, sobretudo, sem se darem conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece tão natural como a faculdade de ver pelos olhos; muitas vezes, mesmo, confundem as duas percepções. Se se lhes perguntar como vêem, na maioria das vezes não sabem explicar melhor do que explicariam o mecanismo da visão ordinária.

O número de pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade é muito considerável, de modo que ela independe de um aparelho qualquer. O copo de que esse homem se serve é um acessório que só lhe é útil por hábito, pois constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem o olhar. Pelo que nos concerne, notadamente falando de indivíduos, ele os indicava com o giz, por sinais característicos de suas qualidades e de sua posição. Era, sobretudo, sobre esses sinais que ele falava, olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto no copo, que apenas olhava; mas, para ele, o copo é necessário, e eis como o podemos explicar:

A imagem que ele observa forma-se nos raios do fluido perispiritual, que lhe transmitem a sua sensação; concentrando-se sua atenção no fundo do copo, para aí dirige os raios fluídicos e, muito naturalmente, a imagem aí se concentra, como se se concentrasse sobre um objeto qualquer: num copo de água, numa garrafa, numa folha de papel, num mapa ou num ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e o circunscrever, e estamos convencidos de que quem quer que exerça tal faculdade com o auxílio de um objeto material verá igualmente bem com um pouco de exercício e com a firme vontade de o dispensar.

Contudo, admitindo-se, o que ainda não está provado, que o objeto possa agir sobre certas organizações, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desprendimento fluídico e, em consequência, o isolamento do Espírito, há um fato capital, adquirido pela experiência: é que não existe nenhuma substância especial que, a tal respeito, desfrute de uma propriedade exclusiva. O homem em questão só vê num copo vazio, seguro na palma da mão; não pode ver noutro copo e nem mesmo em seu próprio copo, desde que colocado de outro modo. Se a propriedade fosse inerente à substância e à forma do objeto, por que dois objetos, da mesma natureza e da mesma forma, não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que tem efeito sobre um não o teria sobre outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? É, como dissemos, porque a faculdade é inerente ao indivíduo, e não ao copo. A imagem forma-se nele mesmo, ou, melhor, nos raios fluídicos que dele emanam. A bem dizer, o copo não oferece senão o reflexo dessa imagem: é um efeito, e não uma causa. Tal a razão por que nem todos vêem no que se convencionou chamar *espelhos mágicos*. Para isto não basta a visão *corporal*; é necessário ser dotado da faculdade chamada *dupla vista*, que seria designada, mais apropriadamente, *visão espiritual*. E isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. Ele tem como agente o fluido perispiritual, como a visão corporal tem por agente o fluido luminoso. Assim como a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos à retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões. Esse fluido, como todos os outros, tem seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

Sendo o homem composto de Espírito, perispírito e corpo, durante a vida as percepções e sensações se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual*, depois da morte os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza aumenta em razão do desprendimento da matéria. O homem em que tal sentido é desenvolvido, goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, nem por isto o sentido espiritual deixa de produzir sobre todos os homens uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecimento do princípio.

Estando na Natureza, já que se prende à constituição do Espírito, essa faculdade existiu em todos os tempos; mas, como todos os efeitos cuja causa é desconhecida, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Os que a possuíam em grau eminente podiam dizer, saber e fazer coisas acima do alcance vulgar; dentre estes, uns eram acusados de pactuar com o diabo; qualificados de feiticeiros, eram queimados vivos, enquanto outros foram beatificados, como tendo o dom dos milagres, quando, na realidade, tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Voltemos aos *espelhos mágicos*. A palavra *magia*, que outrora significava *ciência dos sábios*, perdeu sua significação primitiva devido ao abuso que dela fizeram a superstição e o charlatanismo. Está hoje desacreditada com razão e cremos difícil reabilitá-la, por achar-se, desde então, ligada à idéia das operações cabalísticas, dos formulários de feiticeiros, dos talismãs e de uma imensidão de práticas supersticiosas, condenadas pela sã razão. Declinando de toda solidariedade com essas pretensas ciências, o Espiritismo deve evitar apropriar-se de termos que possam falsear a opinião no que lhe diz respeito. No caso de que se trata, a qualificação de *mágico* é tão imprópria quanto a de *feiticeiros*, atribuída aos médiuns. A designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* parece-nos mais exata, porque lembra o princípio em virtude do qual se produzem os efeitos. À nomenclatura espírita podemos, pois, juntar os nomes de *visão espiritual*, *sentido espiritual* e *espelhos espirituais*.

Posto que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam na borra de café, na clara dos ovos, na palma das mãos e nas cartas o que outros vêem num copo de água, dizendo, por vezes, coisas certas. Esses objetos e suas combinações não têm qualquer significado; são apenas um meio de fixar a atenção, um pretexto para falar, a bem dizer um suporte, pois é de notar que, no caso, o indivíduo apenas os olha, apesar de julgar faltar-lhe algo, se não os tiver à frente; ficaria desorientado, como ficaria o nosso homem, caso não tivesse o seu copo na mão; teria dificuldade para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou se não tiverem na mão um caderno, embora não o leiam.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais*, há também muita gente que, não tendo outra faculdade senão a de ver pelos olhos, e possuir a linguagem convencional afetada a esses sinais, iludem os outros ou a si mesmos; depois a igualmente numerosa multidão dos charlatães, que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso de tais processos, como meio de adivinhação e de uma porção de outros, que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, sem qualquer ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com a ajuda de tais processos certas pessoas podem, às vezes, dizer verdades, não é nosso propósito reabilitá-las na opinião pública, mas mostrar que as idéias supersticiosas por vezes têm sua origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, ao tornar conhecida a lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo

invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que se tinham feito sobre tais relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio.

Em síntese, a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual; por conseguinte, é uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, portanto, as percepções do sentido espiritual.

Em estado de vigília essas percepções geralmente são vagas, difusas e, por vezes, até insensíveis e inapreciáveis, porque amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. Todavia, pode dizer-se que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, no caso, supera a resistência da matéria.

Em estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase e, mesmo, no sono ordinário, estando os sentidos corporais momentaneamente adormecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendente a entorpecer os sentidos corporais provoca, por isto mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erro, desde que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos adiantado e, conseqüentemente, mais ou menos apto a julgar as coisas sensatamente e compreendê-las, e porque ainda sofre a influência da matéria.

Uma comparação fará melhor compreender o que se passa nesta circunstância. Na Terra, aquele que tem melhor visão pode ser enganado pelas aparências. Por muito tempo o homem acreditou no movimento do Sol. Necessitava da experiência e das luzes da Ciência para mostrar-lhe que era juguete de uma ilusão. Assim, há Espíritos pouco adiantados, encarnados ou desencarnados, que ignoram muitas coisas do mundo invisível, como sucede, aliás, com certos homens inteligentes, que ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual só lhes mostra o que sabem e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se nota com tanta freqüência nos *videntes* e nos extáticos, sem contar que sua ignorância os põe, mais que outros, à mercê dos Espíritos enganadores, que lhes exploram a credulidade e, mais ainda, o seu orgulho. Eis por que haveria imprudência em aceitar suas revelações sem controle. Não se deve perder de vista que estamos na Terra, num mundo de expiação, onde abundam os Espíritos inferiores e onde os Espíritos realmente superiores são exceções. Nos mundos adiantados dá-se exatamente o contrário.

As pessoas dotadas de visão espiritual podem ser consideradas médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnicos. Aquele que possui a visão espiritual vê pelo seu próprio Espírito e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; ele não é médium porque vê, mas por suas relações com outros Espíritos. Conforme sua natureza boa ou má, os Espíritos que o assistem podem facilitar ou enterrar sua lucidez, lhe fazer ver coisas justas ou falsas, o que também depende do objetivo a que se propõe e da utilidade que possam apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos, que se divertem à custa das pessoas excessivamente crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios só intervêm nas coisas sérias, e *o vidente mais bem dotado nada verá se não lhe for permitido responder ao que perguntam, ou ser perturbado por visões ilusórias, a fim de punir os curiosos indiscretos*. Embora possua sua própria faculdade, e por mais transcendente que ela seja,

nem sempre é livre para usá-la à vontade. Muitas vezes os Espíritos lhe dirigem o emprego e, se dela abusa, será o primeiro punido pela intromissão dos Espíritos maus.

Resta um ponto importante a esclarecer: o da previsão de acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado; mas como pode a visão espiritual dar a certos indivíduos o conhecimento do que ainda não existe? Para não nos repetirmos, aludimos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, sobre a *teoria da presciência*, onde a questão é tratada de maneira completa. Apenas acrescentaremos algumas palavras. Em princípio, o futuro é oculto ao homem por motivos tantas vezes já expostos; só excepcionalmente lhe é revelado e, além disso, ele é mais *pressentido* do que *predito*. Para o conhecer, Deus não deu ao homem nenhum meio certo. É, pois, em vão que este emprega, para tal finalidade, uma imensidão de processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se, por vezes, entre os ledores de buena-dicha, profissionais ou não, alguns são dotados da visão espiritual, é de notar que vêem no passado e no presente com uma freqüência muito maior que no futuro. Seria, pois, uma imprudência confiar de maneira absoluta em suas predições e, em consequência, regular sua conduta.

Revista Espírita 1865

Allan Kardec

O vidente da Floresta de Zimmerwald

Na *Revista Espírita* de outubro de 1864 fizemos um metucioso relato das observações que acabávamos de fazer sobre um camponês do cantão de Berna, que possui a faculdade de ver, num copo de vidro, as coisas distantes. Novas visitas que lhe fizemos este ano nos permitiram completar as observações e retificar, em certos pontos, a teoria que havíamos dado dos objetos vulgarmente designados sob o nome de *espelhos mágicos*, mais exatamente chamados *espelhos psíquicos*. Como antes de tudo buscamos a verdade e não temos a pretensão de ser infalível, quando acontece nos enganarmos não hesitamos em o reconhecer. Não conhecemos nada mais ridículo do que se aferrar a uma opinião errônea.

Para a compreensão do que se segue, e a fim de evitar repetições, rogamos aos nossos leitores que se reportem ao artigo precitado, que contém uma nota detalhada sobre o vidente em questão e sua maneira de operar.

Apenas lembraremos que se dá o nome de *espelhos mágicos* a objetos de diversas formas e naturezas, quase sempre de reflexo brilhante, tais como copos de beber, garrafas, vidros, placas metálicas, nos quais certas pessoas vêem coisas ausentes. Convencido por uma observação atenta de que essa faculdade não é senão a *dupla vista*, ou seja, a *visão espiritual* ou *psíquica*, independente da visão orgânica, e considerando-se que essa faculdade existe sem o concurso de qualquer objeto, havíamos concluído, de maneira muito absoluta, pela inutilidade desses objetos, pensando que o hábito de os utilizar apenas os tornava necessários, e que todo indivíduo, *vidente* com o seu concurso, poderia ver perfeitamente bem sem eles, caso tivesse vontade. Ora, é aí que está o erro, como vamos demonstrar.

Daremos previamente um relato sucinto dos novos fatos observados, porque servem de base às instruções a que os mesmos deram motivo.

Assim, tendo voltado à casa daquele homem, acompanhado do Sr. comandante de W., que gentilmente nos serviu de intérprete, logo ele se ocupou de nossa saúde; descreveu com facilidade e perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal, indicando os remédios necessários.

Em seguida, sem ser provocado por nenhuma pergunta, falou de nossos trabalhos, de seu objetivo e seus resultados, no mesmo sentido que no ano anterior, sem, contudo, ter conservado qualquer lembrança do que havia dito; mas aprofundou muito mais o assunto, cujo alcance parecia compreender melhor. Entrou em detalhes circunstanciados sobre a marcha atual e futura da doutrina que nos ocupa, sobre as causas que devem levar a este ou aquele resultado, sobre os obstáculos que nos serão suscitados e os meios de os superar, sobre as pessoas que nela representam ou devem representar um papel pró ou contra, aquelas sobre cujo devotamento e sinceridade se pode contar ou não, descrevendo-as física e moralmente, de maneira a provar que as via perfeitamente. Numa palavra, deu-nos uma instrução longamente desenvolvida e logicamente motivada, tanto mais notável porque confirma, em todos os pontos, e completa, sob certas relações, as dos nossos Espíritos protetores. As partes cuja exatidão estávamos em condições de apreciar não podiam deixar dúvida quanto à sua clarividência. Tendo tido com ele várias entrevistas, cada vez voltava ao mesmo assunto, confirmava-o ou o completava, sem jamais se contradizer, mesmo no que havia dito no ano anterior, de que as entrevistas atuais pareciam ser a continuação.

Sendo essa instrução absolutamente pessoal e confidencial, abstermo-nos de relatá-la em detalhes. Mencionamo-la por causa do fato importante que dela ressalta e que relatamos a seguir. Sem dúvida é de grande interesse para nós, mas nosso objetivo principal, voltando a ver esse homem, era fazer novos estudos sobre sua faculdade, no interesse da ciência espírita.

Um fato que constatamos é que não se pode constranger sua lucidez; vê o que se lhe apresenta e o descreve, mas não se pode fazer que veja à vontade o que se deseja, nem aquilo em que se pensa, embora leia os pensamentos. Na sessão principal que nos foi dedicada, em vão tentamos chamar sua atenção para outros assuntos; apesar de seus esforços, declarou nada ver no copo.

Quando trata de um assunto, é possível fazer-lhe perguntas que lhe dizem respeito, mas é inútil interrogá-lo sobre a primeira que surgir. E, contudo, muitas vezes lhe ocorre passar bruscamente do assunto que o ocupa a outro completamente estranho; depois volta ao primeiro. Quando se lhe pergunta a razão, responde que diz o que vê, e que isto não depende dele.

Vê *espontaneamente* as pessoas ausentes, quando estas se ligam diretamente àquilo que é objeto de seu exame, mas não de outro modo. Seu ponto de partida é o interrogador, sua pessoa, sua residência; daí se desdobram os fatos consecutivos. Também foi inutilmente que tentamos a seguinte experiência. Um dos nossos amigos de Paris, que acabava de nos escrever, desejava que o consultássemos a respeito da doença da filha. Nós lhe entregamos a carta, dizendo-lhe que a pusesse na palma da mão, sob o fundo do copo, pensando que a irradiação do fluido facilitaria a visão da pessoa. Ele nada fez: ao contrário, o reflexo branco do papel o incomodava; disse que a pessoa estava muito longe e, contudo, alguns instantes antes acabava de descrever, com perfeita exatidão e detalhes minuciosos, um indivíduo no qual absolutamente não pensávamos, bem como o local onde mora, e isto a uma distância quatro vezes maior. Mas esta pessoa estava envolvida no assunto que nos dizia respeito, ao passo que a outra lhe era completamente estranha. A sucessão dos acontecimentos o conduzia para um, e não para o outro.

Por conseguinte, sua lucidez não é flexível nem manejável, e absolutamente não se presta ao capricho do interrogador. Não está, pois, de modo algum, apto a satisfazer os que a ele viessem apenas por curiosidade. Aliás, como ele lê no pensamento, seu primeiro cuidado é ver a intenção do visitante, caso não o conheça; se a intenção não for séria, se perceber que o objetivo não é moral nem útil, recusa-se a falar e despede quem quer que lhe venha pedir que leia a sorte ou faça perguntas fúteis ou indiscretas. Numa palavra, é um vidente sério, e não um adivinho.

Como dissemos o ano passado, sua clarividência se aplica principalmente às fontes e aos cursos d'água subterrâneos. Só acessoriamente e por condescendência se ocupa de outras coisas.

É de uma ignorância absoluta, mesmo sobre os princípios mais elementares das ciências, mas tem muito senso natural e, devido à sua lucidez, muitas vezes supre a falta de conhecimentos adquiridos. Eis um exemplo.

Um dia, em nossa presença, alguém o interrogava sobre a possibilidade da existência de uma fonte mineral em certa localidade. Não há, diz ele, porque o terreno não é propício. Nós lhe fizemos ver que a origem das fontes por vezes está muito afastada do lugar onde se mostram, e se infiltram através de camadas terrestres. É verdade, replicou; mas há regiões onde as camadas são horizontais e outras onde são verticais. Neste de que esse senhor fala, elas são verticais e aí está o obstáculo. De onde lhe vinha essa idéia da direção das camadas terrestres, logo a ele que não tem a mínima noção de Geologia?

Nós o observamos cuidadosamente durante todo o curso de suas operações, e eis o que notamos:

Uma vez sentado, toma o seu copo, segura-o como descrevemos em nosso artigo anterior, olha alternativamente o fundo do copo e os assistentes e, durante cerca de um quarto de hora, fala de coisas sem importância, depois do que aborda o assunto principal. Nesse momento seus olhos, naturalmente vivos e penetrantes, ficam semicerrados, embaciam-se e se contraem; as pupilas desaparecem para o alto, deixando ver apenas o branco. De vez em quando, quando fixa alguém, as pupilas se mostram em parte ligeiramente, para de novo desaparecerem totalmente; e, contudo, olha sempre o fundo do copo ou as linhas que traça a giz. Ora, é bem evidente que, nesse estado, não é pelos olhos que vê. Salvo esta particularidade, nada há nele de sensivelmente anormal; fala com simplicidade, sem ênfase, como no estado ordinário, e não como um inspirado.

Na noite em que tivemos a nossa principal sessão, pedimos, através de um médium escrevente, instruções aos Espíritos bons sobre os fatos que acabávamos de testemunhar.

P. – Que se deve pensar das revelações espontâneas que hoje nos fez o vidente da floresta?

Resp. – Quisemos dar-vos uma prova da faculdade desse homem. Havíamos preparado o assunto de que ele devia tratar; por isto não pôde responder às outras perguntas que lhe fizestes. O que vos falou era apenas a nossa opinião. Ficastes admirado do que vos disse; falava por nós sem o saber e, neste momento, não sabe mais o que disse, como já não se lembra do que falou o ano passado, pois o seu raio de inteligência não chega até lá. Ao falar, nem mesmo compreendia o alcance do que dizia; falava melhor do que o teria feito o médium aqui presente, temeroso de ir muito longe. Eis por que dele nos servimos, por ser um instrumento mais dócil para as instruções que vos queríamos dar.

P. – Ele falou de um indivíduo que, segundo a descrição física e moral que dele fez, e por sua posição, parecia ser tal personagem. Poderíeis dizer se é, realmente, a que quis designar?

Resp. – Ele disse o que deveis saber.

Observação – É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se alia a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não de maneira permanente; ou seja, a lucidez lhe é pessoal e não uma questão de Espíritos, mas os Espíritos podem dar a essa lucidez a direção que lhes convém,

num caso determinado, inspirar lhe o que deve dizer e só o deixar dizer aquilo que for preciso. Ele é, pois, conforme a necessidade, *médium inconsciente*.

A faculdade de ver a distância e através dos corpos opacos só nos parece extraordinária, incompreensível, porque constitui um sentido de que não gozamos no estado normal. Estamos exatamente como os cegos de nascença, que não compreendem que se possa conhecer a existência, a forma e as propriedades dos objetos sem os tocar; ignoram que o fluido luminoso é o intermediário que nos põe em relação com os objetos afastados e nos traz a sua imagem. Sem o conhecimento das propriedades do fluido perispiritual, não compreendemos a visão sem o concurso dos olhos; a tal respeito somos verdadeiros cegos. Ora, a faculdade de ver a distância, com o auxílio do fluido perispiritual, não é mais maravilhosa e miraculosa que a de ver os astros a milhões de léguas, com o auxílio do fluido luminoso²⁵.

P. – Teríeis a bondade de dizer se o copo de que este homem se serve lhe é verdadeiramente útil? se igualmente não poderia ver em outro copo, num objeto qualquer, ou mesmo sem objeto, caso o quisesse? se a necessidade ou a especialidade do copo não seria um efeito do hábito, que lhe faz crer não poder dispensá-lo? Enfim, se a presença do copo é necessária, que ação exerce tal objeto sobre a sua lucidez?

Resp. – Estando o seu olhar concentrado no fundo do copo, o *reflexo brilhante* age primeiramente sobre os olhos, depois sobre o sistema nervoso, provocando uma espécie de semisonambulismo ou, mais exatamente, de sonambulismo desperto, no qual o Espírito, desprendido da matéria, adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista.

Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou a disposição de seus olhos. É por isto que ele não encontra facilmente os que reúnem as condições necessárias. (vide artigo do mês de outubro de 1864). Embora aparentemente os copos vos sejam semelhantes, há no poder refletor e no modo de irradiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, nuances que não podeis apreciar, e que são adequadas ao seu organismo individual.

25 Neste momento o *Siècle* publica, sob o título de *A dupla vista*, um interessantíssimo romance-folhetim de Élie Berthet. Na hora atual vem a propósito. Há cerca de dois anos o Sr. Xavier Saintine tinha publicado no *Constitutionnel*, sob o título de *A segunda vista*, uma série de fatos baseados na pluralidade das existências e nas relações espontâneas que se estabelecem entre vivos e mortos. É assim que a literatura ajuda a vulgarização das idéias novas. Aí só falta a palavra *Espiritismo*.

Para ele, portanto, o copo é um meio de desenvolver e de fixar sua lucidez. É-lhe realmente necessário, porque nele, *não sendo permanente o estado de lucidez*, necessita ser provocado; outro objeto não o poderia substituir, e esse mesmo copo, que sobre ele produz esse efeito, nada produziria sobre outra pessoa, mesmo vidente. Os meios de provocar essa lucidez variam conforme os indivíduos.

Consequências da explicação precedente

Eis-nos no ponto principal a que nos propusemos. A explicação precedente parece resolver a questão com perfeita clareza. Tudo está nestas palavras: *A lucidez não é permanente neste homem*. O copo é um meio de a provocar, pela ação da irradiação sobre o sistema nervoso. Mas é preciso que o modo de irradiação esteja em relação com o organismo. Daí a variedade dos objetos que podem produzir tal efeito, conforme os indivíduos predispostos a sofrê-los. Disto resulta que:

1o – Para aqueles em que a visão psíquica é espontânea ou permanente, o emprego de agentes artificiais é inútil; 2o – esses agentes são necessários quando a faculdade necessita ser

superexcitada; 3o – devendo esses agentes ser apropriados ao organismo, o que tem ação sobre uns nada produz sobre outros.

Certas particularidades de nosso vidente encontram sua razão de ser nesta explicação.

A carta colocada debaixo do copo, em vez de o facilitar, o perturbava, porque mudava a natureza do reflexo que lhe é próprio.

Dissemos que ele, ao começar, fala de coisas sem importância, enquanto olha o corpo. É que a ação não é instantânea, e essa conversa preliminar, sem objetivo aparente, dura o tempo necessário à produção do efeito.

Assim como o estado lúcido não se desenvolve senão gradualmente, não cessa de repente. É a razão pela qual esse homem ainda continua vendo alguns instantes depois de ter deixado de olhar em seu copo, o que nos tinha levado a supor que o objeto fosse inútil. Mas como, de certo modo, o estado lúcido é artificial, de vez em quando ele recorre ao copo para o manter.

Até certo ponto compreende-se o desenvolvimento da faculdade por um meio material; mas como a imagem de uma pessoa distante pode apresentar-se num copo? Só o Espiritismo pode resolver este problema, pelo conhecimento que dá da natureza da alma, de suas faculdades, das propriedades de seu invólucro perispiritual, de sua irradiação, de seu poder emancipador e de seu desprendimento do envoltório corporal. No estado de desprendimento, a alma desfruta de percepções que lhe são próprias, sem o concurso dos órgãos materiais; a visão é um atributo do ser espiritual; vê por si mesmo, sem o auxílio dos olhos, como ouve sem o concurso do ouvido; *se os órgãos dos sentidos fossem indispensáveis às percepções da alma, seguir-se-ia que, depois da morte, não tendo mais a alma esses órgãos, seria surda e cega.* O desprendimento completo, que ocorre após a morte, produz-se parcialmente durante a vida, e é então que se manifesta o fenômeno da visão espiritual, ou, em outras palavras, da dupla vista ou segunda vista, ou da visão psíquica, cujo poder se estende tão longe quanto a irradiação da alma.

No caso de que se trata, a imagem não se forma na substância do vidro; é a própria alma que, por sua irradiação, percebe o objeto no local onde se encontra. Mas como, nesse homem, o copo é o agente provocador do estado lúcido, a imagem lhe aparece muito naturalmente na direção do copo. É absolutamente como aquele que precisa de um óculo de alcance para ver ao longe o que não pode distinguir a olho nu; a imagem do objeto não está nos vidros da luneta, mas na direção dos vidros, que lhe permitem vê-la. Tirei-lhe o instrumento e ele nada mais verá. Prosseguindo a comparação, diremos que, assim como aquele que tem uma boa vista não necessita de lunetas, o que goza naturalmente da visão psíquica não precisa de meios artificiais para provocá-la.

Há alguns anos, um médico descobriu que, pondo entre os olhos, na base do nariz, uma rolha de garrafa, uma bola de cristal ou de metal brilhante, e fazendo convergirem os raios visuais para esse objeto durante algum tempo, a pessoa entrava numa espécie de estado cataléptico, durante o qual se manifestavam algumas das faculdades que se notam em certos sonâmbulos, entre outras a insensibilidade e a visão a distância, através dos corpos opacos, e que esse estado cessava pouco a pouco, após a retirada do objeto. Evidentemente era um efeito magnético, produzido por um corpo inerte.

Que papel fisiológico desempenha o reflexo brilhante nesse fenômeno? É o que se ignora. Mas, se essa condição é necessária na maioria dos casos, constatou-se que não o é sempre, e que o mesmo efeito é produzido em certos indivíduos com o auxílio de objetos foscos.

Este fenômeno, ao qual se deu o nome de *hipnotismo*, fez ruído nos meios científicos. Experimentaram. Uns tiveram sucesso, outros fracassaram, como devia ser, pois nem todos os pacientes tinham a mesma aptidão. Certamente valia a pena estudar a coisa, fosse ainda

excepcional; mas – é lamentável dizer – desde que perceberam que era uma porta secreta pela qual o magnetismo e o sonambulismo iriam penetrar, sob uma outra forma e um outro nome, no santuário da ciência oficial, não mais se cogitou de hipnotismo. (Vide a *Revista Espírita* de janeiro de 1860).

Entretanto, jamais a Natureza perde os seus direitos. Se as leis são desconhecidas por algum tempo, muitas vezes volta à carga e as apresenta sob formas tão variadas que, mais cedo ou mais tarde, obriga a abrir os olhos. O Espiritismo é prova disto; por mais que o neguem, o denigram, o repilam, ele bate em todas as portas de cem maneiras diferentes e, por bem ou por mal, penetra naqueles mesmos que dele não querem ouvir falar.

Comparando este fenômeno com aquele que nos ocupa, e principalmente com as explicações dadas acima, nota-se, nos efeitos e nas causas, uma analogia surpreendente, donde se pode tirar a seguinte conclusão: os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos* não passam de agentes hipnóticos, infinitamente variados em suas formas e em seus efeitos, segundo a natureza e o grau das aptidões.

Isto posto, não seria impossível que certas pessoas, dotadas espontânea e acidentalmente dessa faculdade, sofressem, sem que o soubessem, a influência magnética de objetos exteriores, sobre os quais maquinalmente fixam os olhos. Por que o reflexo da água, de um lago, de um pântano, de um ribeirão, mesmo de um *astro*, não produziria o mesmo efeito que um copo ou uma garrafa, sobre certas organizações convenientemente predispostas? Mas isto não passa de uma hipótese que precisa da confirmação da experiência.

Aliás, este fenômeno não é uma descoberta moderna. É encontrado, mesmo em nossos dias, nos povos mais atrasados, tanto é certo que o que está na Natureza tem o privilégio de ser de todos os tempos e lugares. A princípio aceitam-no como um fato: a explicação vem depois, com o progresso, e à medida que o homem avança no conhecimento das leis que regem o mundo. Tais as conseqüências que parecem decorrer logicamente dos fatos observados.

Revista Espírita 1866

Allan Kardec

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Na nova fase em que entrastes, com a chave dada pelo Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve explicar-se, pelo menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades conferidas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, causa de tantos fatos até hoje deixados sem explicação racional. Com efeito, retornai às diferentes idades da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda parte, nas que vos precederam, encontrareis seres que, através da visão, foram postos em relação com o mundo dos Espíritos.

Em todos os tempos, em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Muito pequenos por si mesmos, os homens sempre foram assistidos por aqueles invisíveis que os tinham precedido na erraticidade e que, obedientes à lei de reciprocidade universal, lhes vinham trazer, por comunicações muitas vezes inconscientes, os conhecimentos por eles adquiridos, e lhes traçar a conduta a seguir para descobrir a verdade.

Como disse, a primeira das faculdades mediúnicas foi a visão. Quantos adversários não encontrou ela entre os interessados de todos os tempos! Mas não se deveria inferir de minha linguagem que todas as visões sejam resultado de comunicações reais; muitas se devem à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultam de um complô urdido para servir a um cálculo ou satisfazer ao orgulho.

Crede-me, o médium vidente é, de todos, o mais impressionável; o que se viu grava-se melhor no espírito. Quando o vosso grão-duque¹¹, fanfarrão e vão como a maior parte dos de sua raça, viu aparecer-lhe o seu avô, pois era mesmo uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pedro, o Grande, tinha aceitado em favor de seu neto, e que consistia em o conduzir e inspirar, desde esse instante a mediunidade foi permanente no duque e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; também tinha a intuição e a audição. Mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, recusou-se a tirar proveito das sábias advertências que lhe davam seus guias. Foi pela audição que teve a revelação de seu fim trágico. Desde essa época, seu Espírito progrediu muito. Hoje não temeria mais o ridículo de crer na visão e, por isto, vem dizer:

“Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, na progressão constante para o bem dos homens e dos povos e me tenho por muito honrado que uma de minhas puerilidades tenham provocado uma dissertação onde tenho tudo a ganhar e vós nada a perder.”

11 Vários russos assistiam à sessão na qual esta comunicação foi dada. Sem dúvida foi o que motivou a expressão: *Vosso grão-duque*

Paulo

VARIÉDADES

Mediunidade de Vidências nas crianças

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Caen:

“Ultimamente eu estava no hotel Saint-Pierre, em Caen; tomava um copo de cerveja enquanto lia um jornal. A filhinha da casa, creio com cerca de quatro anos, estava sentada na escada e comia cerejas. Não percebia que eu a via e parecia entregue numa conversa com seres invisíveis, aos quais oferecia cerejas. Tudo o indicava: sua fisionomia, seus gestos, as inflexões da voz. Ora se virava bruscamente, dizendo: Tu, tu não as terás; não és gentil. – Eis para ti, dizia a uma outra. – Então, o que é que me atiras? Dizia a uma terceira. Dir-se-ia rodeada por outras crianças; ora se levantava, estendia as mãos, oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam dar gargalhadas. Esta pequena cena durou mais de meia hora e a conversa só terminou quando a menina percebeu que eu a observava. Sei que muitas vezes as crianças se divertem em *apartes* deste gênero, mas aqui era completamente diferente; a fisionomia e as maneiras refletiam impressões reais, que não eram as de um jogo

representado. Eu pensava, sem dúvida, que era um médium vidente ainda verde, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, aí colheriam numerosos casos de observação e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos.”

É lamentável que o nosso correspondente não tenha tido a idéia de interrogar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava. Teria podido assegurar-se se a conversa realmente tinha ocorrido com seres invisíveis e, neste caso, daí poderia ter saído uma instrução tanto mais importante porque, sendo o nosso correspondente um espírita muito esclarecido, poderia dirigir utilmente as perguntas. Seja como for, muitos outros fatos provam que a mediunidade de vidência é muito comum, se não mesmo geral, nas crianças, e isto é providencial. Ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm buscá-la em seu retorno. Mostram-se a elas nos primeiros tempos, a fim de que a transição não seja muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem a perder de vista. A filhinha em questão, em vez de ser, como pensa o nosso correspondente, um médium vidente ainda verde, bem poderia estar em seu declínio, e não mais gozar desta faculdade para o resto da vida. (Vide a Revista de fevereiro de 1865: *Espíritos instrutores da infância*).

Allan Kardec

Revista Espírita 1867

Allan Kardec

Observação – O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, não é, com efeito, senão uma forma de mediunidade vidente, cujo desenvolvimento já era anunciado há algum tempo, assim como o aparecimento de novas aptidões mediúnicas. É notável que em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas desta faculdade são mais numerosas do que nos tempos normais. Houve-os muito no momento da Revolução; os calvinistas das Cevenas, perseguidos como animais selvagens, tinham numerosos videntes que os advertiam do que se passava ao longe; por este fato, e por ironia, foram classificados de iluminados; hoje, começa-se a compreender que a visão a distância, independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e pelas propriedades da alma. Os fatos deste gênero se multiplicaram de tal maneira que já não causam tanta admiração; o que outrora parecia a alguns milagre ou sortilégio, é hoje considerado como efeito natural. É uma das mil vias pelas quais penetra o Espiritismo, de sorte que, se se estanca uma fonte, ele surge por outros caminhos.

Assim, esta faculdade não é nova, mas tende a generalizar-se, sem dúvida pelo motivo indicado na comunicação acima, mas, também, como meio de provar aos incrédulos a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornaria mesmo epidêmica, o que naturalmente se explicaria pela transformação moral da Humanidade, transformação que deveria produzir no organismo modificações que facilitassem a expansão da alma.

Como outras faculdades mediúnicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo. Desse modo, é bom precaver-se contra a trapaça que, por um motivo qualquer, poderia tentar simulá-la, e assegurar-se, por todos os meios possíveis, da boa-fé dos que dizem possui-la. Além do

desinteresse material e moral e da honorabilidade notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais se produz o fenômeno, e ver se nada oferecem de suspeito.

Revista Espírita 1868

Allan Kardec

Mediunidade no Copo d'Água

Um dos nossos correspondentes de Genebra nos transmite interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver num copo d'água magnetizado. Essa faculdade tem muitas relações com a do vidente de Zimmerwald, do qual fizemos um relato circunstanciado na Revista de outubro de 1864 e outubro de 1865. A diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo e que a faculdade, de certo modo, lhe é pessoal; ao contrário, o fenômeno que nos é assinalado se produz com o auxílio de qualquer copo que contenha água magnetizada, e que parece vulgarizar-se. Se assim é, a mediunidade vidente poderia tornar-se tão comum quanto a pela escrita. Eis as informações que nos são dadas, segundo as quais cada um poderá experimentar, desde que se coloque em condições favoráveis:

"A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada acaba de se revelar entre nós num certo número de pessoas. Em um mês temos quinze médiuns videntes deste gênero, tendo cada um a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem senhora, que não sabe ler nem escrever; é mais particularmente apta para as doenças, e eis como nossos Espíritos bons procedem, para nos mostrar o mal e o remédio. Tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher, que se achava na reunião, havia recebido um golpe certo no peito; apareceu no copo absolutamente como uma fotografia; levou a mão sobre a parte lesada. A Sra. V... (o médium) viu em seguida o peito se abrir e notou que havia sangue coagulado no lugar onde se dera o golpe; depois tudo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios, que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. Esta mulher ficou perfeitamente curada depois de ter seguido o tratamento.

"Quando se trata de um obsedado, o médium vê os Espíritos maus que o atormentam; a seguir aparecem, como remédio, o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

"Temos um outro médium, cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores muitas vezes nos têm apresentado, por seu intermédio, cenas comovedoras, para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia evocamos o Espírito de um indivíduo que se afogara voluntariamente; apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte posterior da cabeça e os cabelos semimergulhados na água. Durante duas sessões foi-nos impossível ver-lhe o rosto. Fizemos a prece pelos suicidas; no dia seguinte o médium viu a cabeça fora d'água, sendo possível reconhecer os traços de um parente de uma das pessoas da Sociedade. Continuamos nossas preces e, embora o rosto ainda exibisse uma expressão de sofrimento, parecia retomar a vida.

"Desde algum tempo vinham-se produzindo ruídos semelhantes aos de Poitiers, em casa de uma senhora que reside nos subúrbios de Genebra, e que causavam grande agitação em toda a casa. Essa senhora, que não conhecia absolutamente o Espiritismo, dele tendo ouvido falar, veio

nos ver com seu irmão, pedindo para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu em seu copo uma casa, no interior da qual um Espírito mau punha tudo em desordem, remexia os móveis e quebrava as louças. Pela descrição feita, aquela senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má em vida, e que lhe tinha prejudicado bastante. Dirigimos ao Espírito algumas palavras benevolentes, para o trazer a melhores sentimentos, e à medida que lhe falávamos, seu rosto adquiria uma expressão mais doce. No dia seguinte, fomos à casa daquela dama e à noite foi completado o trabalho da véspera. Os ruídos cessaram quase completamente, desde a partida da cozinheira que, parece, servia de médium inconsciente àquele Espírito. Como tudo tem sua razão de ser e sua utilidade, penso que tais ruídos tinham por objetivo levar aquela família ao conhecimento do Espiritismo.

“Eis agora o que nossas observações nos ensinaram quanto à maneira de operar:

“É preciso um copo liso, bem uniforme no fundo; enchem-no de água até a metade, magnetizando-a pelos processos ordinários, isto é, pela imposição das mãos e, sobretudo, pela extremidade dos dedos, na boca do copo, auxiliada pela ação contínua do olhar e do pensamento. A duração da magnetização é de cerca de dez minutos na primeira vez; mais tarde bastam cinco minutos. A mesma pessoa pode magnetizar vários copos ao mesmo tempo.

“O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve magnetizar o seu próprio copo, pois consumiria o fluido que lhe é necessário para ver. Para a magnetização é preciso um médium especial, havendo, para isto, os dotados de um poder mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água qualquer fenômeno que indique a sua saturação.

“Feito isto, cada experimentador coloca o copo à sua frente e o olha durante vinte ou trinta minutos no máximo, algumas vezes menos, conforme a aptidão. Esse tempo só é necessário nas primeiras tentativas; quando a faculdade está desenvolvida, bastam alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para chamar o concurso dos Espíritos bons.

“Os que são aptos a ver distinguem, de início, no fundo do copo, uma espécie de pequena nuvem; é um indício certo de que verá. Pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Entre si os médiuns podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não sejam dotadas desta faculdade. Algumas vezes parte do assunto aparece num copo e a outra parte em outro; para as doenças, por exemplo, um verá o mal e o outro o remédio. Outras vezes dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a imagem da mesma pessoa, mas geralmente em condições diferentes.

“Muitas vezes a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Em geral ela é bastante espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê. Mas também pode ser provocada por uma evocação.

“Ultimamente fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos e que jamais ouvira falar do Espiritismo. A senhora pediu-me que lhe magnetizasse um copo d'água. A moça o olhou cerca de um quarto de hora, e disse: 'Vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo a manga de seu vestido, levantada, como era seu costume.' Essa mãe, que conhecia a sensibilidade da filha, sem dúvida não quis mostrar-se subitamente para lhe evitar uma impressão muito grande. Então pedi àquele Espírito, se fosse o da mãe do médium, que se desse a conhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou do tamanho de uma fotografia, mas virado de costas. Era ainda uma precaução para preparar a filha para a ver. Esta reconheceu o seu gorro, um fichu, as cores e os desenhos de seu vestido. Vivamente emocionada, dirigiu-lhe as mais ternas palavras, pedindo-lhe que deixasse ver o seu rosto. Eu mesmo lhe pedi que atendesse ao desejo de sua filha. Então ela se apagou, deu-se a perturbação e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento, agradecendo a Deus a dádiva que ele acabava de lhe conceder.

"A própria senhora desejava muito ver. No dia seguinte fizemos uma sessão em sua casa, que foi cheia de bons ensinamentos. Depois de ter olhado inutilmente no copo cerca de meia-hora, disse ela: 'Meu Deus! se ao menos eu pudesse ver o diabo no copo, ficaria contente!' Mas Deus não lhe concedeu esta satisfação.

"Os incrédulos não deixarão de creditar esses fenômenos à conta da imaginação. Mas os fatos aí estão para provar que, numa porção de casos, a imaginação aí não entra absolutamente. Primeiro, nem todo mundo vê, por mais desejo que tenha. Eu mesmo muitas vezes fiquei com o espírito superexcitado com este objetivo, sem jamais obter o menor resultado. A senhora de quem acabo de falar, malgrado seu desejo de ver o diabo, após meia hora de espera e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe quando esta lhe apareceu; e, depois, todas essas precauções para não se mostrar senão gradualmente atestam uma combinação, uma vontade estranha, nas quais a imaginação do médium não podia de modo algum participar.

"Para ter uma prova ainda mais positiva, fiz a seguinte experiência. Tendo ido passar alguns dias no campo, a algumas léguas de Genebra, havia, na família onde me encontrava, várias crianças. Como fizessem muito barulho, propus-lhe, para as ocupar, um jogo mais tranqüilo. Tomei um copo d'água e o magnetizei, sem que ninguém percebesse, e lhes disse: 'Qual dentre vós terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?' Abstive-me de acrescentar que eles poderiam nele ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Vários perderam a paciência antes do fim da prova; uma menina de onze anos foi mais perseverante; ao cabo de doze minutos, soltou um grito de alegria, dizendo que via uma magnífica paisagem, cuja descrição nos fez. Uma outra menina de sete anos, por sua vez tendo querido olhar, adormeceu instantaneamente. Com medo de a fatigar, logo a despertei. Onde está aqui o efeito da imaginação?

"Esta faculdade pode, pois, ser ensaiada numa reunião de pessoas, mas aconselho que, nas primeiras reuniões, não sejam admitidas pessoas hostis. Sendo necessários a calma e o recolhimento, a faculdade não se desenvolverá senão mais facilmente; quando formada, é menos susceptível de ser perturbada.

"O médium só vê com os olhos abertos; quando os fecha, está na escuridão. Pelo menos é o que notamos, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para repousar, o que lhe acontece duas ou três vezes por sessão. Vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite é preciso luz.

"A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão facilmente quanto a das pessoas mortas. Tendo perguntado a razão disto ao meu Espírito familiar, ele me respondeu: 'São suas *imagens* que vos apresentamos; os Espíritos são tão hábeis para pintar quanto para viajar.' Entretanto, os médiuns distinguem sem esforço o Espírito de uma pessoa viva; há qualquer coisa de menos material.

"O médium do copo d'água difere do sonâmbulo pelo fato de o Espírito deste último se destacar; é-lhe necessário um fio condutor para ir procurar a pessoa ausente, enquanto o primeiro tem a sua imagem sob os olhos, que é o reflexo de sua alma e de seus pensamentos. Fatiga-se menos que o sonâmbulo, e está também menos exposto a se deixar intimidar pela visão dos Espíritos maus que podem apresentar-se. Esses Espíritos podem bem o fatigar, porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode, à vontade, subtrair-se ao seu olhar, deles recebendo, aliás, uma impressão menos direta.

"Dá-se nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai a si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro apresentam-se de bom grado Espíritos impuros. O meio de atrair os Espíritos bons é estar animado de bons sentimentos, só perguntar coisas justas e

razoáveis, não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para coisas fúteis. Se dela fizermos um objeto de distração, de curiosidade ou de tráfico ilegal, cairemos inevitavelmente na turba de Espíritos levianos e enganadores, que se divertem em apresentar imagens ridículas e falaciosas.”

Observação – Como princípio, esta mediunidade certamente não é nova. Mas aqui se desenha de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o mistério da constituição íntima do mundo invisível, cujas leis conhecidas confirma, ao mesmo tempo que nos mostra suas novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos ainda incompreendidos da vida diária e, por sua vulgarização, não deixará de abrir novo caminho à propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudarão, e muitos entrarão no Espiritismo por esta porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até agora se compreendia a visão direta dos Espíritos em certas condições, a visão a distância de objetos reais: é hoje uma teoria elementar; mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir alojar-se num copo d’água, do mesmo modo que aí não se alojam casas, paisagens e pessoas vivas.

Aliás, seria erro acreditar que aí estivesse um meio melhor que outro de saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por este processo ou qualquer outro, não vêm à vontade; não vêm senão o que os Espíritos lhes querem fazer ver, ou têm a permissão de lhes fazer ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar a vontade dos Espíritos, nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade mediúnica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim nos podemos exprimir, esteja em condições de funcionar. Ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis por que a mediunidade não pode ser uma profissão, já que poderia faltar no momento em que fosse necessária para satisfazer o cliente. Daí a incitação à fraude, para simular a ação do Espírito.

Prova a experiência que os Espíritos, sejam quais forem, *jamaís* estão ao capricho dos homens, não mais do que e menos ainda, do que quando estavam neste mundo; e, por outro lado, diz o simples bom-senso que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam vir ao apelo do primeiro que viesse para coisas fúteis e representar o papel de saltimbancos e de ledores de buena-dicha. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de manter aberta uma banca de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos espíritas, porque imaginam que estes acreditam em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa, e que os manobram como marionetes. Achar isto ridículo e estão cheios de razões; onde estão errados é quando crêem que o Espiritismo ensine semelhantes absurdos, quando ele diz exatamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, encontraram alguns de uma credulidade muito fácil, não foi entre os espíritas esclarecidos. Ora, nesse número, há necessariamente os que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não se alojam no copo d’água; eis o que é positivo. Que há, pois, no copo? Uma imagem, e não outra coisa; imagem tirada da Natureza, daí por que muitas vezes é exata. Como é produzida? Eis o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora ainda não se lhe possa dar uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte, parece-nos, lança uma grande luz sobre a questão.

Revista Espírita 1868

Allan Kardec

Fotografia do Pensamento 17

Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro *A Gênese*, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é o do som.

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zanolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar,

que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos, que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim nos podemos exprimir, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. Assim, o conhecimento dessas leis é tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, pois só ele pode explicar certos fatos da vida material.

Criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispírico, como num espelho, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; toma nele corpo e aí de certo modo se *fotografa*. Tenha um homem, por exemplo, a idéia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Os olhos do corpo vêem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, vendo a intenção, o vidente bem pode pressentir a execução do ato que lhe será a conseqüência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que vêem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. Além disso, a maior ou menor exatidão nas previsões depende da extensão e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, enquanto noutros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Vide em *A Gênese* o capítulo da "Presciência").

A teoria das criações fluídicas e, por conseqüência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e, doravante, pode ser considerada como demonstrada em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que resultam da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí se pode encontrar a explicação da mediunidade pelo copo d'água (Vide o artigo precedente). Desde que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo o caso, o copo

d'água não é senão um meio de a reproduzir, mas não é o único, como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.

17 N. do T.: Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo XIV, itens 13 a 15.

Da Alma Humana

Antônio J. Freire (Médico)

Fls. 69 As faculdades clarividentes etéricas são dignas dum estudo profundo e desenvolvimento proficiente e progressivo, porque podem prestar os maiores serviços, quer à Física, quer à Química, e entre as suas numerosas modalidades sobressai vidência através dos corpos opacos, por mais espessos que sejam e seja qual for a natureza da matéria que os constitua. A vidência etérica desafia os mais aperfeiçoados microscópicos, pois possui a dupla propriedade de reduzir às mínimas proporções os objetos mais vastos e volumosos, ficando assim reduzidos a miniaturas claras, nítidas e precisas; como também possui a preciosa qualidade de aumentar, *ad libitum*, tudo o que for suscetível de ser observado na lamela do microscópico, como um poder incomparavelmente maior de aumento por parte do clarividente etérico. Às Ciências naturais – Botânica e Zoologia – pode prestar valiosíssimos serviços.

Capítulo VI

Experiências de Hector Durville e de L. Lefranc

(Confirmação experimental do desdobramento do duplo humano. – Inventando novos processos de técnica biomagnética, dissociam outros elementos de agregado humano)

Em 1909, Hector Durville verificou a exatidão das experiências de A. de Rochas de Aiglun referentes ao descobrimento da alma humana e à projeção do duplo, por processos magnéticos mais rápidos e simples, e menos perigosos, conjugando os passes magnéticos com a sugestão (1). Além das indicações fornecidas pelos seus passivos, serviu-se também de videntes naturais e de videntes magnéticos a fim de obter informações mais precisas e variadas, que a fotografia e outros meios de verificação físico-química vieram confirmar plenamente nos mais importantes fatos.

(1) **Hector Durville** – "Physique Magnetique", 2 vols. Paris; "Théories et procédés du Magnetisme", 1 vol. Paris; "Pour dédoubler le corps humains", 1 vol. Paris; "Le fantôme dès vivants", 1 vol. In 4, Paris; "Télépathie, télépsychie", 1 vol. Paris, s. d.

Fls 209 Muitos espíritas, sobretudo entre nós, nos seus trabalhos experimentais, nas clássicas sessões espíritas, fazem demasiada abstração dos encarnados, que na sua boa fé e ignorância são fator desprezível no ponto de vista da exteriorização do seu duplo.

Ora, esta atitude representa um erro crasso e pode dar origem a formidáveis erros de interpretação e a perigos inesperados.

Nós temos tido algumas sessões – bem desagradáveis, por sinal – em que os vivos, em astral, isto é, os seus duplos, dominam toda a ação, e os resultados teriam sido funestos, se não estivéssemos prevenidos, e não lançássemos não dos nossos videntes, cuja presença é indispensável nas sessões espíritas.

O Astral Inferior engloba tanto encarnados como desencarnados, e a goecia, nas suas múltiplas modalidades, quando praticada pelos primeiros, talvez seja ainda mais perigosa. Em Lisboa, infelizmente, faz-se ainda magia negra (goecia).

Não esqueçamos: - tanto os encarnados como os desencarnados têm, precisamente, na espécie, qualitativamente, as mesmas potencialidades anímicas e espirituais, havendo, apenas, diferenças quantitativas, em grau, no desenvolvimento evolutivo com tendências tanto para o Bem, como para o Mal (teurgia e goecia).

O encarnado opera paralela e analogamente como o desencarnado, em particular no plano terrestre, desde que desarticule e exteriorize o perispírito do corpo físico, e para conseguir esta finalidade os processos são múltiplos, desde os naturais aos artificiais, desde o sono fisiológico e do hipnomagnetismo ao auto-desdobramento consciente, etc.. O cordão astral, um dos caracteres distintivos do encarnado desdobrado, não é o seu calcanhar de Aquiles como alguns teóricos supõem, mercê da sua extraordinária elasticidade e doutras propriedades intrínsecas que o põem ao abrigo de muitos incidentes, só teoricamente apreciáveis.

No entanto, não será demasiado recomendar toda a prudência e circunspeção nas sessões espíritas experimentais com a indispensável comparência de médiuns clarividentes devidamente educados e treinados (1).

(1) Significação e correspondência da cromática astral de harmonia com os trabalhos realizados pelos emitentes experimentadores Leadbeater e C. Lancelin

Para as auras e formas-pensamento

Negro – ódio, ruindade, perversidade.

Vermelho – cólera.

Vermelho sanguíneo – sensualidade.

Castanho – avareza.

Castanho cinzento – egoísmo.

Alaranjado – orgulho, ambição.

Carmezim, rosa – amor, dedicação desinteressada.

Lilás – abnegação, altruísmo.

Amarelo – intelectualidade.

Castanho esverdeado – inveja, ciúme.

Cinzento plúmbeo – abatimento profundo.

Cinzento lívido – medo, pavor, receio.

Azul – sentimento religioso.

Azul cobalto – dedicação a um nobre ideal espiritual.

Azul lilás luminoso – elevadas e puras aspirações espirituais.

Técnica da mediunidade

C. Torres Pastorinho

B – PLEXOS

PLEXOS CAROTÍDEO E CAVERNOSO

(Sistema simpático)

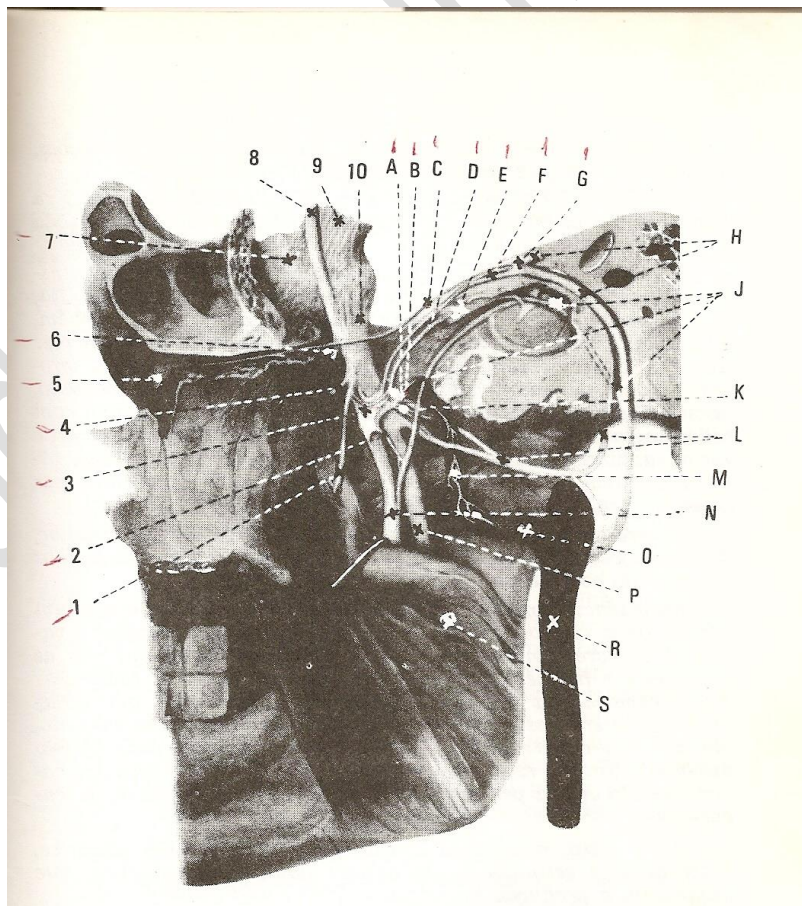
Derivado o carotídeo do ramo súpero-anterior do cervical simpático, seus ramos e fibras eferentes são:

- a) carótico timpânica, que vai à caixa do tímpano, unindo-se ao ramo de Jacobson;
- b) carotídeo do nervo vidiano, que vai ao ângulo posterior do gânglio esfenopalatino, constituindo sua raiz simpática.

Logo acima forma-se o importante PLEXO CAVERNOSO, com as seguintes fibras eferentes:

- a) anastomóticas, para os nervos motores oculares externo e comum, para o patético, para o ramo oftálmico do trigêmeo e para o gânglio de Gasser;
- b) fibra longa e fina que penetra na órbita ao lado do nervo nasal;
- c) a raiz simpática do gânglio oftálmico;
- d) a fibra pituitária, que penetra na hipófise;
- e) as fibras meníngeas, que vão à dura-máter;
- f) as fibras mucosas, que enervam o sinus esfenoidal; e
- g) as fibras vasculares, na carótida interna.

Como vemos, esses plexos assumem grande atividade na recepção mediúnic, quando é atingido o chakra frontal. Suas ligações diretas entre a hipófise, o olho (gânglio oftálmico), o ouvido (libra carótico-timpânica) e o nariz (ligação com o nervo nasal) fazem desse conjunto de dois plexos o distribuidor de sensações, diante das vibrações recebidas pela chakra frontal.



PLEXO CAROTIDEO E CAVERNOSO (W. Spalteholz, "Atlas de Anatomia Humana", t.3, pág. 832).

- 1 - Nervo pterigoideu interno; 2 - ramo comunicante com a corda do tímpano; 3 - gânglio óptico; 4 - n.m. tensor do véu do paladar; 5 - gânglio eseno-palatino; 6 - ramo anterior do n. maxilar inferior; 7 - gânglio de Gasser; 8 - porção motriz do n. trigêmeo; 9 - porção sensitiva do n. trigêmeo; 10 - n. do maxilar inferior; A - ramo comunicante do gânglio óptico com o ramo meníngeo do n. maxilar inferior; B - ramo meníngeo; C - n. petroso superficial maior; D - nervo motor do tímpano; E - músculo tensor do tímpano; F - n. petroso superficial menor; G - joelho do n. facial; H - n. facial; J - corda do tímpano; K - ramos comum do gânglio óptico com o n. auriculotemporal; L - n. auriculotemporal, M - artéria meníngea média com plexo carotídeo externo; N - n. lingual; O - art. no maxilar interna; P - n. dentário inferior; R - art. carótida externa; S - m. pterigoideu interno.

Em vista disso, ao receber o impacto vibratório, o chakra comunica-o a esses órgãos, através da hipófise, sensibilizando toda a região otorrino-oftalmológica.

Por isso, as vibrações recebidas pelo chakra frontal se transformam em vidência, desde que não reproduzem a figura vista, mas a faixa vibratória alcançada, sobretudo a cor. Daí, também, a facilidade maior de ouvir-se o som da voz durante as vidências. Não é, evidentemente, o som de uma voz articulada, como se proviera através do ar em ondas sonoras: é um som inarticulado, "sentido" dentro do cérebro, sem som, mas ao mesmo tempo com todas as características da palavra articulada; a idéia penetra de forma audível, através do nervo auditivo, e repercute cerebralmente. Difícil de explicar, mas imediatamente compreendido por quem já tenha experimentado o fenômeno.

Ocorre ainda a recepção por via nasal dos odores, ou melhor, das vibrações odoríferas do plano astral, o que desenvolveremos ao falar do sentido do olfato.

Na vidência por meio da hipófise (chakra frontal), o médium não chega a ver com nitidez a figura: entrevê combinações e variações de cores (ou de preto, cinza e branco), de acordo com as emissões e a freqüência vibratória do ser que emite as radiações. A conformação da figura é suprida pela imaginação, que interpreta as diferenças de cores (vibrações) atribuindo-lhe formato, consistência e pormenores. Mas só muita prática pode fazê-lo distinguir um ser real existente no mundo astral de uma forma pensamento criada pela mentalização de um encarnado ou desencarnado.

Além disso, o impacto sofrido pela hipófise fá-la ativar-se, provocando a estimulação de outras glândulas endócrinas, que aumentam a produção hormonal.

Sua estreita ligação com o plexo cervical do sistema raquidiano (próximo capítulo) e com os gânglios cervicais do simpático de que faz parte, qualquer impacto pelo chakra frontal influencia grande parte do veículo somático. Por exemplo, ativação das glândulas sudoríparas, sobretudo das palmas das mãos, quando a pessoa pensa ou fala a respeito de ocorrências do mundo astral; ou ainda diminuição de circulação sangüínea das extremidades (mãos e pés) pelo maior afluxo de sangue às artérias cerebrais e cardíacas (emoção), tornando frias essas extremidades.

Os plexos carotídeo e cavernoso também são atingidos, quando o chakra frontal recebe o impacto de imagens formadas pela imaginação do próprio paciente, e não somente por imagens externas a ele.

Em todos os casos, todo o complexo nervoso do simpático é atingido, com maior ou menor violência, por meio do chakra frontal, com efeitos secundários no sistema circulatório. Do ponto de

vista da ciência espiritualista, diríamos: a ação do corpo astral (nervos) repercute no duplo etérico (sangue), modificando as expressões externas do corpo físico denso (matéria).

OLHO DE SHIVA

O corpo pineal é denominado, também, “terceiro olho” ou “olho de Shiva” pelos ocultistas, embora, por engano lamentável, alguns espiritualistas digam que é a hipófise (pituitária).

O corpo pineal (epífise) é, pois, a responsável pela vidência do mundo astral e pela clarividência.

Na vidência astral a epífise é utilizada, também, pelos animais, (cães, cavalos, etc.) que são sujeitos à visão de cenas do plano astral, que é seu plano específico próprio. A humanidade, no ciclo lemuriano, parece que utilizava ainda esse olho, lado a lado com olhos duplos materiais que começavam sua evolução.

Realmente, o olho pineal, específico para as vibrações do astral, não percebia com clareza e nitidez a luz, cores e formas físicas. Com a mais forte materialização do homem, havia necessidade de órgãos que percebessem e “vissem” com mais acuidade o mundo físico, enquanto se fazia menor a necessidade de percepção do mundo astral, donde eles saíam. Houve, por isso, a involução ou atrofia do olho pineal (específico para vidência astral) e o aperfeiçoamento dos olhos físicos, que reproduziam e filtravam melhor as vibrações da matéria densa.

Os sáurios são os remanescentes das experiências efetuadas para essa descida vibratória do espírito. Neles ainda hoje vemos os resquícios, desse olho singular com bastante Evidência. Lógico que, na experiência com os “tuataras” o olho não reagia à luz física; mas se a experiência pudesse ser feita com a luz astral, supomos que teriam tido êxito os experimentadores: haveria recepção e suas reações típicas.

A hipófise POSTERIOR, constituída de tecido nervoso, tem a função de armazenar a vasopressina e a ocitonina do hipotálamo.

Por sua complexidade de produção hormonal e pela importância das funções sobre que atua, a hipófise (ou “pituitária”, mas que não deve confundir-se com a “mucosa pituitária” que reveste internamente o nariz) é uma das glândulas-chave da criatura humana, em sua ligação com o mundo astral mais denso.

Atingida pelas vibrações da visão - o quiasma óptico fica logo acima da hipófise – esta recebe o impacto da visão e, conforme o caso, ativa sua produção. Por exemplo: quando certas criaturas contemplam gravuras eróticas ou atitudes provocantes (visão) a hipófise aumenta a atividade sexual (gônadas) pela produção maior do ICSH (hipófise); ou ainda, ao verem certas formas assustadoras que as amedrontem (visão) lançam no sangue grande quantidade de adrenalina (supra-renais) por estímulo vindo do ACTH (hipófise).

Ora, isso também ocorre na vidência do nível inferior do mundo astral, sobretudo com pessoas ociosas: a imaginação delas mesmas ou a que outros espíritos desencarnados lhes apresentam em quadros fluidicos e formas astrais ou de pensamento, provocam os mesmos efeitos físicos, porque a vidência astral via globo ocular tem a mesma influencia na hipófise que a vidência física.

Não se trata, porém - fique bem claro - de vidência do próprio mundo astral, que se dá pelo “terceiro olho” ou “olho de Shiva”, que é o corpo pineal ou epífise. Trata-se, sim, das seguintes percepções que chegam através ou do globo ocular ou do chakra frontal:

- 1 - formas pensamentos do baixo astral;

- 2 - quadros fluídicos densos;
- 3 - imagens criadas pela imaginação;
- 4 - cenas revividas pela memória e novamente plasmadas.

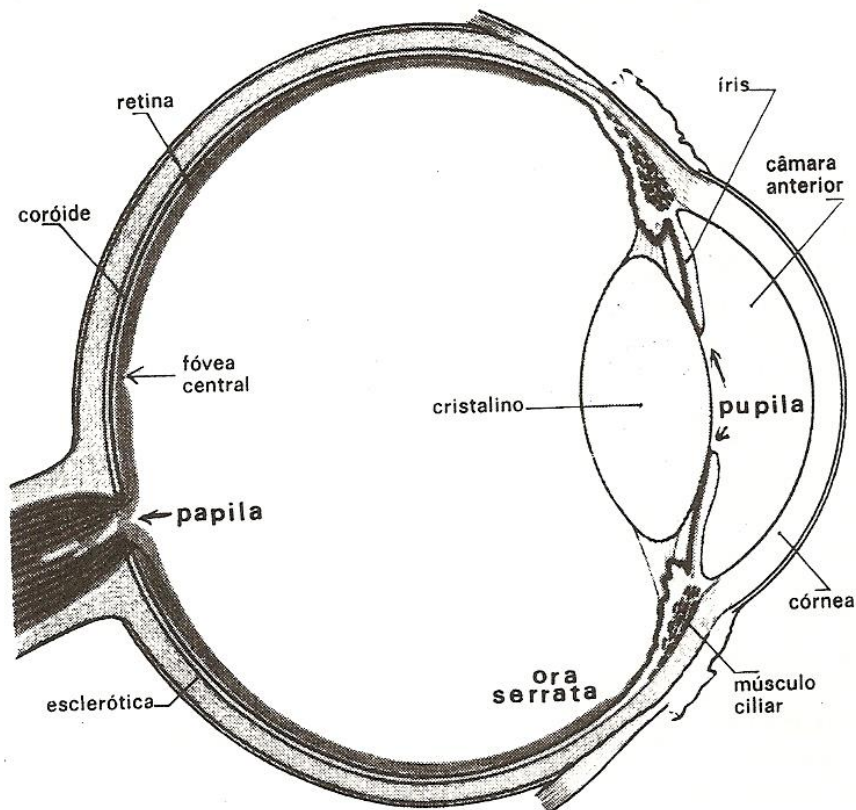
Da mesma forma que, pela visão, a hipófise é atingida pela audição, também do plano astral mais denso, pois o nervo auditivo também está ligado à hipófise; com efeito, o gânglio cervical simpático liga-se, pelo plexo cavernoso à hipófise, aos nervos das órbitas, à raiz simpática do gânglio oftálmico e ainda (pelos ramos anteriores do plexo intercarotídeo) ao auricular posterior e ao temporal superficial. E também o plexo cervical raquidiano possui ligações análogas.

D - SENTIDOS E OUTROS TEMAS

VISÃO

A visão é recebida, quando um estímulo luminoso, passando pela pupila e atravessando o cristalino, atinge a retina.

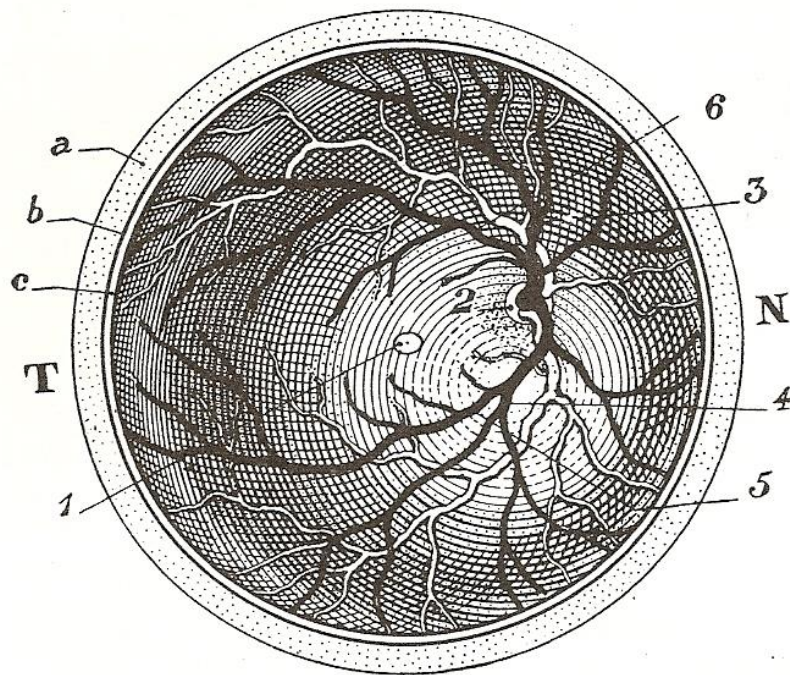
Eis um globo ocular:



Esquema do globo ocular (gravura de “Medicina e Saúde”, pág. 706).

A retina é a expansão do nervo óptico, que finaliza por dois tipos principais de células registradoras de luz (cones e bastonetes).

Os *cones* captam a luz brilhante, as cores (sobretudo da faixa de verde e amarelo) e os pormenores, dando “acuidade” à visão. São células fotópicas (visão à luz).



RETINA do olho direito (Testut, t. 3, pág. 468):

T — lado do temporal; N — lado do nariz.

a — esclerótica; b — coróide; c — retina; 1 — mácula lútea, com a fóvea central (o ponto preto); 2 — papila oblíqua; 3 — artéria nasal superior; 4 — artéria nasal inferior; 5 — artéria temporal inferior; 6 — artéria temporal superior.

Os bastonetes, muito mais sensíveis que os cones, são especializados para pouca luz, penumbra crepuscular não colorida, (pegam apenas a faixa verde-azul) e não dão pormenores, mas a visão escotópica (visão no escuro).

No entanto, no fundo do globo ocular há uma mancha cor amarelo-limão (mácula lútea) com 2 a 3 mm de largura por 1 a 1,5 mm de altura, em cujo centro está a fóvea, pequeno ponto preto reentrante; aí se focaliza a visão com o máximo de acuidade. Nesse ponto, só existem cones. Por não conter vasos sanguíneos (avascular) apresenta a cor amarelo-limão, ao contrário do resto da retina, que tende ao cor-de-rosa.

Onde o nervo óptico penetra no globo, a "papila óptica", com 1,5 a 1,8 mm de diâmetro, não há nem cones nem bastonetes: é o chamado punctum caecum (ou "ponto cego").

Nas paredes laterais da retina, zona periférica até perto do cristalino (até a ora serrata) encontramos, ao contrário, muito mais bastonetes e poucos cones, o que torna a visão lateral apta a perceber os estímulos em movimento, pois os bastonetes são mais sensíveis e detectam movimentos até com luz muito fraca, embora não percebam os pormenores.

Recebida pela retina, com uma grandeza que não ultrapassa a área da fóvea, a imagem aí se registra de cabeça para baixo, e transforma-se em impulsos nervosos, que são transmitidos pelas células bipolares e pelas ganglionares, ao nervo óptico, penetrando na cavidade craniana; cruzam-se no quiasma e desaparecem no córtex cerebral, na área denominada "visual", situada na 1ª e 2ª circunvoluções do lobo occipital. Não consta que aí se forme nova imagem, pois não há, para isso, células especializadas. "Diz-se" que, no lobo occipital, a imagem se inverte, assumindo a posição real. Nada porém pode provar-se.

Onde, com segurança científica, pode dizer-se que a imagem se endireite e assumo o tamanho real em que a vemos? A ciência médica nada explica: mantém prudente silêncio a respeito.

Mas explica-o a ciência espiritual. Ao córtex cerebral, na área visual, chegam os impulsos nervosos, conforme a ciência médica conclui, baseando-se no fato de que aí terminam os nervos ópticos e na experiência comprovada de que um trauma nesse local causa cegueira irreversível.

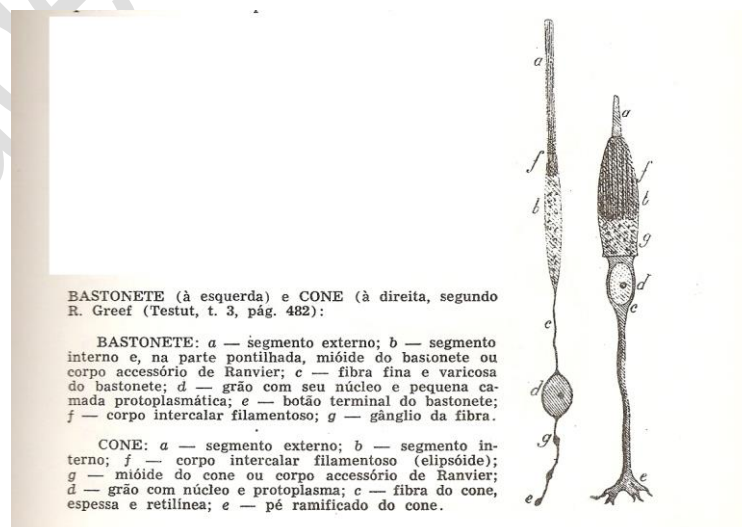
Ora, de acordo com a hipótese que formulamos, os impulsos daí se transmitem à substância branca, passando desta ao corpo astral; só no corpo astral é que os impulsos nervosos se transformam de novo em imagem, retomando a grandeza real, e isto porque a mente espiritual, que se projeta muito além do corpo físico, abrange a figura observada e a localiza no espaço real em que se encontra no plano material.

O corpo astral não possui órgão especializado para receber vibrações visuais; sendo todo ele constituído de larga faixa de freqüência, que vai em escala ascendente desde a matéria (sistema nervoso) até o espírito, tem a capacidade de registrar os impulsos das vibrações luminosas em qualquer parte de sua constituição: basta-lhe sintonizar aquela freqüência. Transforma, pois, os estímulos nervosos em imagem.

Não é o olho físico que “vê”, prova-o o cadáver, em cuja retina não mais se convertem as imagens em impulsos nervosos. Na pessoa viva, a impressão luminosa causa uma depleção e restauração do pigmento visual dos fotorreceptores (descoramento e regeneração do pigmento visual dos fotorreceptores (descoramento e regeneração da rodopsina, que é o pigmento foto-sensível) e isso dura um centésimo de segundo (duração “crítica”). Algo que dure menos, não será conscientemente visto, a não ser sob fortíssima luminosidade (flash eletrônico). Quanto menos luminoso o estímulo, mais tempo terá que permanecer para ser percebido.

O fato de os bastonetes serem mais numerosos e compactos nas paredes laterais, sendo também mais sensíveis, explica por que as vidências dos “espíritos”, quando realizadas através do globo ocular, sejam mais bem vistas se não as olharmos de frente. Se percebemos, lateralmente, uma pessoa encarnada, voltamo-nos de frente, encarando-a, para vê-la melhor. Se ocorrer percebermos um “espírito” com o lado dos olhos, não nos voltamos de frente para ele: se o fizermos, a “visão” desaparecera, porque, focalizando-a na fóvea, a colocaremos no feixe de cones que a não perceberão, pois precisam de mais luz. Tanto assim que, em ambiente escuro, fixamos melhor os objetos ou a pessoa de lado, para que a imagem se forme nas paredes laterais da retina.

Mas a vidência mais comum dos planos astrais só é sensível à hipófise (formas astrais) ou à epífise (“espíritos”), não passando pelo globo ocular. Isso, porém, faz parte de outro capítulo.



CHAKRA FRONTAL

Cognominado AJNA, é um exaustor-ventilador com 96 pás, localizado entre as sobrancelhas, 1,5 a 2,0 centímetros acima da glabella.

As cores predominantes são rosa e amarelo. Corresponde à glândula pituitária ou hipófise e governa o intelecto (cérebro) com seus vários departamentos de neurônios.

Dessa maneira, comanda os cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato).

O chakra frontal, já situado na cabeça, é responsável pela vidência no plano astral quando percebida diretamente por meio dos cones e bastonetes, formando-se as imagens astrais na parte lateral da retina. Tanto que, quando os videntes, sobretudo os pouco treinados, percebem uma figura a seu lado, se por acaso voltam seus olhos para esse lado, a visão desaparece. Eles terão que habituar-se a focalizar a visão sem olhar de frente para ela, pois se o fizerem, o foco incidirá na fóvea ou mácula lútea, que é o ponto específico da visão física, mas não da astral.

Na clarividência à distância (quer no espaço, quer no tempo), forma-se geralmente um “tubo” fluídico (uma espécie de luneta) que parte do chakra frontal, ligando o médium à cena que deve ser vista. Daí os faraós e videntes do Antigo Egito serem representados nas figurações com uma serpente (o “uréu”), que lhes saía da testa, e simbolizava a visão astral desenvolvida.

Outro tipo de visão captada pelo chakra frontal são os “quadros fluídicos”, criados seja pela mente do próprio médium, seja pela de outro encarnado ou de algum desencarnado. Esses quadros (ou figuras), alguns facilmente confundíveis com espíritos reais aí presentes, por vezes se apresentam reduzidos, em dimensões liliputianas, e não obstante com absoluta nitidez de todos os pormenores.

Ainda outra variedade de vidência é a chamada “vidência mental”, também sob a responsabilidade direta de AJNA. Nesta, nada se vê em imagem física figurada. Sem embargo, as imagens sem figura se apresentam ao cérebro, tal como se fossem “imaginadas” num sonho acordado. Não sei se conseguimos explicar-nos: vemos sem ver, mas vemos! Com o desenvolvimento desse chakra, passamos a ter segurança na interpretação do que vemos mentalmente.

Desses tipos de vidência, o mais seguro é do plano astral, porque é mais físico e, portanto, pode ser mais facilmente controlado.

No entanto, nenhum desses tipos de vidência constitui, propriamente falando, uma mediunidade no sentido exato e estreito do termo. Na mediunidade, o aparelho humano serve de intermediário entre um espírito (desencarnado ou não) e outro espírito (encarnado ou não). Mas é um medianeiro, que RECEBE e ENTREGA.

Ora, na vidência não ocorre isso: é a própria criatura que vê. Nada recebe de ninguém: ela mesma tem a capacidade de ver por si mesma. Então, em vez de mediunidade, nós chamaríamos a isso característica ou capacidade.

Também não é um DOM, que alguém recebe como um favor: não há privilégios na natureza! Ou a criatura conquista pelo próprio esforço evolutivo essa capacidade, e a tem; ou, se não fez por merecê-la, não na tem.

Além da vidência, o chakra frontal é responsável pela audiência, em que a voz física do espírito é ouvida dentro do ouvido, como se as vibrações não viessem de fora, pelo ar atmosférico, mas ecoassem dentro da caixa craniana.

Outra modalidade é a clariaudiência, em que se ouvem vozes e sons que vibram à distância (quer no espaço, quer no tempo). Aqui também é comum observar-se a formação fluídica de um tubo acústico, talvez para ampliar as vibrações sonoras, tornando-as suficientemente fortes para conseguir impressionar o ouvido.

Com a audiência (e é muito mais freqüente o número de pessoas que possuem essa característica), dá-se o mesmo fenômeno que na vidência: uma voz no cérebro, uma voz sem som, contudo, perfeitamente sentida, percebida, ouvida, embora não ouvida! Mas as frases chegam com nitidez absoluta.

O chakra frontal é responsável, ainda, pela clareza de raciocínio e pela percepção intelectual, que será tanto mais aguda e rápida, quanto mais for desenvolvido o chakra. Nem é difícil perceber, pela conformação óssea da testa, uma elevação no centro, entre as sobrancelhas, que indica seu desenvolvimento, conforma os ensinamentos da psicognomia.

Outra função desse chakra frontal, pelo fato de também girar para fora, é poder, segundo a vontade do homem, agir como um ventilador que gira rapidísimamente; sua utilidade é a emissão de raios (irradiação), que podem ser dirigidos às pessoas com diversos objetivos (calma, força, conforto, alívio, equilíbrio etc.). De acordo com as necessidades, os raios emitidos poderão ser coloridos, pois a coloração não é mais que a freqüência vibratória do raio que se modifica, segundo a mentalização realizada. Essa irradiação, ou mesmo o lançamento de raios, depende exclusivamente da vontade e da força mental concentrada do emitente, não sendo necessário nenhum gesto externo.

O Livro dos Médiuns

Allan Kardec

Tradução de J. Herculano Pires

171. A faculdade de ver os Espíritos pode sem dúvida se desenvolver, mas é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que o provoque, se não se quiser expor-se às ilusões da imaginação. Quando temos o germe de uma faculdade, ela se manifesta por si mesma. Devemos, por princípio, contentar-nos com aquelas que Deus nos concedeu, sem procurar o impossível. Porque então, querendo ter demais, arrisca-se a perder o que se tem. ⁽¹³⁾

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são freqüentes (nº 107), não quisemos dizer que sejam comuns. Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, são ainda mais raros e temos muitas razões para desconfiar dos que pretendem ter essa faculdade. É prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas. Não nos referimos aos que alimentam a ridícula ilusão dos Espíritos-glóbulos, de que tratamos no nº 108, mas aos que pretendem ver os Espíritos de maneira racional.

Algumas pessoas podem sem dúvida enganar-se de boa fé, mas outras podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, deve-se particularmente levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais da pessoa. Mas é sobretudo nas questões circunstanciais que se pode encontrar o mais seguro meio de controle. Porque há circunstâncias que não podem deixar dúvidas, como nos casos de exata descrição de Espíritos que médium jamais teve ocasião de conhecer quando encarnados. ⁽¹⁴⁾

O caso seguinte pertence a essa categoria.

Uma senhora viúva, cujo marido se comunica freqüentemente com ela, encontrou-se um dia com um médium vidente que não a conhecia, nem à sua família, e o médium lhe disse: “Vejo um Espírito ao vosso lado.” – “Ah, disse a senhora, é sem dúvida meu marido, que quase nunca me deixa.” – “Não, respondeu o médium, é uma senhora de certa idade, que está penteada de maneira estranha, com uma fita branca na testa.”

Por esta particularidade e outros detalhes descritos, a viúva reconheceu sua avó, sem perigo de erro, e na qual nem sequer pensava nesse momento. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria mais fácil aproveitar o pensamento da senhora. Mas ao invés do marido que a preocupava ele viu uma mulher, com um penteado especial de que nada lhe poderia dar idéia. Este caso prova ainda que a visão do médium não era o reflexo de qualquer pensamento alheio. (Ver nº 102)

(13) Esta é uma característica do Espiritismo, para a qual devemos sempre chamar a atenção de adeptos e adversários. A Doutrina é contrária a todos os meios artificiais de desenvolvimento psíquico, mantendo o mais rigoroso respeito as leis naturais que presidem a esses processos, como a todos os demais na condição humana. Os que acusam o Espiritismo de excessos psíquicos ou místicos simplesmente ignoram os seus princípios, não sabem o que dizem. (N. do T.)

(14) O rigor da observação espírita não está nos meios materiais de controle, sempre ingênuos e até mesmo infantis, quando se trata de questões espirituais. Este é um dos muitos casos que fogem a todas as explicações telepáticas, a menos que aceitemos o absurdo, jamais experimentalmente provado, das interferências mais fantásticas, como a das lembranças inconscientes da viúva remontando aos tempos da avó. Isso é o que Kardec considerava, muito justamente, querer substituir o suposto fantástico da presença do Espírito por uma explicação engenhosa e ainda muito mais fantástica. O estudo e a pesquisa espírita mostram, por mil detalhes valiosos, o ridículo dessas hipóteses apressadas e sempre geradas pela prevenção e a ignorância do assunto. (N. do T.)

TRABALHOS PRÁTICOS DE ESPIRITISMO

Edgard Armond

Vidência

A faculdade de vidência espontânea, natural, quase sempre e demonstrada pelo médium desde a primeira idade. A vidência de prova, entretanto, pode surgir em qualquer época e, muitas vezes, repentinamente.

A primeira manifesta-se sem restrições, a qualquer momento, de dia ou de noite, muitas vezes com olhos abertos, ao passo que a segunda está vinculada a momentos determinados, sendo que os mais habituais são os que ocorrem durante as sessões práticas, individuais ou de conjunto.

O desenvolvimento desta maravilhosa faculdade deve ser feito paralelamente com estudos esclarecedores a respeito de sua natureza e modalidades.

Desde que o médium possua conhecimentos seguros sobre o assunto, poderá realizar seus trabalhos de treinamento em sua própria residência, em horas determinadas, com assistência de um ou mais companheiros de confiança.

Nos centros espíritas, o vidente deve ser colocado na corrente e ir mencionando, nos intervalos, tudo aquilo que vê, descrevendo os quadros que lhe são mostrados pelos protetores espirituais, com fins de treinamento, e se projetam no seu campo de visão.

Como esses quadros são quase sempre simbólicos, deve o vidente acostumar-se a interpretá-los de forma simples, segundo seu próprio entendimento, tirando dali os ensinamentos que comportarem e em cujo trabalho será fortemente auxiliado pela inspiração ou pela intuição.

Ao mesmo tempo que desenvolve a vidência, o médium desenvolverá também a audição psíquica, porque estas duas faculdades são, quase sempre, complementares.

PSICOLOGIA ESPÍRITA

Jorge Andréa

Muitos viciados querem justificar sua dependência à realização de sonhos, tipo fenômenos mediúnicos (deslocamentos espirituais com vidências), que realmente existem como um processo de excitação à determinada fenomenologia paranormal. Porém o que de fato colhem é a violência que o tóxico determina no perispírito apresentando reações, embora parapsicológicas, integralmente patológicas. Com isso, as portas da obsessão, se já não estavam abertas, ficam como que escancaradas e o caminho da psicose assegurado.

O viciado é um doente mental, seja qual for a fase em que se encontre.

O ESPIRITO E O TEMPO Introdução Antropológica ao Espiritismo

J. Herculano Pires

CAPÍTULO IV ANTECIPAÇÕES DOUTRINÁRIAS

1. A NEBULOSA DE SWEDENBORG - O Espiritismo formou-se, como uma estrela, no seio de uma nebulosa. E parte de uma verdadeira galáxia, que se estende pelo infinito, a partir dos mundos inferiores, até os mais elevados. Certamente, nos perderíamos, se quiséssemos examinar toda a extensão da galáxia, toda a complexidade de doutrinas e teorias que precederam o Espiritismo. Somos forçados, por isso mesmo, a limitar a nossa ambição, procurando o foco mais próximo da sua elaboração. Esse foco, segundo o entendeu Conan Doyle, é a doutrina de Emmanuel Swedenborg. Uma verdadeira nebulosa doutrinária, em que os elementos em fusão nos aturdem, mas de cujo seio partem os primeiros raios, nítidos e incisivos, de uma nova concepção da vida e do mundo.

Ao tratar dos fatos que provocaram o desencadear do movimento espírita, Conan Doyle referiu-se aos "batedores" ou as "patrulhas de vanguarda", que preparam o terreno para a "invasão espiritual organizada" do nosso mundo. Do ponto de vista doutrinário, encontramos também os "batedores" ou preparadores do terreno. O primeiro deles, que realmente se abalança a elaborar uma doutrina, estribado em sua fabulosa cultura e sua poderosa inteligência, é Swedenborg. Conan Doyle o chama de "pai do nosso novo conhecimento dos fenômenos sobrenaturais". Tendo sido um dos homens mais cultos da sua época, dotado de grande inteligência e de mediunidade polimorfa, esse vidente sueco antecipou, de maneira confusa, a elaboração da Doutrina dos Espíritos.

Ao contrário de Kardec, que começou pela observação científica dos fenômenos mediúnicos, Swedenborg se inicia como um antigo profeta, recebendo uma revelação divina. Foi em abril de 1744, em Londres, que a revelação se verificou. Não obstante a natureza física do primeiro fenômeno por ele descrito, com evidente emanção de ectoplasma, não foi esse aspecto o que lhe interessou. Outro, mais importante, lhe chamava a atenção, e ele mesmo o descreveu com as seguintes palavras: "Uma

noite o mundo dos espíritos, céu e inferno, se abriu para mim, e nele encontrei varias pessoas conhecidas, em diferentes condições. Desde então o Senhor abria diariamente os olhos do meu espírito para que eu visse, em perfeito estado de vigília, o que se passava no outro mundo, e pudesse conversar, em plena consciência, com os anjos e os espíritos."

A atitude profética de Swedenborg é indiscutível. Diante dos fenômenos, que esse homem extraordinário, dotado de vastos conhecimentos em física, química, astronomia, zoologia, anatomia, metalurgia e economia, além de outros ramos das ciências pelos quais se interessava, não se coloca em posição de crítica e observação, mas de passiva aceitação. Considera-se eleito para uma missão espiritual, senhor de uma revelação pessoal, e portanto incumbido, como Moisés ou Maomé, de ensinar enfática e dogmaticamente o que lhe era revelado. Atitude completamente diversa da assumida por Kardec, que não se julgava um profeta, mas um pesquisador, um rigoroso observador dos fatos, dos quais devia racionalmente deduzir a necessária interpretação.

A primeira elaboração teórica de Swedenborg não foi, portanto, filosófica nem científica, mas teológica. Chegou a construir uma complicada interpretação da *Bíblia*, através de, um sistema de símbolos, dizendo-se o único detentor da verdade escriturística, que penetrava com o auxílio dos anjos. Essa pretensão o levou naturalmente a convicção da infalibilidade. Suas explicações deviam ser aceitas como lições indiscutíveis. Swedenborg via o mundo espiritual, conversava com os espíritos, recebia instruções diretas, e por isso se julgava capaz de tudo explicar, sem maiores preocupações. Tomou-se um místico, distanciando da experiência científica a que se dedicava anteriormente.

Essa curiosa posição de Swedenborg o transforma num elo entre dois períodos da evolução espiritual do homem. De um lado, temos o horizonte profético, carregado de misticismo, impondo-lhe o seu peso. De outro lado, o horizonte civilizado, que lhe abre suas perspectivas, em direção ao horizonte espiritual. O vidente sueco permanece nos limites desses dois mundos. Através da sua teologia, firma-se no passado, e através de sua doutrina das esferas, que formulara a seguir, projeta-se ao futuro. Escrevia em latim os seus livros complicados, mas, apesar disso, apresentava uma visão nova do problema espiritual. Não se contentou em formular uma doutrina, e fundou uma religião, apoiada nas seguintes obras: "De Caelo et Inferno exauditis et visis". "Nova Jerusalém" e "Arcana Caelestia".

O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo e a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considerava de maneira quase positiva. Após a morte, os homens vão para esse mundo, e não são julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes "esferas" da espiritualidade. Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante as que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns. O Inferno não era lugar de castigo eterno, mas plano inferior, de que os espíritos podiam subir para os mais elevados, purificando-se. A terra, um mundo de depuração espiritual.

Uma importante lição devemos tirar, entretanto, da vida e da obra de Swedenborg: a de que o Espiritismo está certo ao condenar a formulação de teorias pessoais pelos videntes, e encarar a necessidade da metodologia científica, para verificação da verdade espiritual. Swedenborg foi o último dos reveladores pessoais, e abriu perspectivas para a nova era, que devia surgir com Kardec. Não é a sua interpretação dos fatos o que vale em sua obra, mas os próprios fatos, posteriormente confirmados pela observação e a experimentação espíricas, oferecendo aos homens uma concepção nova da vida presente e da vida futura.

A ALMA É IMORTAL

Gabriel Delanne

Tiptologia e vidência

"Caro Senhor,

Ao regressar de Caen ⁽⁷³⁾, fui passar alguns dias na casa de meu irmão em Meurchin, pequena aldeia do Pas-de-Calais. Como minha família me sabe muito amante do Espiritismo, como me vê ditoso por lhe praticar os preceitos, mil perguntas me dirigem os seus membros constantemente sobre o assunto, perguntas a que respondo de modo a fazer que nasça nos que me ouvem o desejo de levantar uma ponta do véu que nos oculta os esplendores de além-túmulo.

Foi em virtude dessas palestras que meu irmão organizou uma reunião para a qual convidou seus amigos, honestos camponeses, que não se fizeram de rogado para assistir a ela. Havia uma quinzena de pessoas, todas escolhidas entre a gente bem reputada da aldeia. Aguardando a hora marcada para a evocação, palestra-se um pouco. Cada um narra fatos mais ou menos singulares de que foi testemunha no curso de sua existência e que me permitem deduzir, incidentemente, a conclusão de que as manifestações espíritas são muito mais freqüentes do que se imagina.

As oito horas, pus-me a ler algumas passagens de *O Livro dos Espíritos*, procurando atrair os bons Espíritos. Dirijo ao Todo-Poderoso uma curta invocação que os circunstantes ouvem em profundo recolhimento.

Três pessoas têm as mãos pousadas sobre uma mesa pequena, que, ao cabo de dez minutos, entra a mover-se.

P. – É um Espírito? Bata uma pancada para o sim e duas para o não.

R. - Sim.

P. - Queres dizer-nos o teu nome? Vou pronunciar as letras do alfabeto: bate no momenta em que eu pronunciar a letra que desejes fique escrita.

R. - Maria José.

"É minha mae, exclama um dos assistentes, o Sr. Sauvage. Alias, acabo de ver-lhe o espectro diante de mim; mas, passou apenas e logo desapareceu."

P. - És, de fato, a mãe do Sr. Sauvage?

R. - Sim.

Baixa-se a luz, ficando, porem, bastante claridade para que possamos ver o que se passa. Sauvage declara, ao cabo de alguns minutos de espera, que está vendo muito distintamente sua mãe, falecida a 24 de maio de 1877.

P. - Podes, perguntei ao Espírito, fazer que teu filho te ouça?

R. - Ela me acena com o dedo, diz o Sr. Sauvage. Não sei o que quer dizer... Ah! ouço-lhe a voz; ouço-a muito bem.

P. - Que diz ela?

R. - Ditosa; diz que é ditosa.

P. (*Ao Espírito*) - Não precisas que oremos por ti?

R. - Sim, isso sempre nos dá prazer. Estou fatigada, boa-noite, voltarei doutra vez.

Logo depois dessa visão, a mesa se põe de novo em movimento.

Da pulos tão violentos que nos assustam.

Aumentada a luz, oramos em favor do Espírito que assim acusava a sua presença e pedimos a Deus, bem como aos nossos guias invisíveis, que continuassem a dispensar-nos seu amparo, a fim de que outras visões produzissem.

Outro Espírito se anuncia pela mesa, dizendo-se o da primeira mulher do Sr. Grégoire, presente a sessão.

P. - Poderias mostrar-te ao Sr. Sauvage?

R. - Posso.

Após um instante de expectativa, o médium declara que vê uma mulher, com uma coifa branca e um lenço por cima. "É a touca que usou no. Bélgica durante a sua enfermidade", informa o Sr. Grégoire.

P. - Tens alguma coisa a dizer a teu mando?

R. - Não.

Evidentemente, a presença do segunda esposa do Sr. Grégoire vexa o Espírito.

P. - Conheces Sidônia Descatoire, minha mãe? perguntei ao Espírito.

R. - Conheço, ela está aqui a seu lado.

P. - Poderias pedir-lhe que se mostre ao médium? Muito gostaria de conversar com ela.

R. - O Espírito se afasta, diz o Sr. Sauvage, já não o vejo... Ah! eis agora uma anciã.

P. - Como e ela?

R. - Bastante corpulenta. Rosto redondo, maçãs salientes e vermelhas, olhos pardos, cabelos castanhos, começando a encanecer. Ri, olhando para o senhor.

P. - É isso exatamente. Não lhe nota nenhum sinal no rosto?

R. - Sim, uma espécie do a que se da o nome de "beleza", aqui, diz, indicando a têmpora direita. (Minha mãe tinha uma pequena mancha escura na têmpora esquerda; mas, como estava de frente para o médium, este via do lado direito a mancha.)

P. - Absolutamente certo. !!! mesmo minha mãe! Exclamei emocionado. Mãe querida, es feliz?

R. - Muito feliz, diz o Sr. Sauvage, que ouve a voz de minha mãe e repete o que dela escuta.

P. - Costumas estar por vezes perto de mim?

R. - Quase sempre.

P. - Vês meu irmão Edmundo, aqui presente?

R. - Sua mãe se volta para o lado do Sr. Edmundo, diz o médium. Sorri. Parece encantada com esta entrevista.

P. - Após a desencarnação, custaste a recobrar a lucidez?

R. - Dois dias.

P. - Costumas ver Emilia (minha falecida mulher)?

R. - Vejo-a, sim. Ela, porem, não está aqui; acha-se mais longe.

P. - Posso contar que também ela venha comunicar-se?

R. - Vira, mais tarde.

P. - E meu pai?

R. - Esta aqui.

"Vejo um vulto por detrás de sua mãe, diz o médium, mas não o distingo bem. É um vulto gordo e alto... Ei-lo ao lado de sua mãe. Bastante corpulento. São dois bons velhos bem adequados um ao outro."

Um colóquio íntimo se estabelece entre meus pais e mim. Comovendo-nos até as lágrimas meu irmão e eu. Não duvidamos da presença deles. O Sr. Sauvage não conhecia, não podia conhecer os nossos caros defuntos, que sempre viveram no Norte. Além disso, a sessão fora improvisada e realizada na mesma noite e o médium, que um momento antes ignorava possuísse a faculdade de

que e dotado, de maneira nenhuma poderia prever quais as pessoas que se evocariam, nem a natureza das perguntas que lhes iam ser dirigidas. As expressões empregadas por meus pais, *certas frases que lhes eram habituais*, tudo constituía, para nós, outras tantas provas de identidade. Alias, outros Espíritos se manifestaram, revelando coisas que só eles conheciam e algumas das pessoas presentes. Assim, um marido se apresentou e lembrou à esposa palavras que lhe dissera ao morrer e que a interessada declarou exatas.

Os Espíritos nos prometeram novos fenômenos, entre os quais um trazimento, que esperam poder mais tarde produzir.

Aquelas tocantes manifestações terminaram por unânimes agradecimentos ao Pai celestial que, logo numa primeira reunião, nos dera tão grande demonstração da sua bondade, prometendo todos praticar a filosofia espírita.

Foi considerável o efeito produzido sobre os assistentes. Sentia-se que uma revolução se produzira no íntimo de cada um. Homens, que até então nenhuma fé depositavam no futuro do além-túmulo, se achavam presas de remorso e faziam em voz alta reflexões que uma hora antes teriam feito corassem, acusando-se de não haverem empregado o tempo em benefício da Humanidade. Que acontecerá, quando toda gente se ocupar com esse gênero de estudo e quando todas as faculdades mediúnicas, agora latentes, estiverem em ação?

Meurchin, 10 de outubro de 1896.

LUIS DELATRE
Telegrafista

A maioria dos assistentes fez questão de assinar este relato, em testemunho de ser a expressão da verdade:

Sauvage - Sr. Avrantsart - Lohez Etienne - Sauvage - Rigolé - H. Avrantsart - E. Delattre - T. Hugo - Sr^a Gregoire - Ernest Grégoire - O. Sauvage - C. Hoca."

(73) "Revue Scientifique et Morale du Spiritisme", primeiro ano, nº 6, pag. 365.

BIBLIA SAGRADA

I Crônicas

Cap. 21, v.9

Falou, pois, o Senhor a Gade, o vidente de Davi, dizendo:

Cap. 29, v. 29

Os sucessos, pois, do rei Davi, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas Crônicas de Samuel, o vidente, e nas crônicas do profeta Natã, e nas crônicas de Gade, o vidente;

Números

Cap. 12, v.8

Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois, ele vê a semelhança do Senhor: por que pois não tivestes temor de falar contra meu servo, contra Moises?

I Samuel

Cap. 9, v.9

(Antigamente em Israel, indo qualquer consultar a Deus, dizia assim: vinde, e vamos ao vidente; porque ao profeta de hoje antigamente se chamava vidente.)

O PASSE SEU ESTUDO SUAS TÉCNICAS SUA PRÁTICA

Jacob Melo

Concluindo, além de pesquisas puramente físicas e laboratoriais, outros métodos de estudo da aura são conhecidos, entre os quais destacamos o "tato-magnético" e a vidência mediúnica. Quanto ao primeiro, veja-se detalhes adiante no capítulo VIII; no tocante a vidência, mesmo reconhecendo sua importância nas pesquisas mediúnicas, fazemos uma ressalva usando as palavras do Prof. Herculano Pires: "*A leitura da aura é uma técnica de avaliação das condições espirituais das pessoas através da vidência. Mas é ponto pacífico no Espiritismo que a vidência não oferece nenhuma condição de segurança pra servir de instrumento de pesquisa. (...) Não há, até o momento, nenhum meio científico de se verificar objetivamente os graus de percepção mediúnica ou o grau de espiritualidade de uma pessoa. Além disso, o vidente que examina a aura de alguém sofre as mesmas variações provenientes da instabilidade psi-orgânica e emocionais*"⁶⁴ (grifos originais). Acrescentamos que, além das observações com fins mediúnicos como foram abordadas, insere-se igual raciocínio sobre as repercussões da saúde orgânica e psíquica do vidente, no fenômeno.

64. PIRES, Herculano. Grau de mediunidade. In "Mediunidade (vida e comunicação)", cap.13, p. 111.

O FENÔMENO ESPÍRITA

Gabriel Delanne

Em todas as manifestações até aqui registradas por nós, os Espíritos merecem sempre o qualificativo de invisíveis. Sua ação indiretamente constatada, mas não se pôde ainda vê-los. Eis agora fatos provando que, em certas casas, pode-se diretamente verificar a sua existência pelo testemunho dos sentidos.

A "Society for Psychical Research" reuniu considerável número de documentos a respeito das aparições. Os espíritos possuem também grande porção desses testemunhos, mas, para dar maior valor a nossa demonstra<;ao, citaremos alguns fatos colhidos, tanto nos "Proceedings" da Sociedade acima mencionada, como no livro "Phantasms of the Living", nos quais a ação dos Espíritos e manifesta.

Os Srs. Myers, Gurney e Podmore, que publicaram esta obra, abrangendo a narração de 700 casos, dão a essas visões o nome de "Alucinações Telepáticas" ou verídicas. Sem quererem saber se essas aparições são reais, objetivas ou internas, subjetivas e produzidas por uma ação espiritual ainda desconhecida, operada sem a intervenção dos sentidos, eles estabelecem a realidade dos fatos com

um rigor verdadeiramente científico. Pela leitura dessas narrativas, fica-se convencido de que esses sábios verificaram tudo quanto era possível para estabelecer a autenticidade desses fenômenos.

Citemos um exemplo dessas curiosas manifestações. ⁽³⁷⁾

O Sr. M. F. G. D. Boston, residente, neste momento, em São Luis, achava-se em seu gabinete de trabalho, quando viu o fantasma de sua única irmã, falecida nove anos antes. Era meio-dia, e, enquanto ele escrevia, ela conservou-se junto de si, com tal aparência de vida que ele acreditou ser realmente sua irmã, e chamou-a por seu nome.

M. F. G. D. Boston pode examinar-lhe todos os detalhes do vestuário e do porte e notar, particularmente, um traço ou arranhadura, de um vermelho vivo, no lado direito do rosto. Essa visão impressionou-o tanto que ele tomou o primeiro trem para ir ver seus pais e contar-lhes o que havia visto. Seu pai buscou ridicularizar essa crença no sobrenatural; mas, ao ouvir falar na arranhadura, sua mãe ia quase desmaiando, e disse-lhe, vertendo lágrimas: "Fui eu quem, depois da sua morte, por um descuido, fiz essa arranhadura no rosto da minha querida filha, arranhadura essa que eu cuidadosamente ocultei com pó, não comunicando tal fato a pessoa alguma, de modo que ninguém podia sabê-lo."

Pedimos aos contraditores das manifestações dos Espíritos que nos expliquem essa aparição. Temos curiosidade de saber que papel desempenhou o hemisfério direito na formação da segunda personalidade.

Poderíamos ainda citar vários casos; mas os leitores poderão recorrer a tradução francesa dos "Phantasms of the Living", publicada sob o título: "Les Hallucinations Télépathiques".

(37) "Proceedings", parte XV, pág. 17 e 18.

ALLAN KARDEC – VOL II

Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen

Na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris (SPEE) havia um jovem e extraordinário médium, de nome Adrien, vidente, escrevente, auditivo e sensitivo. De todas as suas faculdades como médium, afirma Kardec que a seu ver a mais notável e mais preciosa era a vidência. Adrien via com perfeição os Espíritos e ate mesmo fatos que estavam acontecendo a grande distancia, e tudo isso em estado de vigília e com a maior naturalidade. Outros curiosos característicos de sua mediunidade fizeram que o Codificador assim se pronunciasse: "Colocamos o Sr. Adrien entre os médiuns mais notáveis e na primeira plana daqueles que têm fornecido os mais preciosos elementos para o conhecimento do mundo espírita." E mais adiante: "Sua faculdade e sua complacência foram pastas em beneficio de nossa instrução, quer na intimidade ou nas sessões da Sociedade, quer, enfim, em visita a diversos locais de reunião. Temos estado juntos nos teatros, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; temos assistido a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões. Em toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham reunir-se; estabelecemos conversação com alguns deles, interrogamo-los e aprendemos muitas coisas, que serão úteis aos nossos leitores,

porque nosso objetivo e fazê-los penetrar, conosco, nesse mundo que nos e tão novo." (RS, 1858, pp. 325/326.)

11 - Análise crítica das faculdades e do comportamento de vários médiuns diante da respectiva fenomenologia.

- Jean Hillaire, vidente.
- «O Vidente da Floresta de Zimmerwald».
- O Espiritismo não é estacionário nem imutável.
- Ruídos noturnos em Poi tiers.
- «Epidemia de Morzine»: obsessão coletiva?
- O zuavo Jacob.
- Daniel D. Home, o médium.
- Mercantilização da mediunidade nos E.U.A.
- Os Irmaos Davenport.
- Emilie Collignon

Em agosto saia em Bordéus a obra "Les Miracles de nos jours", na qual o Sr. Aug. Bez faz um relato das manifestações mediúnicas de Jean Hillaire, simples cultivador de Charente-Inférieure, pouco letrado e vivendo do seu trabalho na aldeia de Sonnac. Suas faculdades lembram - segundo Kardec -, sob vários aspectos, as do Sr. Home, e até mesmo as ultrapassa. Médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e, ademais, escrevente. Por seu intermédio, houve a escrita direta e transportes notáveis. Por várias vezes foi erguido do chão e atravessou o espaço. "Todas as comunicações e todas as manifestações que obtém atestam a assistência de boníssimos Espíritos, e sempre se realizam em plena luz."

Kardec escreve longamente (pp. 253/256) sobre a referida obra, seu autor e o médium, a quem felicita pelo devotamento e previne contra as ciladas do orgulho, "que já perdeu tantos médiuns".

Tal como previra, o médium quase iletrado (Hillaire), de notável e diversificada mediunidade, cujos detalhes podem ser lidos na obra do Sr. Bez: "Les Miracles de nos jours" (ver fl. 395), faliu em sua missão, "por muita presunção de um lado e muita fraqueza do outro", e acabou sendo notícia de um processo que o condenava a um ano de prisão e nas custas.

Allan Kardec lamentou tudo isso, mas declarou, baseado nos relatórios referentes ao processo, e publicados em alguns jornais, que o Tribunal tratou o Espiritismo e seus adeptos com grande respeito, tendo o seu presidente elogiado a bela moral contida numa carta que ele, Kardec, escrevera ao Sr. Vitet, o principal lesado pelo médium, carta que passara a ser uma das peças do processo.

Vinte testemunhas confirmaram os fenômenos mediúnicos de Hillaire e receberam elogios do próprio promotor, pela coragem, sinceridade e boa-fé que demonstraram, sem se deterem nem pelo receio dos sarcasmos e da zombaria, nem por seus interesses materiais, que podiam ser prejudicados.

A essas corajosas e devotadas testemunhas o mestre se dirige, pela RS, numa mensagem enaltecida, e, no final, ao referir-se ao infeliz médium, escreve: "Não podemos condená-lo nem absolvê-lo; a Deus somente cabe julgá-lo por não haver cumprido sua missão ate o fim. Possa a expiação que ele sofre e uma seria reflexão sobre a sua conduta fazerem-no merecedor da clemência divina." (RS, 1865, pp. 86/93.)

Antes desse final, Kardec transmite a seguinte lição: "Se nem sempre o Espiritismo triunfa sobre os maus pendores de maneira completa, um resultado parcial não deixa de ser um progresso a ser levado em conta, e como cada um de nós tem o seu lado fraco, isto nos deve tornar indulgentes. O

tempo e as novas existências acabarão o que foi começado. Felizes aqueles que se pouparem a novas provações!" (P. 93.)

Na RS de outubro de 1865, Allan Kardec fala do vidente da Floresta de Zimmerwald, camponês do cantão de Berna, na Suíça, o qual já fora estudado por ele, anteriormente.

Aproveitando as férias da Sociedade Espírita de Paris (de 19 de agosto a 19 de outubro), Kardec fizera novas visitas aquele vidente cuja clarividência se aplicava principalmente as fontes e aos cursos d'água subterrâneos. O tal camponês, de uma ignorância absoluta quanto aos princípios, mesmo os mais elementares, das ciências, logo de saída se ocupou da saúde do Codificador, descrevendo com facilidade e perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal que o minava, e indicando-lhe, inclusive, os remédios necessários. Sem ser provocado por nenhuma pergunta, o vidente falou dos trabalhos do missionário, objetivo e resultados, entrando em detalhes sobre a marcha atual e futura da causa, com longas e desenvolvidas instruções que não podiam deixar dúvidas quanto a clarividência dele.

Kardec procura retificar a teoria explicativa que dera quando tratou do mesmo assunto na RS de outubro de 1864, acrescentando: "Como antes de tudo pesquisamos a verdade, e não temos a pretensão de ser infalível, quando sucede enganarmo-nos não hesitamos em reconhecê-lo. Nada conhecemos de mais tolo do que a obstinação numa opinião errônea." (P. 289.)

"Desde que o Espiritismo não se declara nem estacionário nem imutável - são, ainda, palavras de Kardec -, ele assimilara todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, mesmo da parte de seus antagonistas, e jamais ficara na retaguarda do progresso real. Assimilara essas verdades, dizemos, mas só quando forem claramente demonstradas, e não porque apraza a alguém dá-las como tais, satisfazendo a desejos pessoais ou a produtos da imaginação." (RS, 1865, p. 9.)

O QUE É A MORTE

Carlos Imbassahy

Os estudos de um mero observador

Reproduzamos o relato de um douto pesquisador, inteiramente afastado de princípios doutrinários, que desconhece ou parece desconhecer - politécnico e matemático - e que deixou as fileiras do Positivismo pelo campo da observação psíquica. Trata-se do professor M. E. Caslant, que levou o seu depoimento a Fernand Divoir. (150) Seus estudos experimentais foram a consequência dos trabalhos de radiação do Professor Ch. Henri, que havia publicado um livro com o título *Essai de généralisation sur la théorie du rayonnement*.

Ponhamos de lado esta parte técnica, que iria tornar fastidiosa a nossa digressão, para ater-nos aos fenômenos de lucidez mediúnica que ao autor foi dado observar. Deixaremos ainda a maneira por que e explicada a captação dos informes por parte do paciente ou médium, o que nos faria entrar num prolongado estudo, e colhemos alguns fatos entre uma centena de exemplos apresentados pelo professor.

Aparece a vidente um castelo. Ela passeia por ele, observa-lhe os detalhes e penetra numa grande sala para onde se vê atraída. Percebe então no aposento a forma de uma velha castelã. Le no

seu pensamento que ela morreu de velhice e continua a viver no castelo, com os mesmos hábitos que tivera em vida; ela sente ao pé de si filhos e netos, porém não os pode ver nem falar-lhes. Apresenta-se com as vestes do seu tempo.

Pensa o autor que se trata de lembranças vívidas, emanando do morto. E de crer que haja uma vidência real, sabido que muitos mortos, apercebidos ou desapercibidos do seu estado, continuam com os hábitos da existência passada; ocupam a antiga habitação ou os antigos lugares que freqüentaram, vêem sem que os vejam, ouvem sem ser ouvidos e falam sem que lhes respondam.

Outro caso: Uma vidente tem o sentimento de encontrar-se em face de uma velha alsaciana, que lança com terror estas exclamações: "Tremo, minhas muletas resvalam para o chão; quero tecer meias para os meus netos, mas onde assentar-me? O chão não me parece solido; se meus netos estivessem aqui me guiariam. Onde estarão? Não os vejo, não lhes ouço os gorjeios. Estou perdida; eles me chamam, tenho a certeza. Tive algum desmaio? Ninguém me ouviu. Olhem ... escutem ... Que voz é esta que não conheço? Quem quer que seja, tire-me desta confusão!

"- Estás livre das dores terrestres.

"- Que queres dizer? Não procures enganar-me; estou muito velha, tenhas pena de mim.

"- Sabes orar?

"- Ó Deus, como eu era crente quando o Céu me presenteou com meus netos!

"- Compreende que estás morta!"

A esta reflexão tudo desapareceu.

Temos, neste fenômeno, a reprodução de muitos, verificados em sessões espíritas. No presente caso, trata-se de uma anciã, desconhecedora de seu estado, parecendo um tanto perturbada, que se via incapaz de sustentar as muletas, de continuar o seu crochê, ou amimar os seus netos, desaparecidos, não sabia como, de sua convivência amiga. O abalo produzido pela revelação da vidente, a de que morrera, quebrou o estado vibratório, e a transmissão findou.

Por muito longa deixaremos de reproduzir a comunicação de um alemão, morto na guerra, e que lamentava ter sido obrigado a meter-se nela, visto que era um homem pacífico, de bons sentimentos, incapaz de querer o mal. O fenômeno seria um formidável libelo contra esse morticínio coletivo, se os homens de estudo e de responsabilidade se interessassem por tais fatos.

No caso n. 10, um fabricante de carroças (um charron), falecido por excessos de mesa, dizia: "Há alguns anos. .. como isto me aborrece... Gostava muito de comer, quando era vivo. Aqui tenho fome e sede, e ninguém me oferece nada. Procuo inutilmente um restaurante; e quando entro nalgum, não me servem e eu faço barulho. Se possuo objetos, eles se desvanecem, e há uns farsantes (il y a des loustics), que me dizem que não adianta comer. Mas parece que vou voltar a Terra e enquanto espero - virando-se para a vidente - você não poderia dar-me alguns bifés com batatas?".

Aqui vemos um Espírito consciente de seu estado, mas preso ainda aos apetites terrenos. Se voltar à Terra, talvez já com as vísceras digestivas arruinadas pelos excessos da vida pregressa, continuara dado aos prazeres desmedidos do copo e do garfo.

Mais três casas, os de números 16 a 18. Um homem corre levando uma espécie de aro muito grande, mas esse aro não passava de uma moeda. Durante a vida correu atrás do dinheiro, ele que não tinha família, nem amigos, nem encargos. Era um avaro.

Uma ex-modista tremia de frio; via-se rodeada de blocos de gelo e formas esquisitas, parecendo serpentes, que a amedrontavam. Fora invejosa e fizera muito mal a uma irmã que muito lhe queria e muito beneficiara. Cometera o duplo pecado da inveja e da ingratidão.

O terceiro caso é de um malfeitor, que ajudava a matar. Sentia-se mergulhado num liquido imundo. A medida que lhe acudia a lembrança as suas malfeitorias, vinham-lhe insopitáveis ânsias de vomito. Fim merecido de um canalha sujo - une sale fripouille - como ele a si próprio chamava.

Como se vê, Dante dir-se-ia inspirado com as cenas que preparou para os c6'i'1clei1ados ao Inferno. Mas as cenas dantescas não param aí. Colhamos mais esta no relato 23:

Ha uma espécie de lago de fogo, onde as chamas se elevam como um vasa de ponche. Mergulhadas nas chamas vêem-se caras que careteiam ou cabeças que trejeitam - *des têtes grimaçantes* - e cujos corpos, semelhantes a ampolas elétricas, ardem interiormente. Procurando a causa dessa tortura vê-se desenhar na mente de um deles o seguinte quadro: Era um terrível salteador; penetra a noite por um postigo numa herdade do século XIV, degola os criados e um cabreiro adormecidos; desce a uma sala e abre a porta a dois outros bandidos. Todos rebuscam os armários e chegam a um quarto onde matam o fazendeiro e a mulher; uma criança acorda e grita, e eles apanham a criança e lhe apertam o pescoço como a um frango.

Verifica-se apenas uma cena da vida desses bandidos. Dir-se-ia que esse sofrimento infernal e a memorarão, pela vidente, dos ensinamentos cristãos. Mas, em muitos comunicados mediúnicos, declaram uns que se sentem arder, e se supõem no Inferno; outros pedem que lhes afastem as chamas que os devoram sem consumir. Essa pena é acrescida do desespero, haurido nos ensinamentos que lhes ministraram na Terra, quando lhes diziam que ela seria eterna.

Talvez venha daí a noção do Averno, que existe em tantas religiões, e que tanto horroriza os crentes. Aquele tremendo castigo era, sem dúvida, muito justo, em vista dos crimes cometidos. Apenas temo-lo como visão e sensação temporárias, onde, ao ardor daquelas chamas fictícias ou verdadeiras, são incineradas as mas paixões e quebrantadas as almas empedernidas, surgindo das cinzas a Fênix do arrependimento e dos bons propósitos.

Num dos casos que se seguem ha a aparência de dois mortos. Um deles é uma suicida. "Afoguei-me - diz ela - porque estava na miséria. Já havia morrido e julgava afogar-me ainda. Sofri terrivelmente, sufocava, senti a o peso da água que me esmagava; queria gritar, mas a água o impedia, e eu a engolia, e engolia... Via-me no fundo. É horroroso sofrer assim. Dizem-me que isto durou cinco anos.

"- Quem disse?

"- A dama que me libertou e que ali esta. Senti que alguém me tomava nos braços; aliviou-se-me o peso, retomei a respiração; a dama secou-me, restituiu-me o calor e me conduziu tão suavemente, que para logo tive conhecimento de mim. Parecia ela um anjo e seus olhos enviaram-me raios que aqueciam todo o meu ser. Repreendeu minha má ação e mostrou-me os dias felizes que eu ainda gozaria se tivesse suportado a prova. Fez-me ver que esta fora devida a minha existência precedente onde causara a miséria de varias criaturas."

Como se vê, não difere esta descrição das muitas que enxameiam nos livros que tratam do suicídio e do sofrimento que ele acarreta. E de notar ainda o fato de mostrarem aos suicidas que os motivos que os levaram a matar-se iriam modificar-se ou iriam desaparecer, o que lhes torna mais dolorosa a falta cometida.

Os Espíritos que trouxeram o código de moral a Allan Kardec disseram que felizes serão os que suportam as tribulações da vida, sendo o suicídio uma transgressão da lei.

O médium português Fernando de Lacerda recebeu comunicações mediúnicas de vários literatos portugueses que abreviaram a vida, os quais narram a trágica situação por que passavam. Entre estes merece especial relevo a comunicação do saudoso romancista Camilo Castelo Branco. Também a nossa patricia Ivonne A. Pereira vem recebendo magníficas obras do Alem, e entre estas avulta a que se refere ao suicídio e aos suicidas. São as mais lancinantes agonias que a pena pode descrever. Por essa médium, o grande Camilo enviou uma carta ao escritor destas linhas, naquele seu vigoroso e inconfundível estilo, carta que o fez andar escondendo as lagrimas.

Em novos transe, desfilam aos olhares dos videntes os desencarnados, cuja vida sem lances, sem heroísmos, sem atos meritórios, porem sem grandes quedas, sem atos criminosos, passam no Espaço sem sofrimento nem alegrias. Uma vida desenxabida, ou uma morte, se quiserem.

O vidente sobe agora de plano. E um Espírito lhe diz: "Interesso-me por seus trabalhos e me interessarei se o instrumento puder servir. Vivo num meio cujas vibrações são desconhecidas na Terra. Consigo ir a maiores alturas quando outras almas me ajudam. Para descer até vos sou obrigado a impregnar-me de novos fluidos, a cada zona que atravesso - isto para aumentar a minha densidade, até que consiga chegar a esta ambiência inferior. Esse esforço é penoso. Só o grande desejo de vos instruir me conduz até vós. Aqui tudo se acha envolvido em bruma espessa; há um como capacete que me asfixia; um aparelho de compressão neutraliza-me e me encadeia, enquanto em nossa regiões e luz, num espaço sem limites, o pensamento se estende ao infinito, e conservamos todo o encanto de nossas idéias criadoras".

Eis-nos diante dos informes que costumam dar-nos os Espíritos Superiores, os quais confessam as dificuldades, quase intransponíveis, que se lhes deparam por vir ate nos, e quando chegam ate nos. Ha ainda maiores dificuldades para nos transmitirem as suas idéias e seus relatos, através de um cérebro que não é o deles e que nem sempre podem manejar a vontade, dificuldades a que se junta a nossa incompreensão quanta ao que se passa no Além.

Já nas famosas experiências com a Sra. Piper, os comunicantes confessavam a luta que deviam manter por se conservarem incorporados, quando se sentiam como a faltar-lhes o ar e a embaraçar-se nas comunicações.

Os sensitivos, nas experiências do Dr. Caslant percebiam coros admiráveis; eles ecoavam por toda a parte, sem que se pudesse precisar de onde provinham. É de lembrar a monografia de Ernesto Bozzano sobre a musica transcendental, onde se descreve, com várias copias de citações, o mesmo fenômeno.

Informavam também que, contraparte da vida humana, há, nas regiões que habitam, casamentos, como também, amor. Isto necessariamente provocará o sorriso dos que vêem nestas cenas um arremedo dos nossos hábitos ramerraneiros. E há de fato um arremedo, mas para melhor, nas regiões superiores, e para pior, nas inferiores. Mas esse arremedo é apenas nas circunvizinças.

Nas uniões das almas não existem as paixões violentas, o ciúme, o egoísmo, a ascendência do mais forte, os desejos físicos, os gozos efêmeros da matéria, senão a aproximação espiritual cheia de dedicação, afeto, cordialidade.

O Espírito dizia: "Existe para nós uma espécie de posse, pelo contato dos fluidos, que é mais etérea, e preferível às sensações carnisais.

Ainda sobre o mesmo assunto referia outra Entidade: "Há em minha esfera agrupamentos que se fazem por simpatia e afinidade. O contato dos fluidos, astrais, nos casos de afeição superior, envolve duas almas, que se elevam, e lhes da o entendimento que lhes seria inacessível por outra forma. As sensações conseqüentes não se podem comparar com as da encarnação terrena, que separam, ou desmoralizam, ou matam".

O vidente não pode penetrar nas regiões muito elevadas, a não ser conduzido por Espírito de elevada categoria. Assim, dizia um deles, que teve essa oportunidade: "Experimento uma extraordinária sensação de luz. Seres magníficos passam sob a forma de luas, outros como grandes ondas. E depois ... nem som, nem luz, um pensamento puro, uma irrealdade de sonho numa vida intensa".

Num comentário declara o autor que nessas regiões superiores as impressões são intraduzíveis porque não há correspondência com as da Terra. Ai, o mais poderoso dos sentimentos humanos, o amor, toma um aspecto inexprimível um desabrochamento sem limites da alma (un épanouissement

sans limites de l'âme); harmonias incomparáveis, a imensidade, uma bem-aventurança unida ao sentido do eterno são pobres impressões para dizer o que o sentido percebe.

Videntes ha que observam espíritos prestes a reencarnar. Uns o fazem de vontade própria, outros são forçados a tomar corpo. Conta um deles, que viveu ao tempo da Revolução; voltou mais duas vezes, uma como cantoneiro, outra como arquiteto: "Da primeira vez fui arrastado para a carne, sem resistência possível; imagine um fio de palha arrancado por um ciclone; só pude reaver os sentidos no mundo e só percebi que tinha experimentado uma reencarnação quando voltei ao Espaço. Na segunda vez já pude escolher o meio em que devia descer".

A outro vidente, declararam: "A alma e advertida de sua encarnação por um sentimento interno. Se ainda não se acha evoluída, seus mentores a guiam e instruem. Em cada plano há um trabalho de atração e assimilação da matéria, até que ela possa atingir o mundo físico, onde espera a ocasião de implantar-se em terreno favorável.

"Há Espíritos que descem em missão. É um grande sacrifício, mas que lhes traz grande merecimento. A alma na sua volta ao Espaço e como um recém-nascido; não se adapta de imediato, e daí, por vezes, a sensação de que tem frio e obscuridade; costuma cair num estado de torpor, mesclado de impressões físicas, sem que as mais das vezes perceba a sua passagem para o Além. A persistência das impressões finais e de notável intensidade, quando acompanhada de uma sensação violenta, como a de um suicídio. Ela revive, como num pesadelo, o gênero de morte que deu a si própria, e isto durante um tempo proporcionado a força dos sentimentos que lhe ditaram o ato. Os fluidos conservados na morte são semimateriais e podem apropriar-se aos desejos do indivíduo, inspirados pelas lembranças da Terra.

"Compreende a alma no Invisível que os obstáculos que encontra dimanam de seus erros e atos de outros, e que grande alegria será quando todos forem salvos. Dai a necessária solidariedade para a felicidade comum. Isso explica, em parte, a missão dos Espíritos e a solicitude por que velam pelo progresso".

Discorre ainda o autor, conforme as lições recebidas: "Os que chegam no Além assemelham-se aos que desembarcam: maltrapilhos ou com bagagens, sós ou acompanhados; seguem a pé ou de carro. .. As entidades tomam aspectos sucessivos a medida que atingem regiões mais elevadas. Assim se vêem personagens com forma humana, as vestes de sua época, ou luminosas; a luminosidade lhes caracteriza a evolução; há luzes brilhantes, fronte com um rasto luminoso, formas ovóides radiantes, formas estelares... Mais acima ainda, a forma desaparece; permanece apenas a impressão indefinível de presenças.

"Ha os Guias. Não se creia que têm por fim aliviar-nos de qualquer esforço ou qualquer pena. Seu papel consiste em ativar a nossa evolução, que comporta tantas vezes provas bem dolorosas.

"Nas manifestações do Além é difícil senão impossível descrever a vida dos planos superiores, inconcebível ao nosso entendimento e intraduzível em nosso vocabulário. Já o mesmo não acontece com as inferiores, que apresentam certa analogia com as misérias e os sofrimentos de nossa pobre existência terrena".

Neste ligeiro apanhado buscamos um experimentador alheio às atividades e a doutrina espírita, por não ser acoimado de sectarista. Pensamos que se acha isento de qualquer suspeição. Ele reproduz apenas o que lhe transmitiram os videntes, quando estudava o fenômeno batizado com o nome de criptestesia ou de metagnomia. Não há porém nada que melhor demonstre as verdades de uma teoria que a multiplicidade do testemunho, que os testemunhos convergentes, que a identidade das manifestações, que a concordância nos informes ministrados, que a independência do observador.

Ora, no longo e minucioso estudo do antigo chefe da escola positivista, vemos a perfeita conformidade com os ensinamentos trazidos pelos Espíritos a Allan Kardec, e mais tarde com as obras posteriores que nos descrevem a vida do Espaço, pelo menos as próximas a nós, como uma reprodução do que aqui se passa. Essa reprodução leva os neófitos a apresentarem um argumento que lhes parece intocável, o de que a mentalidade dos espíritas é tão fraca que caem no antropomorfismo, quando fantasiam sobre a vida no Além.

E este porém um ensino universal; e o que dizem todos os Espíritos e acham, naturalmente, os espíritas, que não é possível modificar a transmissão para se colocarem a altura mental dos críticos, que nunca observaram nada.

A literatura psíquica estendeu-se. A parte que trata da vida pós-morte é vastíssima; os relatos se multiplicam, os informes descem em catadupas das manifestações mediúnicas, os livros enchem prateleiras. Ajeitar todo esse manancial na conformidade das idéias dos que não sabem nada, seria provavelmente bela meloplastia, mas talvez não fosse honesto e muito menos curial.

Não há como os exemplos, como os casos, para a demonstração de uma tese. Vamos apresentar alguns extraídos do imenso acervo dos Anais do Psiquismo.

(150) E. Caslant. *Cahiers Contemporains*. Ed. Montaigne. pags. 172-222.

AS MELHORES RESPOSTAS DO IMBASSAHY

Selecionadas, organizadas e comentadas por:
Carmem Barreto

Vidência (31/jan/1959)

Perguntaram:

Para uma pessoa ver um espírito, ou o espírito aparecer a ela, basta ter vida santificada ou é necessário algum outro requisito? Tratando-se da segunda hipótese, o requisito é uma qualidade ou defeito? Qual a qualidade ou defeito que tinha Eugène Pacelli para ver um espírito ou este espírito apresentar-se a ele?

Antigamente quem via espíritos ou ouvia vozes (Joana D'Arc) era tido como feiticeiro. Hoje é tido como caso clínico. O Papa Pio XII viu Jesus. É caso clínico ou não? Se não é caso clínico qual é a classificação?

A palavra santo parece que não esclarece o assunto. Outros também foram santos, ou mais, e nada viram.

Cabe-nos dizer:

Primeiro - para uma pessoa ver um espírito basta um requisito: ser médium.

A vida santificada, ou uma vida elevada, só contribui para que se vejam espíritos da mesma natureza, ou seja, espíritos superiores.

A vidência (e qualquer outra mediunidade) independe de requisitos, a não ser os do mediunismo.

O mesmo acontece com as aparições.

Os indivíduos de baixo caráter, salvo casos excepcionais, comunicam-se com os seres espirituais do mesmo naipe.

Em suma, os médiuns videntes podem ver, sem necessidade de vida santificada. Esta apenas influi na vidência de seres espirituais de grande elevação.

Destarte, para ver Espíritos, Eugène Pacelli só necessitava o requisito da mediunidade.

Inquinar de feiticeiro o médium, como acontecia na Antigüidade, ou chamar o caso de clínico, como atualmente, é desconhecer inteiramente a matéria. Donde se vê que os tempos mudam, mas a ignorância e a mesma, com rótulos diferentes.

Se o Papa Pio XII viu Jesus é apenas um caso medianímico.

Não acredito, entretanto, que ele tivesse visto o Divino Mestre; não porque descreia das suas altas virtudes, nem o julgue um mistificador. É possível que lhe aparecesse um elevado Guia, e ele o tomasse pelo Cristo.

O que me parece difícil é que o Cristo ande a perambular pelos andurriais do planeta.

Veja a delicadeza de esclarecimento: sabemos que é muito comum a espíritos galhofeiros aparecerem para médiuns videntes passando-se por divindades. E o caso que Kardec chamou de obsessão fascinativa. Por que não poderia ter ocorrido com o Papa? Pois, com sutileza, o autor da coluna preferiu optar por uma forma mais delicada: seria outra entidade de evolução espiritual que passou por confusão do "vidente".

MÉDIUM QUEM É QUEM NÃO É

Demétrio Pável Bastos

Não resta a menor dúvida de que a simples leitura de jornais e o assistir de noticiário pela TV, hão de ser terríveis povoadores de mentes a prejudicar seriamente as reuniões mediúnicas. Isto para não falar dos comentários que os componentes da reunião costumam fazer durante os minutos que a antecedem.

Os estudos de Kardec, Bozzano e André Luiz levam sempre ao mesmo ponto: nos dias de reunião mediúnica, zelar pela espontaneidade do fenômeno e ter mente despovoada de assuntos que possam gerar formas-pensamento que se mesclarão com os assuntos das comunicações, durante os trabalhos.

Note-se que quando as formas-pensamento ocorrem no ambiente em que são realizadas as reuniões mediúnicas, até os médiuns videntes podem ser levados a conclusões indevidas.

A inobservância desses requisitos termina, geralmente, por transformar as reuniões que deveriam ser apenas mediúnicas em reuniões mediúnicas/não-mediúnicas.

Coberto de razão está pois André Luiz, quando recomenda que o fenômeno mediúnico há de, guardar espontaneidade.

Esta observação atinge o esclarecedor, que deve abster-se de induzir o sensitivo a criar imagens mentais. É preferível deixar por conta da espiritualidade a iniciativa do desenrolar da reunião.

Se se diz a um médium: - "aproxima-se de você um Espírito, recém-desencarnado, que partiu em virtude de penoso processo de tuberculose", é quase certo que vai começar a tossir, haja ou não Espírito como o descrito, agindo sobre ele.

E sob influência de Espírito (ou Alma), que o médium deve trabalhar, e não pelas sugestões verbais ou mentais do esclarecedor, ou de quem quer que seja, inclusive os dele mesmo.

Leia-se "Pensamento e Vontade", de Ernesto Bozzano, verdadeira obra prima que esclarece por demais o assunto.

XXXIII – Médiuns Videntes LM – XIV

Existe um tipo de visão mediúnica denominada **vidência**, que ocorre com as pessoas ditas médiuns **videntes**, "dotadas da capacidade de ver Espíritos", não acidentalmente, nem em sonho, mas de forma, "senão permanente, pelo menos muito freqüente".

Existe um segundo grupo de visões, denominadas clarividência, que ocorrem no estado sonambúlico, que se distinguem da vidência porque se referem à visão de coisas terrenas. Não se trata pais, de mediunidade, mas de animismo, não-mediúnico.

Existe enfim, um terceiro tipo de visões, denominadas dupla vista; como a clarividência, diz respeito as coisas terrenas, mas distingue-se dela por ocorrer no estado de vigília. Movido por objetivos puramente didáticos, Allan Kardec diz que, no fenômeno da dupla vista o sensitivo "vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem" (LM - 455) trata-se de uma simples comparação destinada a dar idéia de como o sensitivo registra o fenômeno. Ninguém suporá portanto que o Codificador estava a ensinar que a dupla vista é um tipo de miragem. A miragem não passa de uma ilusão, ao passe que a dupla vista se refere a coisas reais.

Como o agente da dupla vista não é Espírito, mas Alma (no caso, a do próprio sensitivo), o fenômeno deve ser também classificado como anímico, não-mediúnico.

Curioso que Allan Kardec, em O LIVRO DOS MÉDIUNS (Cap. XIV - item 167), diz que "na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista" mas em OBRAS POSTUMAS, lê-se exatamente o contrario: "Podem incluir-se os médiuns videntes na categoria das pessoas que possuem a dupla vista" (pag. 102).

Os Espíritos empregam a expressão **dupla vista** como sinônimo de **segunda vista** (O Livro dos Espíritos - p. 447). A primeira vista é a comum, do corpo físico; a segunda, a da Alma.

Examinando-se o que diz Kardec a respeito de dupla vista (ou segunda vista), chega-se a conclusão de que a expressão é empregada com dois sentidos: um restrito e outro abrangente. O restrito se refere somente ao terceiro tipo de visões, conforme estamos estudando ("miragem"). O abrangente ocorre porque as três ordens de visões são as da Alma, ou seja, registradas pela segunda vista.

Assim, a vidência, a clarividência e a dupla vista (restrita) são fenômenos da dupla vista (abrangente).

Outro fato muito significativo é a resistência oferecida por Kardec para denominar de vidente o indivíduo dotado de dupla vista: "Tem-se empregado a palavra **vidente** que, embora não exprima com exatidão a idéia, adotaremos até nova ordem, em favor de outra melhor" (Obras Póstumas, pag. 100).

A fim de podermos classificar os fenômenos mais facilmente, permitir-nos-emos usar as seguintes denominações:

- vidente - para nos referir aos que vêem Espíritos.
- clarividente sonambúlico - para nos referir aos que vêem coisas materiais através de corpos opacos, no estado de sonambulismo.
- clarividente vigil - idem, em vigília (dupla vista restrita).

	Segundo Allan Kardec	Segundo Alexandre Akskof
Vidente	Sensitivo: médium Fenômeno: mediunidade	Sensitivo: médium Fenômeno: Espiritismo
Clarividente Sonambúlico	Sensitivo: não-médium Fenômeno: não-mediúnico	Sensitivo: médium Fenômeno: animismo
Clarividente Vigil	Sensitivo: não-médium Fenômeno: não-mediúnico	Sensitivo: médium Fenômeno: animismo

A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS

Eliseu Rignonatti

Médiuns Videntes

Médiuns videntes são aqueles que vêem os espíritos.

Temos de distinguir três espécies de médiuns videntes:

1. Os médiuns videntes que vêem tanto com os olhos abertos como com eles fechados.
2. Os médiuns videntes que vêem somente com os olhos abertos.
3. Os médiuns de visão mental.

No primeiro caso é o perispírito do médium que recebe a imagem do espírito. Assim, o médium tanto pode estar com os olhos abertos como com eles fechados que verá os espíritos. A visão não lhe chega através dos olhos, e sim através do perispírito. Estes médiuns são chamados clarividentes e a mediunidade que possuem chama-se clarividência. São raríssimos.

No segundo caso, a causa da vidência reside nos olhos do médium. Os olhos tornam-se sensíveis sob a ação fluídica do espírito que se quer deixar ver e nesse estado de sensibilidade ótica o médium o vê.

No terceiro caso, não há propriamente vidência. Há uma percepção mental, isto é, o médium vê em pensamento,

Os médiuns videntes são raros e a vidência nunca é permanente. Geralmente é uma mediunidade de curta duração.

Os médiuns videntes facilitam o estudo do mundo espiritual pelas descrições que fazem de seus habitantes. Entretanto, é preciso muito cuidado para que não sejamos vítimas da imaginação.

XENOGLOSSIA

Ernesto Bozzano

Como quer que seja, apontarei outra explicação dada sobre a questão de que tratamos e que poderia considerar-se complementar da que ficou exposta acima. Deu-a uma entidade espiritual, que se comunicou por Mrs. Duffey. Disse que, uma vez morta, logo que lhe foi concedido, cuidou de assistir as sessões mediúnicas do grupo que em vida freqüentara. Da longa e instrutiva narração que fez dessa sua experiência espiritual, extraio o trecho seguinte:

... Ao médium eram transmitidos ensinamentos e conselhos de suma sabedoria, que não pareciam indignos das mais excelsas esferas espirituais. Quando, porém, foi dado o nome de quem se manifestava, nome ilustre nos anais da literatura, tendo aquele que o trouxera passado a vida espiritual antes da última geração humana, senti-me uma vez mais tomada de profunda desilusão, porquanto bem -via que aquele Espírito não estava presente. Sabia, ao contrário, que já ele ascendera a uma esfera donde os Espíritos rarissimamente voltam a manifestar-se aos humanos. Mas, então, se até os melhores médiuns eram vítimas de Espíritos mistificadores, que confiança se poderia depositar nas comunicações mediúnicas? "Margarida" (seu Espírito-guia), que me vigiava, ao perceber o meu pensamento, apontou com a mão para alguma coisa, ao mesmo tempo que me dizia: "Olha!" Dirigi o olhar para o ponto indicado e observei, ou, melhor percebi (pois que não temos o que ai se chama a visão) uma sucessão de filamentos luminosos que, passando de um Espírito a outro, de uma a outra esfera, tinham servido de fio transmissor, ao mundo dos vivos, do pensamento que brotara em altas esferas espirituais. O! quão maravilhosos se me afiguravam então aqueles filamentos luminosos, que tinham o poder de vincular os humanos as elevadas esferas da espiritualidade, formando, com estas e aqueles, um só Todo, uma família só do universo espiritual! (Mrs: DUFFEY - Heaven Revised, pag. 86.)

Julguei oportuno citar estas explicações, dadas por personalidades mediúnicas, acerca da questão em foco, sobretudo porque são explicações que ajudam a compreender; depois, porque, no caso, pouco importa que os comunicantes, de par com as explicações ministradas, hajam ou não oferecido provas exaustivas de identidade pessoal. O que importa é que seus esclarecimentos se demonstrem espiritualmente racionais e aceitáveis. Ora, não se pode negar, nos dias atuais, quando assistimos as maravilhas da "telegrafia sem fio" e da "radiofonia", que tais elucidações, afins com as desses fenômenos, também são cientificamente legítimas e aceitáveis.

MEDIUNIDADE

Edgard Armond

A Bíblia, ela mesma está cheia de semelhantes manifestações, todas obtidas por meio da mediunidade.

No Velho Testamento vemos os profetas, videntes e audientes inspirados, que transmitem ao povo a vontade dos Guias e, de todas as formas de mediunidade parece mesmo que a mais generalizada era a de vidência.

Samuel, no Livro I, cap. 9, v. 9, assim o demonstra, quando diz: “Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se vamos ao vidente; porque os que hoje se chamam profetas chamavam-se videntes”

Vidência

Também chamada clarividência, é a visão hiperfísica.

Usando do mesmo sistema de simplificação e acompanhando outros autores, dividimo-la em: Vidência ambiente ou local.

Vidência no espaço.

Vidência no tempo.

Vidência ambiente ou local

É aquela que se opera no ambiente em que se encontra o médium, atingindo fatos que ali mesmo se desenrolam e pode ser considerada como sendo a faculdade em seus primeiros estágios.

O médium pode ver Espíritos presentes, cores, luzes, formas. Pode ver também sinais, quadros e símbolos projetados mentalmente pelos instrutores invisíveis, ou qualquer Espírito no seu campo de visão ⁽¹⁾.

Quando o fenômeno ganha, com o desenvolvimento, maior nitidez, poderá ler palavras ou frases inteiras, também projetadas, no momento, pelos Espíritos comunicantes.

Nestes casos, nem sempre os símbolos, sinais e letras são claros, apropriados ou significativos, sendo mesmo, às vezes, bem inexpressivos, visto que dependem da capacidade imaginativa, da inteligência ou do poder mental do Espírito comunicante.

Vidência no espaço

E aquela em que o médium vê cenas, quadros, sinais ou símbolos, em pontos distantes do local do trabalho.

Esta visão é obtida, comumente, por dois modos:

1.º) pela forma; ao do tubo astral, que é um processo de polarização de um número de linhas paralelas de átomos astrais, que vão do observador à cena que deve ser vista.

Todos os átomos sobre quais se age ficam, enquanto dura a operação, com seus eixos rigidamente paralelos uns aos outros, de sorte a formar uma espécie de tubo por onde o vidente olha.

Esta explicação é de Leadbeater e aceitamo-la na íntegra, somente acrescentando que as imagens assim obtidas são de tamanho reduzido, porém perfeitamente nítidas.

Esta maneira, porém, não é a única, nem mesmo a mais comum, do ponto de vista espírita, pois sucede que, na maioria das vezes, a ligação entre o local da cena distante e aquele no qual se encontra o médium, e feita pelos próprios instrutores invisíveis que, na matéria astral, estabelecem uma linha de partículas fluídicas, formando um fio transmissor de vibrações de extremo a extremo, por meio do qual a vidência então se exerce.

2.º) pelo desdobramento, mediante o qual o Espírito do médium, abandonando momentaneamente seu corpo físico, ou melhor dizendo, exteriorizando-se, e levado ao local da cena a observar, então diretamente, sendo que, neste caso, a visão é muito mais nítida e completa.

Quando médium não tem ainda desenvolvida a capacidade de desdobramento, os próprios instrutores o mergulham em sono sonambúlico e, nesse estado, o transportam aos lugares desejados; nestes casos, o vidente ou narra a cena vista somente após o regresso e o despertar no corpo físico, ou a vai narrando durante o próprio sono sonambúlico, à medida que a observa.

Vidência no Tempo

É aquela em que o vidente vê cenas representando fatos a ocorrer ou já ocorridos em outros tempos.

Opera, então, em pleno domínio quadrimensional. Ele está no Tempo, que é a sucessão interminável dos eventos. Abrem-se aí, para ele, as regiões pouco determinadas em que existem os registros da eternidade (akásicos), os quais, desfilando a sua frente, dar-lhe-ão como em uma fita cinematográfica, a visão nítida e seqüente de acontecimentos passados e futuros (2).

Colocados em um "ângulo de tempo", isto é, em "um momento", entre dois ciclos de tempo, seu olhar pode abarcar o que já foi e o que ainda vai ser, visto que, segundo Marin, o futuro não está preparado, mas sim realizado constantemente no Tempo; as causas, passadas ou presentes, projetam no futuro seus efeitos, aos quais permanecem ligadas, de forma que, colocado o vidente fora dessa linha de ligação entre dois pontos, pode abrangê-los de extrema a extremo.

No primeiro caso, coma se compreende de coisas do passado, a visão é rememorativa e, no segundo, de coisas do futuro, é profética.

Ha ainda a observar que, neste caso de visão no tempo, tanto pode o médium ser transportada em desdobramento a região ou ponto onde se encontram os clichês astrais, como podem ser estes projetados, pelos Espíritos instrutores, no ambiente em que se encontra o médium.

Vidência e Audição

O desenvolvimento destas duas formas mediúnicas se opera também em sessões especiais, reservadas, sendo unicamente necessárias, em nosso plano a presença do médium e a formação de uma pequena corrente de duas a três pessoas. Os entendimentos com os operadores invisíveis poderão ser feitos com o emprego das próprias faculdades em desenvolvimento que irão sendo assim mais intensamente exercitadas desde o principio.

Se se tratar de vidência, os protetores irão projetando, metodicamente e progressivamente, os símbolos e os quadros interpretativos e, se se tratar de audição, procurarão fazer-se ouvir pelo médium (3).

De inicio, naturalmente, haverá dificuldades: pouca nitidez e coordenação nas projeções, em se tratando de vidência, e pouca clareza e volume em se tratando de audição; mas essas dificuldades

elas mesmas passarão a representar ótimos elementos de treinamento; e à medida que as faculdades se desenvolvem, o trabalho irá ficando cada vez mais interessante e apresentando resultados cada vez mais completos.

No princípio, os protetores se limitarão, na vidência, a projeções mentais muito simples, no próprio local mas, com o progredir do trabalho, irão levando o médium ao campo das visões a distancia e dos demais contatos com o mundo invisível, que esta maravilhosa faculdade de lucidez proporciona.

As projeções, como dissemos, são quase sempre simbólicas, porque esta é a forma mais adequada e mais simples que os Espíritos encontram, para a transmissão de seus pensamentos. Por isso não se deve interpretar objetivamente os quadros mas buscar sempre o significado espiritual que eles contém.

A projeção de um punhal, por exemplo, pode significar o recebimento de um golpe, de uma violência; um lírio pode significar pureza, como um campo bem cultivado pode significar abundância. Em suma, ligando-se as projeções entre si, em sua natural seqüência e procurando penetrar em seu significado espiritual desta forma, e que se pode atingir acertada interpretação.

Os médiuns videntes, de início, muitas vezes se atemorizam com visões grotescas, desagradáveis, de seres disformes, em atitudes agressivas ou repugnantes; outros por verem cenas extravagantes, apocalípticas, perturbadoras. Isso é devido ao fato de poderem, uns, nos primeiros tempos, ser atuados por Espíritos inferiores, maldosos ou zombeteiros, que se comprazem em impressioná-los ou desviá-los de suas tarefas; outros, em graus mais adiantados, de visão espontânea, por surpreenderem aspectos desconhecidos de regiões astrais inferiores.

Em todos os casos, desde, porém, que sejam submetidos à primeira fase do desenvolvimento, tudo ira desaparecendo, o equilíbrio psíquico se fará, os perturbadores se afastarão e a faculdade irá sendo disciplinada para só se fazer sentir ou atuar nos momentos do trabalho e nos limites e condições que forem aconselháveis.

(1) Quase sempre esses quadros e símbolos são formados com auxílio de fluidos pesados fornecidos pelos médiuns e assistentes.

(2) Os fatos relacionados com a vida dos objetos, indivíduos ou das coletividades, gravam-se indelevelmente na luz astral, em registros etéreos e se arquivam em lugares ou repartições apropriadas do Espaço, sob a guarda de entidades responsáveis e, em certos casos, podem ser consultados ou revelados a Espíritos interessados na rememoração do passado.

(3) As projeções telepáticas superiores são sempre sonoras e luminosas, de modo que podem ser vistas pelos videntes e ouvidas pelos audientes. Ver e ouvir os pensamentos são expressões correntes no plano invisível.

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Edgard Armond

Na vidência o que ocorre?

O médium, possuidor de faculdades especiais e próprias vê quadros, símbolos, paisagens, entidades animais e humanas não visíveis normalmente pelos sentidos físicos. Com essas faculdades, ultrapassa o limite vibratório que a Ciência já mediu, de tantos milhões de vibrações por segundo, dentro do qual a visão comum se exerce, passando a ver em plano super-físico, ainda não admitido pela Ciência, porém nem por isso menos real.

Na vidência há duas linhas distintas de fenômenos que são: os que vão do médium para fora, (extrínsecos) e os que vem de fora para o médium (intrínsecos). Nos primeiros, a capacidade de ver com os olhos do perispírito, permite aos médiuns surpreender diretamente no Plano Espiritual as atividades desse plano, de condição vibratória mais rápida; nos segundos, perceber quadros, paisagens, símbolos etc. formados ideoplasticamente pelos espíritos desencarnados e projetadas no seu campo de visão no mundo denso; o mesmo se verificando nos casos de audição com as diferenças vibratórias de luz, maior rapidez e amplitude para som, (menor rapidez e menor amplitude).

Estamos na era da eletrônica e grande parte dos fenômenos que se dão através da mediunidade, são desse campo, notadamente os referentes às curas, onde o eletro-magnetismo entra em larga escala, seja nas operações mediúnicas diretas sobre o corpo humano, cortando nos músculos e vísceras, ou simplesmente promovendo afastamento celular; seja na ação puramente perispiritual, com projeção seqüente de efeitos no corpo denso.

Vejam-se as curas na Inglaterra e as materializações nos Estados Unidos, muitas vezes a plena luz do dia, por efeito de condensações extremas de fluidos humanos e cósmicos.

Tudo isso são assuntos de Espiritismo científico, que exigem médiuns não simplesmente autômatos, mas, bem ao contrário, capacitados e responsáveis.

Vidência

Terminado o desenvolvimento primário, ao qual todos os médiuns devem acompanhar, seja qual for a mediunidade que possuam e após a abertura da sessão, cujas preliminares já foram anteriormente apontadas e que os médiuns todos, videntes ou não, devem acompanhar; dar explicações sobre a natureza da faculdade e seus diferentes aspectos ou modalidades, diretamente aos videntes.

Como se exerce e como se divide:

Vidência local- O médium vê projeções, quadros, paisagens e entidades espirituais no próprio local onde se realiza o trabalho, espontaneamente ou por interferência de espíritos desencarnados.

Vidência a distancia - Cenas, paisagens, projeções e entidades em lugares distantes, quase sempre por interferência de espíritos desencarnados (protetores, instrutores e guias).

Em seguida:

1) Manda-se que os médiuns **se concentrem para ver em vidência local**. Nesse instante, os operadores espirituais projetarão no campo perispiritual dos médiuns, luzes, imagens e quadros diferentes, a começar pelas luzes, com densidade regulada segundo a capacidade de visão de cada um; isso desperta a atenção e o interesse de todos, porque todos terão oportunidade de ver segundo podem, desde, é claro, que haja realmente capacidade de vidência.

Em seguida, se pedira a projeção de uma só luz, imagem ou quadro para todos, com densidade média, para se apurar o grau de vidência de cada um. A intensidade média da projeção permitira que seja vista por todos os possuidores de **capacidade média e superior**, não sendo vista pelos demais e isto selecionara desde logo os médiuns, porque a projeção será vista por uns e não por outros, vista de forma diferente por uns e outros, com maior ou menor nitidez ou detalhes e em ângulos e aspectos diferentes, segundo a capacidade de cada um.

Explicar aos médiuns claramente as razões do procedimento para que cada um compreenda e conheça não só o grau de sua capacidade pessoal, como também a técnica do trabalho em relação a sua especialização.

Por outro lado, como as projeções são quase sempre simbólicas este pormenor será também explicado, pedindo-se no momento ao Plano Espiritual projeções indicativas para interpretação exemplificadora.

As interpretações de visões simbólicas são muito difíceis por serem muito relativas, porque muitas vezes é preciso penetrar na mente do transmissor para saber qual a idéia que presidiu a projeção.

Explicar também que as diferenças de visão dependem, ainda, do grau de elevação moral de cada médium. Em regra geral, aqueles que possuem tonalidade vibratória mais elevada, verão os quadros mais a fundo, **mais no interior**, ao passo que os demais verão em pontos mais baixos, mais materiais, isto é, mais do lado de fora, **mais superficialmente**.

Os de vidência inferior não penetram na intimidade psíquica de uma entidade desencarnada ou não, enquanto que o de teor mais elevado penetra em detalhes e surpreende os próprios sentimentos mais íntimos.

Por exemplo, no caso de um obsessor ou mistificador: o vidente de capacidade inferior, se vir o espírito o verá sem nitidez, como através duma vidraça embaçada; o de capacidade média verá com nitidez, com mais detalhes, podendo até descrever a indumentária, as cores, a fisionomia; o de capacidade superior verá sua aura escura, com suas estrias, radiações fluídicas malélicas de ligação com o obsediado e penetrará, mesmo, no âmago do sentimento negativo ou na mente, para surpreender seus próprios pensamentos ou intenções.

De início, pois, é preciso dar a cada médium seu devido lugar na escala, para classifica-lo segundo mereça e dar-lhe o crédito correspondente aos resultados que for apresentando.

Há videntes que vêm bem, porém, por não saberem distinguir, separar, classificar as coisas misturam tudo: o essencial com o secundário, o real com o imaginário, o que vem de fora com o que vem do subconsciente e não conseguem, por mais que falem, responder as perguntas mais simples.

A medida que o trabalho prossegue, o instrutor vai anotando os resultados para apuração da capacidade de cada médium, de maneira que, ao termo final, possa fazer uma classificação judiciosa.

2) Passa-se em seguida a **vidência comum a distancia**. Nesta modalidade, os instrutores espirituais formam os condutos de visão ou as ligações fluídicas com imagens ou quadros distantes que, da mesma forma, serão vistos e analisados pelos médiuns e anotados os resultados pelo instrutor da turma.

Convém começar com a indicação de alvos mais próximos, iguais para todos; depois, paisagens e detalhamentos, ampliando os alvos e as localizações gradativamente.

Em todos os casos, a vidência pode também ser direta ou indireta: direta quando o médium vê quadros, cenas ou entidades espirituais diretamente como se fosse com os próprios olhos materiais; ou indireta ou mental, quando a visão parece se dar simplesmente dentro do cérebro: no primeiro caso, a vidência pode ser denominada ""transferida"" para o nosso plano e, no último, ""não transferida", o médium vendo somente com os olhos do perispírito.

O desenvolvimento também visa possibilitar essa transferência.

Para todos os casos de vidência, observe-se o seguinte: a vidência pode ser espontânea ou alternativa, mental (pode-se dizer: com os olhos do perispírito) ou direta, transferida ou não para o nosso plano; o treinamento, nos períodos seguintes do qual tratamos mais adiante, justamente visa torna-la **direta, objetiva, isto é, transferida para o nosso plano material**.

Para a vidência

Separar aqueles que, no decorrer do curso tenham revelado possuir e hajam treinado a faculdade; mandar que se concentrem para ver e exhibir-lhes, a pouca distância, um objeto qualquer para exame de aura; em seguida, fazer a mesma prova com pessoas presentes e, por ultimo, tentar um exame direto e interno do organismo humano, servindo-se também de presentes.

Fazer a mesma prova com objetos, cuja origem seja conhecida, podendo também o instrutor desenhar, no momento, uma figura qualquer, fecha-la em um envelope para que seja descrita pelo vidente, além de outras modalidades que a imaginação do instrutor julgue adequadas e eficientes para a prova. Essas ultimas são provas do campo da psicometria.

Prosseguir pedindo a cooperação do Plano Espiritual para a projeção de quadros para toda a turma e, depois, individualmente, para cada médium, de tudo anotando os resultados ⁽¹²⁾.

Em seguida, passar a vidência a distância, dando aos médiuns, um por um, alvos diferentes, naturais e conhecidos do instrutor, para a descrição de detalhes. Prosseguir com a descrição livre de cenas e quadros à distancia e terminar a prova com descrição de vidência com desdobramento, a **consciência do médium junto ao corpo desdobrado**, obrigatoriamente ⁽¹³⁾

(12) É costume de alguns instrutores encarnados fazerem, eles mesmos, transmissões telepáticas para serem recebidas por médiuns em desenvolvimento de vidência ou incorporação. Não aconselhamos a pratica porque na maioria dos casos, se não houver capacidade real de transmissão não haverá também recepção e o instrutor culpado o médium por um fracasso que é dele, instrutor, e não do médium.

(13) Ocorrem às vezes equívocos sobre desdobramentos: exterioriza-se levemente o corpo etéreo e médium julga estar desdobrado; somente há desdobramento **quanto a consciência se desloca para o local da visão**; fora disto o que ocorre é vidência à distância.

Vidência

Neste período de Aprimoramento os videntes que, no período anterior, foram instruídos sobre a **vidência local** e à **distância**, serão levados a exercitar a vidência com desdobramento.

DIRIGENTES DE SESSÕES E PRÁTICAS ESPÍRITAS

Emílio Manso Vieira

CAPÍTULO X

IDENTIFICAÇÃO PELA VIDÊNCIA

Alguns dirigentes de sessões costumam colocar ao seu lado um médium vidente, para identificar os espíritos comunicantes. Esse seria um processo eficiente, se pudéssemos contar com videntes perfeitos e de absoluta confiança. A vidência não é infalível; pelo contrário, e um dos fenômenos mais complexos e que oferece maior campo a mistificação. Em algumas sessões, mal o espírito envolve o médium, já o dirigente ordena ao vidente que se manifeste sobre a natureza do espírito. Alguns perguntam ao médium vidente o seguinte: "- O irmão que ai esta e mulher ou homem; e mistificador ou sincero; bom ou mau?" etc. O médium vidente vai descrevendo o espírito com tanta

facilidade, como se estivesse realmente em face de um ser plenamente visível, do qual conhecesse todas as intenções.

Às vezes, o dirigente chega ao cúmulo de perguntar ao espírito o seu nome e, mediante a resposta, solicitar ao vidente que confirme ou desautorize a afirmação do espírito.

Há certos médiuns que julgam identificar os espíritos por alguns símbolos complicados, por sinais, luzes, quadros etc., que dizem ver no espaço; contudo, nada disso comprova a identidade.

Estas modalidades estão generalizadas nas sessões, onde os dirigentes não possuem a devida capacidade para o bom discernimento sobre os espíritos; mas ter essa capacidade devida ser a característica de quem assume a difícil tarefa de orientar e dirigir uma sessão.

A única maneira de identificarmos a qualidade dos espíritos e procurarmos verificar se são bons ou maus, sinceros, evoluídos ou mistificadores, conclusões a que chegaremos somente pela análise do que dizem, verificando se suas idéias são edificantes ou banais.

É lamentável ouvirmos certos espíritos atribuírem a si, nomes veneráveis, confirmados por certos médiuns videntes e, ao mesmo tempo, dizerem banalidades que espantam até os leigos no assunto.

Há espíritos habilitados na arte de mistificar, que podem tomar aparências de entidades respeitáveis e até mesmo produzir luzes radiantes, enganando a muitos. Por outro lado, vários médiuns, na mesma sessão, podem ver os espíritos sob diversos aspectos. Não há um só tipo sob o qual são vistos, porque a vidência varia de médium para médium. Desta forma, pode um médium dizer que o espírito visto é de Elias, o outro afirmar que é de Moisés e outro ainda positivar que é de Buda, sem que seja de nenhum dos três. A vidência é demasiadamente falha para esses trabalhos. É por este motivo, ou seja, a falta de uma certeza absoluta, que a prática de identificar os espíritos pela vidência, não é recomendada pelo Espiritismo, pois o espírito tanto pode mistificar o dirigente como mistificar o vidente.

Para termos uma orientação mais segura a respeito do assunto, procuremos esclarecimento em "O Livro dos Médiuns", Capítulo XXIV, e veremos as dificuldades que ele encerra.

CAPITULO XVIII

CONSTATAÇÃO DA MEDIUNIDADE PELA VIDENCIA

Determinados dirigentes de trabalhos, antes de admitirem os médiuns nas sessões, procuram ajuizar a respeito da faculdade mediúnica do candidato aos trabalhos. Este cuidado é louvável e até mesmo recomendável pela Doutrina; o que, entretanto constitui prática desaconselhável e a maneira de constatarem a existência de mediunidade. Alguns pretendem saber se alguém é médium, usando a vidência. Esta prática é inteiramente destituída de lógica, porque a mediunidade não é visível; pelo menos, ninguém ainda a viu. Pensam constatar a faculdade mediúnica pelas nuanças da aura espiritual (quando conseguem vê-la), processo inteiramente desprovido de bom senso. Só os espíritos altamente categorizados sabem se existe ou não mediunidade em um paciente em condições para a obtenção de manifestações. Sabem pela experiência e pelo conhecimento do

complicado mecanismo vibratório das criaturas; entretanto, não se estendem em diagnósticos precipitados.

Há determinados médiuns que, levados à mesa, não sentem a mínima vibração; permanecem alheios a quaisquer influencias dos espíritos quando, em outras ocasiões, são perfeitamente sensíveis a aproximação das entidades espirituais, recebendo-as com toda facilidade. O médium que pretendesse constatar a mediunidade pela vidência (o que não é possível), como poderia descobri-la se o exame fosse feito no momento de inteira impassibilidade do paciente? A vidência, para a constatação da mediunidade, e o processo mais falho de todos quantos temos conhecido. Se um espírito é visto perto de um participante da reunião, isso não quer dizer que este seja médium. A simples observação da aura espiritual (quando alguém consegue fazê-la), poderia, quando muito, constatar o estado emocional, o equilíbrio mental ou as preocupações do paciente no momento do exame; isso, entretanto, não constitui nenhuma regra segura para se avaliar o estado costumeiro de espírito da pessoa, porque a aura vibra e muda de cor conforme o estado emotivo da ocasião. Mediunidade não tem cor, nem é coisa que se veja.

Pretender ver a mediunidade em alguém e o mesmo que pretender ver o ar ou as ondas hertzianas. O que Kardec recomenda em "O Livro dos Médiuns", Capítulo XVIII, itens 204 e 205, e a experimentação constante e metódica, com observações periódicas, para se chegar a um resultado lógico. Se os médiuns possuísem órgãos espirituais diferentes das demais criaturas, então seria fácil verificar quais as pessoas que realmente possuem mediunidade em fase de aproveitamento para o trabalho.

Os espíritos superiores poderiam dizer se os consulentes são médiuns; entretanto, nunca o fazem, porque esta não é a sua função. Descobrir faculdades mediúnicas e outras aptidões nas criaturas humanas, não constitui nenhum objetivo da Doutrina Espírita.

Como o fenômeno da vidência é por demais complexo e demasiadamente sujeito a enganos, não se deve prognosticar a mediunidade por esse processo.

Todos os médiuns ou dirigentes que agirem nesse setor, estarão contribuindo grandemente para aumentar o número de fanáticos e incentivando um exibicionismo prejudicial. Não há nenhum interesse para a Doutrina Espírita, nem para o candidato ao exercício mediúnico, a constatação antecipada da sua faculdade mediúnica, porque esta pode não existir, e daí passar a pessoa a fingir que está mediunizada ou dar lugar ao animismo.

OS ANIMAIS TÊM ALMA?

Ernesto Bozzano

VIII Categoria

Visão e identificação de fantasmas de animais mortos

A categoria das percepções de fantasmas animais é ricamente cheia de episódios variados, mas, se se propuser encará-los sob um ponto de vista rigorosamente científico, é-se levado a concluir daí que os dois primeiros grupos são os mais abundantes em casos. O primeiro trata de visões de fantasmas de animais que não foram identificados com outros animais que viveram ou morreram

recentemente nos arredores, visões que se pode muito facilmente explicar pela hipótese alucinatória, embora haja exemplos nos quais os fantasmas animais foram percebidos coletiva e sucessivamente por diferentes pessoas. O outro grupo de fantasmas animais a excluir e o das visualizações subjetivas obtidas por sensitivos clarividentes, visualizações que, pela maior parte, são devidas a um fenômeno de "clarividência telepática", isto é, a leitura do pensamento na subconsciência do consultante e isso em consequência da "relação" que se estabeleceu entre a subconsciência do sensitivo e a do consultante. É o que se produz, sob uma outra forma, no caso de "psicométrica" no qual o objeto apresentado ao sensitivo serve para estabelecer a "relação" entre a subconsciência deste último e a do proprietário do objeto, o que faz com que, diante da visão subjetiva do sensitivo, surjam imagens representando fatos e acontecimentos relacionados com o dono do objeto em questão e que constituem a representação mais ou menos simbólica dos informes colhidos pelo sensitivo da subconsciência do consultante. Segue-se daí que as visões de animais mortos, quando elas se verificam em condições que permitam atribuí-las a "clarividência telepática", não podem revestir um valor de provas de identificação animal, a menos que haja alguma circunstância secundária de natureza a corroborar esta última interpretação, circunstância que se produz bastas vezes nas consultas de que se trata, então não pode ser mais questão de "clarividência telepática" propriamente dita e sim de "clarividência – telepática - espírita". Este cruzar de manifestações semelhantes, com uma fonte diferente, contribui para mostrar o bom fundamento e a importância da lei metapsíquica a que fizemos alusão anteriormente, lei segundo a qual todas as formas de vidência e mediunidade podem ser alternativamente "anímicas" e "espíritas" e isto em consequência do fato essencial de que toda manifestação supranormal, que se produz por intermédio de um "espírito desencarnado", pode igualmente se produzir por intermédio de um "espírito encarnado", quando este se acha em condições transitórias de desencarnação parcial do espírito, isto é, em condições leves ou profundas do sono fisiológico, sonambúlico, mediúnico ou por causa de uma crise de grave enfermidade, de síncope ou êxtase. Resulta daí que, em todas as formas de manifestações supranormais, são as circunstâncias em que os fatos se produzem, que devem pôr-nos no rasto das causas pelas quais são eles engendrados e não as diferentes formas de vidência ou mediunidade graças as quais foram obtidos, pois estas são todas equivalentes já que são todas susceptíveis de serem "espíritas" ou "anímicas".

Chego agora à exposição dos casos recolhidos, começando por um episódio explicável pela "clarividência telepática" para citar, em seguida, casos sempre menos suscetíveis desta interpretação até chegar a exemplos para os quais ela deve ser absolutamente excluída.

Caso CXVII - (Mediunidade vidente) - O Sr. Paul G. Leymarie, pai, que foi Diretor da *Revue Spirite*, publicou em 1900 o seguinte fato:

No mês de janeiro de 1887, a Sra. Bosc, viúva do eminente engenheiro, estava sentada perto da chaminé do nosso apartamento no n.º 7 da Rua de Lille, em Paris, quando o Conde Levoff, Presidente da Alta Corte de Moscou, chegando da Rússia, nos fez a primeira visita. Nós o havíamos apresentado a Sra. Bosc e, enquanto eu escrevia, eles conversavam um com o outro. Em um dado momento, a Sra. Bosc disse: "Percebo ao vosso lado um cão que parece ser muito ligado a vós. É um grande terra nova branco, com as patas e as orelhas pretas e uma estrela preta na testa. Tem em torno do pescoço uma coleira de prata, fechada por uma pequena cadeia, com a inscrição "Serge Levoff" e o nome do cão (que a vidente citou, mas o Sr. Leymarie se esqueceu). Possui uma linda cauda comprida e vos acaricia, olhando para vós".

A estas palavras os olhos do Sr. Levoff se encheram de lágrimas e ele contou:

"Na minha infância eu era ágil e destro e meus pais me confiaram à guarda de meu cão, que foi exatamente descrito. Ele me salvou a vida por mais de uma vez, tirando-me das águas do rio em que estava a ponto de afogar-me. Tinha doze anos quando perdi o fiel amigo que chorei como se perdesse um irmão. Fico feliz ao saber que ela está perto de mim, com a certeza de que esses companheiros de nossas vidas

têm uma alma inteligente que sobrevive a morte do corpo e um perispirito graças ao qual podem reconstituir os seus corpos, com a coleira e a inscrição ainda. Posso, além disso, reconhecer na senhora um médium de um grande poder, que despertou em mim recordações de há quarenta anos. Obrigado, Madame, e que Deus a abençoe".

A Sra. Bose viu ainda o cão fazer grandes manifestações de alegria e depois desaparecer pouco a pouco. Ora, nós não esperávamos o Conde Levoff, que a Sra. via pela primeira vez, e nenhuma relação nunca existiu entre nós. Da minha parte, eu não sabia que o nome próprio do Conde era Serge

É assim que se produzem as manifestações da "clarividência telepática" nas suas mais simples e típicas formas e é preciso convir que se não conhecêssemos exemplos de leitura nas subconsciências dos outros, obtidas no sonambulismo magnético, e não menos circunstanciadas ou impressionantes, assim como um grande número de exemplos mais maravilhosos ainda, obtidos pela psicometria, seríamos levados a atribuir um valor objetivo aos fatos análogos ao que acabamos de expor, mas qualquer pessoa, cujo espírito tiver garbo científico, não se deixará enganar pelas aparências e concluirá observando que, na ausência de circunstâncias colaterais contribuindo para provar a origem extrínseca da visão da Sra. Bose, precisamos encará-lo como tendo sido produzido por um fenômeno de leitura subconsciente do pensamento. "Não contesto, de modo algum, o que pode ter de misterioso o fato de uma clarividência que extrai, na subconsciência de um outro, um incidente acontecido quarenta anos antes, de preferência a tantos outros muito recentes e que, por causa de suas datas recentes, deveriam ser mais perceptíveis para as faculdades supranormais. Sim, certamente, o fato apresenta algo de inconcebível e de contraditório e, no entanto, ele se realiza incontestavelmente nos casos de clarividência telepática. Só nos resta então acolher esta interpretação dos fatos, resignando-nos a nossa ignorância. Alias, uma solução satisfatória do mistério poderia ser obtida, supondo-se que, no caso em que examinamos, o assunto da conversa tenha levado, à memória do Sr. Levoff, o terno episódio de sua infância, fazendo-o assim *atual* para as faculdades penetrantes da clarividência telepática.

Caso CXVITI- (Criança vidente em tenra idade) – A *Light* publicou-o no ano de 1906, pagina 387. O Sr. Francis T. Harris fala do desencarne de um dos seus filhos na idade de sete anos apenas. Ele nasceu de pais saudáveis e robustos e era assim também sem qualquer tara neuropática e, entretanto, mostrara, desde os seus primeiros anos, suas disposições para a clarividência. Conta o Sr. Harris:

Desde o primeiro período de sua vida, seus pais tinham observado que ele via coisas que não existiam para os outros, particularidade que tinha sido muitas vezes discutida pelos seus familiares. Antes mesmo que tivesse aprendido a falar, parecia muitas vezes espantado por alguma coisa de invisível. Em outros casos, porém, parecia, ao contrário, muito alegre com o que percebia e estendia os seus bracinhos para um ser que não existia senão para ele só.

Não havia ainda feito três anos e se divertia certo dia com os seus bonequinhos, no quarto de dormir, a dois pés de distancia dos seus pais, quando foi tomado de grande medo e correu, gritando, para a sua mãe. Como ela o interrogasse, respondeu que se tinha espantado a vista de dois cães, sendo um ruço e o outro preto. Seu pai tomou-o nos braços e esforçou-se por distraí-lo e acalmá-lo, dizendo-lhe que os dois animais vieram brincar com ele.

Alguns dias depois deu-se o mesmo incidente no mesmo aposento e nas mesmas circunstâncias e a criancinha correu para a pai, mais espantada do que nunca, a vista dos dois cães, e se refugiou nos braços paternos. Este buscou tranqüilizá-la dizendo-lhe que os dois cães não lhe fariam nenhum mal e, dizendo isto, os chamava assobiando, depois estalando os dedos e acariciando o ar perto deles. Isto levou o bebe a fazer outro tanto e o seu espanto não teve limites quando viu que não conseguia apalpá-los. Tudo isto, porém, teve o feliz resultado de fazer desaparecer o seu medo, embora lhe acontecesse ver ainda as crianças por muitas vezes, ele não se assustava mais.

Ora, é preciso notar que o pai da criancinha vidente possuía dois cães **setters**, um ruço e o outro preto, que haviam morrido três anos antes.

A relação entre os fantasmas caninos aparecidos ao bebe e os cães de cores idênticas, que o pai dele possuía não me parece duvidosa. Ao contrario, não se poderia excluir absolutamente a hipótese de leitura no pensamento paterno por parte da criancinha, porém esta hipótese não parecera muito verossímil se se pensar que ela se mostrara vidente desde o seu nascimento, que tinha, ao mesmo tempo, visões de natureza diferente que não se poderia atribuir a leitura do pensamento e que os fantasmas dos cães lhe apareciam freqüentemente a ponto de se tornarem familiares. Esta ultima circunstancia é dificilmente conciliável com a hipótese de transmissão do pensamento paterno ou materno que se deveria orientar para os cães mortos cada vez que a criancinha os visse. De qualquer modo, a gênese deste caso permanece duvidosa.

AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM OU OS GRANDES PROBLEMAS DA VIDA

Dr. A. A. Martins Velho

Quinto estado - Sonambulismo

A vidência sonambúlica exerce-se por vários sítios: - uns vêm pelas pontas dos dedos, outros pela testa, pela nuca, pela cavidade do estomago, etc.

A vidência sonambúlica, apesar da sua incrível agudeza, tem um defeito gravíssimo, que é a sua irregularidade e intermitência; pois é um fato que o mesmo sonâmbulo, que num dado momento está vendo com uma sutileza admirável, pode (sem causa aparente) ver mal ou não ver nada no momento imediato.

É que a visão sonambúlica é um fenômeno *inteiramente psíquico*, ou anímico, e as causas que prejudicam essa visão são também *geralmente psíquicas*, ou dependentes das condições variáveis do *meio ambiente*, iy ebtão resultam de cansaço do passivo.

Por outro lado cada sonâmbulo tem a sua especialidade, a sua idiosincrasia diversa. É mister estudá-los individualmente, porque diferem muito uns dos outros.

Se o sonâmbulo vê nitidamente as pessoas ou objetos que o rodeiam e estão próximos dele, diz-se que o sonâmbulo é *lúcido*, ou que tem a *dupla-vista*.

Se vê com perfeição os objetos escondidos, diz-se que o sonâmbulo tem a visão criptoscópica.

Finalmente, se o vidente pode ver nitidamente *fora do alcance da nossa visão normal*, alcançando até a muitas centenas de quilômetros, diz-se que o sonâmbulo tem visão telescópica.

Esta é por certo a visão que mais surpreende a todos, e para a qual, *no campo materialista* não há argumentos nem subterfúgios que logrem explicar a maravilha.

E, todavia, para os *espiritualistas*, a explicação é clara e fácil.

Trabalhos experimentais de Espiritismo Sessões e Mediuns

Passo em claro a mediunidade *intuitiva, auditiva e visual*, porque essas *mediunidades* não sendo, por sua natureza, exteriorizáveis em fatos, que todos possam perceber, não podem ser cientificamente estudadas e analisadas. Por isso passei a tratar da *mediunidade de incorporação ou vocal*, que é interessantíssima a todos os respeitos.

OS MENSAGEIROS

Francisco Candido Xavier
Pelo Espírito André Luiz

- Nossa amiga é senhora de grande vidência psíquica, mas os benfeitores que nos orientam os esforços recomendam não se lhe permita a visão total do que se passa em torno de suas faculdades mediúnicas. O conhecimento exato da paisagem espiritual, em que vive, talvez lhe prejudicasse a tranqüilidade. Isabel, portanto, apenas pode ver, mais ou menos, a vigésima parte dos serviços espirituais em que colabora, de modo direto ...

O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA

Gabriel Delanne
Tradução de Carlos Imbassahy

Capítulo II

Provas da existência do Perispirito – sua utilidade – seu papel

Vimos que os materialistas não podem explicar a transformação da sensação em percepção. Pois bem, com a noção do perispirito tudo se torna simples e compreensível.

Sabemos que os nervos sensitivos terminam em uma parte do cérebro chamada camas ópticas; aí, cada aparelho sensorial possui um núcleo de células ganglionares que está ligado a periferia cortical por fibras brancas. Vejamos como as excitações exteriores penetram e se encaminham no

organismo quando se trata de um fenômeno auditivo ou visual, que põe em atividade as células da retina ou do nervo auditivo. Que se passa, então na intimidade dos condutores nervosos?

As impressões transmitidas gradualmente, põem logo em jogo as atividades específicas, isto é, as propriedades especiais das diversas células que compõem os gânglios das camadas ópticas. As células do centro óptico, entrando em vibração, as transmitem a câmara cortical pelas fibras radiantes, e, aí chegadas, essas vibrações, que são, até esse momento, simples movimentos moleculares, encontram o duplo fluídico e lhe comunicam a impressão. Desde então, o movimento ondulatório se propaga até a alma que tem dele consciência. É a esse conhecimento que se chama percepção; ele não poderia efetuar-se se o intermediário fluídico não existisse.

Não é preciso esquecer que o perispírito não é um corpo homogêneo; ele possui partes quase materiais, que dizem com o organismo e partes quase imateriais que se referem à alma. Comparemo-lo a um vapor contido num tubo, para melhor compreensão. Esse vapor, muito condensado na base, se vai rarefazendo à medida que se eleva. Existe, assim uma série de estados intermediários, desde a materialidade até a espiritualidade. É uma espécie de cor que vai do negro, que representaria o corpo, até o branco que seria a alma.

Em resumo, o perispírito é formado de fluidos, em diferentes graus de condensação, desde os fluidos materiais que aderem ao cérebro, até aos espirituais, que se aproximam da natureza da alma.

De sorte que se uma vibração impressiona um nervo sensitivo este a transmite as camadas ópticas, que a refletem no sensorium; aí chegada essa vibração, age sobre o fluido perispiritual, que aos poucos adverte o espírito.

Assim, como pensam os fisiologistas de que já falamos, são as ondulações do fluido perispiritual que transmitem as sensações a alma e, reciprocamente, a vontade da alma.

Se nossa teoria é justa, isto é, se uma sensação leva certo tempo para percorrer os nervos e outro tempo para ir do cérebro a alma, deve-se poder medir o tempo desse trajeto. É o que foi feito.

Em uma câmara escura encontra-se um observador que é encarregado de fazer certo sinal, quando vir uma luz. Nota-se, com extrema precisão, o momento exato da aparição da luz e o em que o observador faz o sinal convencionado. Como a distancia do observador ao foco luminoso é muito curta e a luz percorre 75.000 léguas por segundo, o tempo empregado pelo raio luminoso para atingir o olho é insignificante, de sorte que se admite que logo que a luz se produz fere a retina.

O tempo que decorre entre o momento em que o observador viu a luz e o em que faz o sinal é pois a medida do tempo que excitação gastou para ir da retina à camada cortical do cérebro, do cérebro à alma e para voltar da alma aos órgãos do corpo, que fazem o sinal.

Segundo os trabalhos de Helmholtz, a sensação percorre os filamentos nervosos com uma rapidez de 30 metros por segundo; basta, pois, subtrair do tempo total inscrito: 1º, o tempo empregado pela sensação para ir da retina à periferia do cérebro; 2º, o tempo empregado pela vontade para partir da periferia do cérebro e agir sobre o membro que faz o sinal, a fim de se obter o tempo empregado pela sensação para atravessar duas vezes o órgão perispiritual.

São as seguintes as cifras publicadas por Hirsch de Neufchatel:

Para a visão	0"1974 a 0"2083
Para a audição	0"194
Para o tato	0"1733

Tomando a metade desses números, temos o tempo empregado para que a sensação atravesse o perispírito, isto é, seja transformada em percepção. Estas medidas não tem, apenas, um interesse teórico, se não ainda grande valor pratico para o astrônomo observador. Quando ele estuda, por

exemplo, a passagem de um astro pelo meridiano e calcula a duração dessa passagem, vista no telescópio, por meio das oscilações do pendulo de segundos, comete sempre um pequeno erro, proveniente do tempo necessário para fazer perceber cada uma das impressões visuais.

Este erro não é exatamente o mesmo para dois experimentadores diferentes; se quiserem comparar as observações dos diversos astrônomos, é preciso conhecer esta diferença, isto é, a equação pessoal de cada um deles.

Se não existisse o perispírito, não haveria essas diferenças e a percepção se faria com igual rapidez para todos; sendo, porém, o duplo fluídico, mais ou menos purificado, isto é, mais ou menos radiante, as sensações aí se encaminham com rapidez variável.

Perguntar-se-á como é que a alma atua de maneira bem eficaz sobre o perispírito, para determinar movimentos do corpo, que revelam, por vezes, grande força mecânica, quando ela seria impotente para produzi-los. Não é espantoso verificar que o Espírito, pela vontade, pode fazer o corpo executar os mais rudes trabalhos?

Se, como o indicamos, o ponto de partida dessa energia está na alma, poder-se-ia acreditar que esta é muito fraca para produzir tais efeitos. Responderemos com Luys:

“Os processos da motricidade voluntária começam por uma incitação puramente psíquica e se tornam, insensivelmente, pelo jogo natural das engrenagens do organismo, uma incitação física. Transformando-se, assim, em sua evolução sucessiva, oferecem o quadro empolgante que vemos apresentar-se, incessantemente, a nossos olhos, de uma máquina a vapor.

Vemos, nesse caso, uma força, mínima, a principio, transformar-se e tornar-se, pela serie de aparelhos que põe em jogo, causa do desenvolvimento de gigantesca potencia mecânica.

No momento, com efeito, de pôr a máquina em atividade, não basta um movimento fraco, a simples intervenção da mão do mecânico que ergue a alavanca e deixa passar o vapor para a arte superior do pistão?”

CAPITULO III

Mediunidades sensoriais - Médiuns

Videntes e Médiuns Auditivos

A mediunidade vidente é uma das mais curiosas manifestações dos Espíritos. Não há melhor prova da sobrevivência que aquela que permite a um Espírito tornar-se visível. Para chegar a este resultado deve ele fazer no encarnado certas modificações perispirítas, que é preciso estudar. Distingamos os dois casos seguintes:

1º - O médium vê com os olhos;

2º - O médium vê em estado de desprendimento.

Existe um meio simples, por onde um médium pode saber em que estado se encontra. Ao ver um Espírito, se desvia o olhar ou fecha os olhos, e a aparição continua visível, está desprendido; se, pelo contrario, não percebe mais o Espírito, é que vê com os olhos.

No desprendimento, a visão se ópera fora dos órgãos dos sentidos, e disso não nos ocuparemos por saber que os desencarnados vêem, ouvem, e de maneira geral, percebem por todas

as partes do perispírito. A vista pela alma, em estado de desprendimento, entra, pois, no caso geral da visão dos Espíritos entre si.

O que convêm notar é que o Espírito é obrigado a agir sobre o médium, para conseguir-lhe o desprendimento. Que é, pois, o desprender-se? Para a alma é estar menos acorrentada ao corpo. Sabemos que, durante sua passagem na terra, o espírito está ligado ao invólucro material pelo perispírito, que lhe atua sobre o sistema nervoso. Quanto mais ativa é a vida do encarnado, mais abundante é a circulação nervosa e menos pode o espírito desprender-se; mas, se como vimos na teoria do magnetismo, é possível paralisar, momentaneamente, os laços que prendem a alma ao corpo, produz-se uma irradiação do espírito encarnando, que, nessa condição, goza de quase todas as faculdades que possui na erraticidade.

Podem-se, pois, ver os Espíritos, descrevê-los, dar, assim, provas de sua existência.

Este estado particular se nos apresenta freqüentemente no sono. Os sonhos são a maior parte das vezes, lembranças que conservamos de nossas viagens no Espaço; ainda que, ao despertar, não nos recordemos dos fatos de que fomos testemunhas, durante a noite, não se deve concluir que a alma não se tenha desprendido. Deixaremos de parte esse aspeto da questão, para nos ocuparmos especialmente, das manifestações visuais, em estado de vigília, e pelos órgãos do médium.

Definamos, de maneira precisa, o que entendemos por mediunidade vidente, porque é bom não tomarmos por aparições as figuras diáfanas que se percebem na semi sonolência e ao despertar. É preciso cuidado contra as causas de erro que provêm da imaginação super excitada. Quem já não acreditou distinguir, em dados momentos, figuras, paisagens, nos desenhos bizarros formados pelas nuvens? E a razão nos diz que elas não existem. Sabe-se, também, que na obscuridade, os objetos revestem aparências extraordinárias. Quantas vezes, num quarto, á noite, uma veste pendurada, um vago reflexo luminoso não parecem ter uma forma humana aos olhos dos de maior sangue frio? Se a isso se vem juntar o medo ou uma credulidade exagerada, a imaginação faz o resto. Compreenderemos, assim, o que se chama a ilusão, mas não teremos nenhum esclarecimento sobre a alucinação.

Eis-nos chegado á grande palavra empregada, a todo propósito, pelos materialistas, para explicar a mediunidade vidente. Procuremos precisar os caracteres especiais da alucinação e vejamos se têm algo de comum com a mediunidade.

As alucinações

A palavra alucinação vem do latim *hallucinari*, errar, de *ad lucem*. A alucinação poderia ser definida como um sonho em estado de vigília; é a percepção de uma imagem ilusória, de um som que não existe que não tem valor objetivo. Assim como o objeto representado não impressiona a retina, o som escutado não fere o ouvido; a causa eficiente da alucinação existe no aparelho nervoso sensorial e deve ser atribuída a um trabalho particular do cérebro. Esse fenômeno não existe, somente, para a vista e para o ouvido; os outros sentidos também podem ser alucinados: um contacto, um odor, um sabor sem que haja ação previa de um excitante exterior, são verdadeiras alucinações.

Essas pretendidas sensações, que experimentam as pessoas atingidas por tal doença, dependem das imagens, das idéias reproduzidas pela memória, ampliadas pela imaginação e personificadas pelo habito. As alucinações podem ser produzidas por causas físicas ou morais. As primeiras são muito numerosas: o abaixamento ou elevação da temperatura, o abuso das bebidas alcoólicas, as doses elevadas de sulfato de quinino, a digitalis, a beladona, o estramônio, o

meimendo, o acônito, o opium, a canfora, as emanações azotadas, o hachich, o abalo do cérebro por queda, etc..

Entre as causas morais, as mais comuns são impressão súbita dos sentidos, uma sensação viva e longa da, a atenção violentamente fixada no mesmo objeto, o isolamento, o remorso, o temor, o terror.

A ciência se tem ocupado com a alucinação; Lelut e Brière de Boismont publicaram livros interessantes, mas que não explicam o fenômeno.

Eles acreditam que as idéias, mesmo as mais abstratas, se ligam sempre, por qualquer lado, aos sentidos e que a faculdade de perceber um objeto ou uma paisagem não é a mesma para todos os homens. Um pintor vê uma vez certa pessoa e conserva sua imagem durante muito tempo na memória. Um musicista ouvirá interiormente, trechos complicados de musica.

Esta representação interior parece dar um passo fora da ilusão, assim como a que nos faz ler palavras de modo diverso das que estão escritas, a que nos mostra a que não existe, ou não nos faz ver o que há, alterando tudo de mil maneiras. Esse estado de espírito pode determinado por causas diversas como a solidão, o silêncio, a obscuridade.

Em suma, a ilusão transforma alguma coisa de real, enquanto a alucinação pinta no vazio: as coisas que se vêem não existem, os sons que se ouvem não têm realidade. Algumas vezes, a alucinação não é reconhecida, porém não perturba a razão, não passa, por assim dizer, da razão excitada. Crê-se que foi este o caso de Sócrates, de Joana d 'Are, de Lutero, de Pascal ."

Segundo Lelut, esses grandes gênios seriam uma categoria de maníacos, e as vozes de Joana, a Lorena, puras alucinações. Não sabemos se será verdade, mas se Lelut pudesse ser o joguete de uma loucura que o fizesse, de repente, assemelhar-se a Sócrates, nós o felicitariamos, e assim ficariam livres os nossos ouvidos de tais frioleiras.

Os sábios não deram, até agora, uma explicação plausível, sob o ponto de vista fisiológico, da alucinação. Entretanto, parecem ter sondado todas as profundezas da óptica e da fisiologia. Como é que não puderam explicar, ainda, a fonte das imagens, que se apresentam ao espírito em certas circunstâncias?

Real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dír-se-á que acredita ver, mas que nada vê. Não é provável. Pode-se dizer que é uma imagem fantástica, seja; mas qual é a origem dessa imagem, como se forma, como se reflete no cérebro?

Eis o que não nos dizem. Certamente, quando o alucinado crê ver o diabo com seus cornos e suas garras, as chamas do inferno, animais fabulosos, o sol e a lua que se batem, é evidente que não existe nenhuma realidade; mas se se trata de um fruto da imaginação, porque descreve ele essas coisas como se fossem presentes? Há diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; em que espelho se pinta essa imagem? Qual a causa que dá a essa imagem a forma, a cor, o movimento?

Já que os sábios querem explicar tudo pelas propriedades da matéria, que apresentem uma teoria da alucinação, boa ou má; seria sempre uma explicação, mas não o podem fazer, porque, negando a alma, privam-se da causa eficiente do fenômeno.

Os fatos que observamos, diariamente, demonstram que ha verdadeiras aparições e o dever do espiritista esclarecido é distinguir entre os fenômenos devidos ás manifestações dos Espíritos e os que têm por causa os órgãos enfermos do indivíduo.

Em suma, a alucinação não apresenta nenhum caráter de positividade, ao passo que, para admitir-se a mediunidade vidente, é preciso que o indivíduo dotado dessa faculdade possa descrever suas visões, por forma a faze-las reconhecer pelas pessoas presentes. Um médium que só visse desconhecidos, que não pudesse dar provas de que descreve seres que viveram na terra passaria, com razão, aos olhos dos espiritistas, por um alucinado.

No estado normal do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos armazenam-se no cérebro graças á propriedade de localização das células cerebrais. As diversas aquisições classificam-se segundo o gênero de idéias a que pertencem; são materiais de que o espírito se serve quando deles tem necessidade.

A alma de um homem sadio tem ação preponderante sobre todos os elementos submetidos a seu império, mas se, por uma circunstancia qualquer, a harmonia entre o corpo e a alma se torna menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral e umas tantas idéias, formas ou odores têm tendência a predominar; são, em geral, as impressões que fortemente agem no individuo, as que o abalam, produzindo os fenômenos de alucinação, prólogo da loucura, na maior parte dos casos.

Diferente é o fenômeno espírita, onde o médium vê um objeto, uma pessoa real. O Espírito visto pode ser descrito minuciosamente; e só quando a visão é reconhecida, como de pessoa morta, estranha ao médium, é que admitimos a intervenção espiritual.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, a observador experimentado, não é possível confundir com um jogo de imaginação. Como sucedem em pleno dia, devemos desconfiar daquelas que julgamos ver à noite, para que não sejamos vítimas de uma ilusão de óptica. Dá-se com as aparições o mesmo que com os outros fenômenos espíritos, onde o caráter inteligente é a prova de sua veracidade.

A aparição que não apresentar um sinal inteligente e não for reconhecida pode ser posta, ousadamente, no rol das ilusões. Como se vê, somos muito circunspecto na apreciação desses fenômenos, e queremos, antes de tudo, acentuar que os espíritistas, longe de aceitar as divagações dos cérebros doentios, são minuciosos observadores dos fatos, e positivistas, na plena acepção do termo.

Como dissemos, a medi unidade vidente pode exercer-se de duas maneiras: ou pelo desprendimento, ou pelos órgãos do corpo. Para dar um exemplo de cada gênero, vamos narrar os dois seguintes fatos, colhidos na *Revue Spirite* de 1861:

"Um de nossos colegas, diz Allan Kardec, contava-nos, ultimamente, que um oficial, seu amigo, estava na África quando viu inopinadamente, o quadro de um cortejo fúnebre. Era o de um de seus tios, que habitava em França, e que ele não via há muito tempo. Notou, distintamente, toda a cerimônia, desde a partida da casa mortuária, até á igreja e ao transporte ao cemitério. Chegou a reparar diversas particularidades de que não podia ter idéia. Estava acordado, no momento, mas em certo estado de prostração, de que só saiu quando tudo desapareceu. Impressionado, escreveu para França, pedindo novas de seu tio, e soube que este tinha morrido, subitamente, e havia sido enterrado na hora e no dia em que se deu a aparição, e com as particularidades que ele tinha visto."

É evidente que foi a alma do oficial que se desprendeu; tendo o fato se passado na França, no dia e hora em que o oficial o via na África, era preciso que sua alma irradiasse á distancia para notar o que se passava ao longe.

Vamos á segunda historia:

"Um medico de nosso conhecimento, Félix Malo, tratara uma jovem; percebendo, porém, que os ares de Paris lhe eram prejudiciais, aconselhou-a a que fosse passar algum tempo com sua família, na província, o ela fez. Havia seis meses que ele nada

sabia a seu respeito, nem nela pensava mais, quando uma noite, lá para as dez horas, estava nos seu quarto de dormir e ouviu bater à porta do gabinete de consulta. Supondo que alguém o vinha chamar para um doente, mandou que entrasse, mas ficou muito surpreendido por ver diante de si a moça em questão, pálida, com vestes que lhe eram conhecidas, e que lhe disse com grande sangue frio:

- Sr Malo, venho dizer-lhe que estou morta, - e desapareceu. O médico assegurou-se de que estava bem acordado e de que não havia entrado ninguém, tomou informações e soube que aquela senhora falecera na noite em que lhe havia aparecido."

Neste caso, foi o Espírito da moça que veio procurar o médico. Os incrédulos não deixarão de dizer que o doutor podia estar preocupado com a saúde de sua antiga doente e que não seria de admirar que lhe previsse a morte. Seja, mas como explicariam a coincidência de sua aparição com o momento da morte, quando havia muitos meses que o médico não ouvia falar em seu nome? Supondo, mesmo, que ele soubesse da impossibilidade de cura, como poderia prever que ela morreria em tal dia e em tal hora?

O doutor viu com os olhos do corpo; a aparição era sensível, desde que ela bateu à porta do gabinete. É este caso de visão que vamos considerar agora .

Vista medianimica pelos olhos

Quando um médium vê um Espírito, pode-se, a priori, estabelecer a seguinte questão. É o médium que experimenta uma modificação ou o Espírito? Com efeito, em estado ordinário, não vemos os Espíritos, porque nossos órgãos são muito grosseiros para nos fazer perceber certas vibrações que lhes escapam. Mas quando se realiza a visão, ou nossos órgãos adquiriram maior sensibilidade ou o Espírito fez com que seu invólucro experimentasse certas modificações que, diminuindo a rapidez das vibrações moleculares perispiritaes, pudesse torná-lo visível.

Se este ultimo modo de encarar o fenômeno fosse exato, o Espírito seria visto por todas as pessoas presentes: é o que se dá, no caso das materializações, que já estudamos com Crookes; mas, quando numa assembléia, só uma pessoa vê os Espíritos, é que esta experimenta uma variação orgânica do sentido da vista, que é interessante estudar.

O olho é uma verdadeira câmara escura, no fundo da qual se desenham as impressões luminosas. A retina, formada pela dilatação do nervo óptico, transporta ao cérebro as vibrações luminosas; aí elas se transformam em sensações. Os fisiologistas não se limitaram a estudar a participação da retina na função visual, remontando dos efeitos às causas, mas procuraram a explicação desses fatos.

Para explicar à sensação da cor, a do claro, a do escuro, eles admitiram velocidades diferentes nas ondas de um fluido (éter), que estivesse espalhado em todo o Universo. Essas ondas impressionariam a retina, de maneira diferente, e a natureza da percepção de que a alma tem consciência, seria subordinada a essas impressões variáveis. Por esta teoria, admite-se que os fenômenos de visão sejam, simplesmente, o resultado da percepção, pelo sensorium, de um estado determinado da retina, e a sensação da obscuridade é explicada pela ausência de qualquer sensação, e pelo estado da própria retina.

O que prova, aliás, a existência de uma modificação superveniente na retina, durante a percepção dos objetos luminosos, é a possibilidade de reproduzir as mesmas sensações por outro excitante, que não a luz. Toda causa capaz de determinar uma alteração no estado da membrana

nervosa do olho, determina sensações íntimas, ou por outra, subjetivas de luz. Comprimindo-se o com o dedo, percebem-se figuras de formas diversas.

Acontece, por vezes, que estas sensações subjetivas se produzem espontaneamente. Diz Muller ter verificado, em certos casos, a aparição de uma pequena mancha branca, que se produzia ao mesmo tempo que os movimentos respiratórios; virando-se bruscamente os olhos para o lado, vêm-se aparecer, de repente, círculos luminosos, no campo visual mergulhado na obscuridade.

Admitidas as sensações de luz, como o resulta uma alteração sobrevinda na retina, indagaram alguns fisiologistas onde esse estado era percebido pela percebido pela alma. É evidentemente no encéfalo e não na retina. O que põe fora de duvida a participação da retina no ato da visão é que os animais de vista mais penetrante são os que têm a retina mais desenvolvida. Sendo esta membrana a extremidade dilatada do nervo óptico, e não apresentando uma sensibilidade igual em toda a sua superfície, as fibras que compõem o nervo óptico não vibram todas em uníssono. As mais sensíveis poderão ser impressionadas por ondas luminosas, que deixarão as outras em repouso. Tal fato é a consequência da especificação dos órgãos, ou seja, da tendência que possuem as fibras para se acomodarem a um estado vibratório determinado.

A sensibilidade de um órgão depende do maior ou menor número de fibras que ele contem, sendo cada uma capaz de tomar um movimento vibratório particular, em relação com as causas externas que podem influenciar esse órgão.

Não esqueçamos que uma condição é indispensável ao bom funcionamento dos aparelhos sensoriais, a de que cada órgão tenha uma quantidade determinada de fluido nervoso a sua disposição; as sensações serão agudas ou nulas, conforme aquela quantidade aumenta ou diminui. Temos numerosos exemplos. Em certos estados patológicos o ouvido atinge uma agudeza notável; esse desenvolvimento é devido á acumulação momentânea do fluido nervoso no nervo acústico, o mesmo acontece com os outros sentidos.

Isto posto; vejamos, pelo estudo da luz, entre que limites de vibrações se pode exercer, no estado normal, o sentido da vista.

Suponhamos que fazemos passar, através de um prisma, um raio de sol; notaremos que ele forma um feixe luminoso, composto de sete cores, que se chamou de espectro solar. Os coloridos extremos são o vermelho e o violeta, além dessas cores o olho não percebe mais sensações luminosas. Entretanto, colocando-se saís de prata nessa parte obscura, eles são decompostos, o que prova que, além do violeta, existem radiações particulares que o olho não é capaz de apanhar, às quais o termômetro é insensível, mas cuja atividade química é poderosa. Além do vermelho, existem ondulações caloríficas invisíveis.

Chegamos, assim, a esta conclusão necessária, a de que o espectro completo formado pelas radiações solares se prolonga além do violeta e do vermelho, e que é só a parte media do espectro total que nossos olhos podem distinguir.

Existe, pois, luz que não vemos, há vibrações luminosas inapreciáveis á vista, porque a retina, que é o aparelho receptor, não pode registrar as vibrações luminosas muito rápidas para ela. Cálculos recentes mostraram que as ondulações etéreas, de menos de 400 trilhões por segundo, ou mais de 790, são impotentes para impressiona-la. O mesmo para com o ouvido e com os outros sentidos, de sorte que o homem é uma maquina animal dotada de aparelhos receptores, que funcionam entre fraquíssimos limites, comparados à infinidade da natureza.

Esta idéia é capital para a compreensão dos fenômenos espíritas. Só percebemos a matéria pela vista, quando suas vibrações não ultrapassam 700 trilhões por segundo, mas, como vimos, há ondulações mais rápidas e que nos escapam. Ora, os fluidos perispiritais são matéria em estado de rarefação extrema; possuem um movimento vibratório muito rápido, de sorte que, em estado normal,

nosso olho não pode ver os Espíritos. Mas se pudessemos diminuir o número das vibrações perispirituais, se conseguíssemos trazê-las aos limites compreendidos na visão, veríamos os Espíritos. Este resultado pode ser atingido de duas maneiras: 1º, diminuindo número das ondulações luminosas; 2º, aumentando poder visual dos olhos.

É possível diminuir o movimento vibratório de um raio de luz? Não hesitamos em afirmá-lo, porque notáveis experiências feitas ultimamente vieram tornar essa verdade indubitável.

Os raios luminosos ultravioleta, do espectro, invisíveis até então, tornam-se visíveis quando os deixam cair numa espécie particular de vidro, contendo um silicato de um metal denominado urânio. Esse vidro tem propriedade de tornar visíveis os raios que, sem ele, não nos impressionariam os olhos. Se tomarmos um pedaço desse vidro e o iluminarmos, sucessivamente, à luz elétrica, à de uma vela, à de uma lâmpada de gás, o colocarmos no campo de um espectro prismático de luz branca, veremos brilhar conforme a cor da luz que lhe cair em cima. Se o iluminarmos com raio violeta, notá-lo-emos com uma cor misteriosa, que revela a presença de raios até agora invisíveis aos olhos mortais.

Examinemos o caso em que a potência do olho ser aumentada; esta operação terá ainda, por fim fazer ver os Espíritos. A alma, dissemo-lo muitas vezes, é uma essência indivisível, imaterial e intangível, que constitui a personalidade de cada indivíduo, ela é cercada de matéria quintessenciada, que lhe forma o invólucro e pela qual entra em relação com a natureza exterior. Esse corpo fluídico, em virtude de sua rarefação, possui um movimento molecular mais rápido, que o dos gases e dos vapores, que já são invisíveis para nós. Logo, também ele não será visível, porque os olhos não têm, no estado normal, fibra que possa vibrar harmonicamente com ele.

Se um Espírito, porém, quer manifestar sua presença, entra em relação fluídica com o encarnado, e, estabelecida a comunicação, acumula pelo magnetismo espiritual, ao nervo óptico, uma quantidade de fluido nervoso maior que de ordinário, certas fibras se sensibilizam e podem, desde logo, entrar em vibração correspondente à do invólucro do Espírito. Desde que se produz esse fenômeno, o ser, assim modificado, vê o Espírito e o verá enquanto a ação continuar.

Esta operação se vai renovando, grande número de vezes; as fibras adquirem maior aptidão vibratória, as ondas luminosas se propagam no organismo, seguindo a linha a que Herbert Spencer deu o nome de linha de menor resistência, de sorte que a onda caminha, cada vez com mais facilidade, ao longo dessa linha, e, por fim, ela, mesmo, acaba por tomar naturalmente esse movimento vibratório, desde que a primeira molécula é agitada. O médium, na realidade, tem um sentido novo, devido à extensão do aparelho, visual.

Quando o Espírito se quer tornar visível a muitas pessoas, é sempre obrigado a tomar ao médium fluido nervoso, mas a modificação se opera nele e não mais nos olhos dos assistentes. Vimos que a simples alteração no movimento molecular de um corpo pode fazê-lo passar do estado transparente à opacidade. Da mesma forma, um vapor que se condensa, isto é, cujo movimento vibratório diminui, torna-se muito rapidamente visível, sob a forma de nevoeiro; enfim, o vidro de urânio permite ver os raios do espectro, os quais, sem ele, seriam invisíveis.

O Espírito pode, portanto, agir de maneira análoga. Esse fenômeno desenha, fielmente, o que se passa no caso da fotografia dos Espíritos. Estudemos esse novo gênero de manifestação.

Fotografia espírita

Estamos em presença de um fenômeno que suscitou muitas discussões e deu lugar a um processo celebre, em 1875. Os jornais, que se apresentam, em geral, como adversários dos fatos

espíritas, não deixaram de aproveitar a oportunidade de ridicularizar nossa doutrina e seus defensores.

A despeito das alegações de mais de 140 testemunhas, que afirmaram, sob palavra de honra, haver reconhecido personagens mortos de sua família, e obtido suas fotografias, aproveitaram a má fé do médium Buguet, para fazer acreditar ao público que nessas produções só havia, de um lado, velhacaria, e do outro credulidade estúpida.

É incontestável que Buguet abusou da boa fé das pessoas que confiaram em sua honestidade; os manequins encontrados em sua casa o provam suficientemente, mas não é menos certo que ele era médium, de fato, quando começou.

Quando se vêem pessoas serias como Royard, químico, Tremeschini, engenheiro, a condessa de Caithness, o conde de Pomar, o príncipe de Wittgenstein, o duque de Leuchtemberg, o conde de Bullet, o coronel Devolluet, O. Sullivan, ministro dos Estados Unidos, Turck, cônsul, jurarem que reconheceram Espíritos, por ser a reprodução exata da fisionomia de seus parentes ou amigos mortos, é preciso ser cego para duvidar da realidade das manifestações.

Os juizes, entretanto, não hesitaram em condenar Leymarie, gerente da sociedade espírita, a um ano de prisão e 500 francos de multa, porque esperavam atingir nele o espiritismo, doutrina que diz respeito ao clero, muito de perto, e por isso não se podia deixar de sentir a sua ação na penalidade infligida aquele que representava o espiritismo francês.

Sobre este assunto, pensamos como Eugène Nus e diremos com ele:

"Nesta espécie de causas e em muitas outras, desconfio do tribunal, tanto como do acusado. Se ha neste mundo intrigantes, charlatães, impostores, inimigos da propriedade, da religião, da ciência e da família, há também, nas cadeiras curues, com toga vermelha ou preta, homens que, com a melhor boa fé do mundo, prestam serviços, acreditando lavar sentenças.

Estou convencido de que na França, principalmente, e em alguns países civilizados, a justiça está em progresso relativamente a épocas anteriores. Estou perfeitamente convencido de que nossos juizes poriam na porta da rua, e talvez em Mazas, o velhaco que tivesse a ousadia de propor-lhes, não importa por que preço, uma ordem de soltura em favor de um tratante. Não duvido um instante que o mais pobre e menos pago de nossos magistrados repelisse, com indignação, as ofertas de um Artaxerxes, que pleiteasse, para roubar a fortuna de outrem. Mas, desde que entram em jogo os preconceitos, as paixões políticas, religiosas e mesmo as científicas, acredito firmemente que já não há juizes, mesmo em Berlim."

Se tivemos que experimentar uma condenação contra nós, foi porque nos desviamos da rota traçada por Allan Kardec. Este inovador era contrario a retribuição dos médiuns e tinha para isso boas razões. Em sua época, os irmãos Davenport muito fizeram falar de si, mas como ganhavam dinheiro com suas habilidades, Allan Kardec afastou-se deles, prudentemente. E foi bom que assim o fizesse, porque, depois do escândalo que obrigou esses industriais a sair da França, ele pode continuar a ensinar o espiritismo sem ser atingido pelo descrédito desses americanos fantasistas.

Voltemos ao nosso estudo e indaguemos se a fotografia dos Espíritos é possível.

A resposta é afirmativa, desde que Crookes a obteve; mas as condições ordinárias em que nos colocamos não são as mesmas do ilustre químico.

Nas experiências com Miss Cook, o Espírito fica completamente materializado, adquire a mesma tangibilidade de uma pessoa viva e não ha então admirar que se lhe possa tirar o retrato. Na fotografia de que tratamos não se vê o Espírito e, no entanto, sua imagem é reproduzida. Isto se pode explicar do seguinte modo:

Sabemos que o médium vidente possui um aparelho visual, tornando mais sensível por meio da ação fluídica exercida pelo Espírito que se quer manifestar. O olho do médium é uma câmara escura que adquire, nesse momento, um poder considerável, registra vibrações que não podem ser percebidas por nós, no estado habitual, daí sua propriedade de ver Espíritos. Pois bem, a placa de colodium representa, no caso, o mesmo papel, não que seja, então, mais sensível, mas o Espírito toma fluidos ao médium e se materializa suficientemente para seu invólucro reflita os raios ultravioleta que não vemos, e é graças a essa irradiação que se pode obter a imagem não percebida pelos nossos olhos.

Não temos consciência das vibrações luminosas que vão além do violeta e do vermelho, elas, porém, existem, impressionam os sais de prata e são refletidas pelo perispírito da entidade que se quer manifestar. Podemos supor que o fluido nervoso tomado ao médium substitui o vidro de urânio para os raios ultravioleta do espectro, diminui o movimento perispital, condensa, de alguma sorte, os fluidos, de modo a torna-los capazes de refletir as radiações ectenicas.

Essa maneira de ver é tanto mais justa, quanto as experiências tentadas por Thomas Hater, óptico, em Londres, demonstram que a luz ordinária não intervém nesse fenômeno, Assim, diz este pesquisador:

"Eu mesmo obtive fotografias espíritas por meio de um instrumento feito com vidros de um azul carregado, de modo que seria impossível impressionar a chapa, a menos que uma luz forte fosse projetada sobre a pessoa retratada; provava-se destarte que a luz lançada pelos Espíritos está completamente fora dos raios luminosos de nosso espectro, que são muito mais fortes, posto que os Espíritos nos sejam invisíveis."

Em Bruxelas, um engenheiro químico, Bayard, obteve em seu laboratório, fotografias de Espíritos, apresenta ele minucioso relatório no livro *Procès des Spirites*, pgs. 122 a 124. Finalmente, na America se conseguiram fotografias espíritas e o fenômeno não é contestado.

A despeito dos tribunais, é preciso reconhecer que o fato se pode produzir, e, por estranhável que seja nada tem de sobrenatural. Desde que se demonstra que os Espíritos existem que têm um corpo fluídico que se pode condensar, em certas condições, é fácil compreender que possa ser fotografado, pois que se materializa até á tangibilidade.

Estamos longe de conhecer as leis que dirigem as operações que nos são mais familiares; não há, portanto, que espantar o ver se produzirem incidentes que parecem, a principio, inexplicáveis. Tomamos o seguinte exemplo na *Revue*, de Allan Kardec, de 1864. É um dos seus amigos quem fala:

"Habitava - diz ele - uma casa em Montrouge; estávamos no verão; o sol dardejante entrava pela janela; acha na mesa uma garrafa cheia d'água e sob a garrafa uma esteira; de repente, a esteira pegou fogo. Se ninguém estivesse ali, podia haver um incêndio, sem que se lhe soubesse a causa. Procurei centenas de vezes produzir o mesmo resultado e nunca consegui."

A causa física da inflamação é bem conhecida: garrafa representou o papel de lente; mas porque se pode reiterar a experiência? É que, independentemente da garrafa e da água, havia um concurso de circunstâncias que, de maneira excepcional, fizeram a concentração dos raios solares. Talvez o estado da atmosfera, dos vapores, as qualidades d'água, a eletricidade, e tudo isso, provavelmente, em certas proporções. Daí a dificuldade de encontrar as condições precisas,

Eis um fenômeno inteiramente do domínio da física, cujo princípio se conhece, e que não ode ser repetido à vontade. Poderá o mais endurecido cético negar o fato? Por certo que não. Mas porque os mesmos céticos negam a realidade dos fenômenos espíritas, em virtude de os não poder manipular a seu bel prazer?

Não admitir, fora do conhecido, agentes novos, regidos por leis especiais; negar esses agentes, porque não obedecem às leis que conhecemos, é, em verdade, dar demonstração de pouca lógica.

Vejamos uma prova de fotografia natural, mais extraordinária, atestada, em 1858, pelo conhecido sábio Gobard:

"O Sr. Badet, morto a 12 de novembro ultimo, depois de uma doença de três meses, tinha o habito - diz a Union Bourguignonne de Dijon - de colocar-se a uma janela do primeiro andar, sempre que suas forças o permitiam, e aí ficava, com a cabeça voltada para a rua, afim de distrair-se com a vista dos transeuntes.

Há alguns dias, a Sra. Peltret, cuja casa fica em frente á da viúva Badet, notou, na vidraça da janela dessa casa, o próprio Badet, com seu boné de algodão, sua figura emagrecida, tal como o tinha visto durante a doença. Grande foi a sua emoção. Ela chamou, não só os vizinhos, cujo testemunho podia ser suspeito, mas ainda os homens graves, que perceberam, distintamente, a imagem de Badet no vidro da janela, onde costumava colocar-se.

Mostraram essa imagem à família do defunto, que fez, imediatamente, desaparecer a vidraça.

Ficou, entretanto, confirmado, que a vidraça se havia impregnado com a figura do doente, que aí ficou como daguerreotipada, fenômeno que se poderia explicar se, do lado oposto á janela, houvesse uma outra por onde os raios solares pudessem chegar ao Sr. Badet. Mas o quarto só tinha uma janela. Tal é a verdade inteira sobre o extraordinário fato, cuja explicação convém deixar aos sábios."

Não é inútil dizer que não houve explicação nenhuma, o que nada tem de surpreendente, visto que o vidro foi destruído e não pode ser analisado. O que queremos mostrar, nessa história, é a possibilidade da fotografia espontânea, e que, longe de ser ridículos, os espiritistas são pesquisadores conscienciosos, que caminham a par da ciência, e que, quanto mais se estenderem os conhecimentos, tanto mais facilmente explicarão os fatos, que, a princípio, parecem sobrenaturais.

ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE

Curso de Estudos sobre Mediunidade
Organizado pelo Centro Espírita "Allan Kardec" de Campinas-SP

VIDÊNCIA E AUDIÇÃO

Na terminologia espírita:

Vidência é a faculdade mediúnica que permite ver seres, ambientes, formas, luzes, cores, cenas do plano espiritual.

Audição é a faculdade mediúnica que permite ouvir sons e vozes do plano espiritual.

Sendo faculdades mediúnicas e não anímicas, a vidência e a audição somente entrarão em funcionamento quando os espíritos as acionarem, influenciando sobre o médium.

Em seu estado normal, o perispírito nos é invisível, devido à sua natureza fluídica. Pela mesma razão, os sons espirituais nos são inaudíveis. Mas se houver modificações apropriadas nos fluidos, o perispírito pode se tornar visível para nós (como nas aparições, materializações) e os sons espirituais audíveis (como nos "raps" e voz direta), e qualquer pessoa os verá e ouvirá.

Porém, **na vidência e audição mediúnicas**, só o **médium vê e ouve**.

E, para que isso aconteça, será preciso que:

- a) o espírito comunicante queira se fazer visível e audível;
- b) que os fluidos perispirituais do espírito e do médium ofereçam possibilidade de combinação entre si;
- c) haja, em certos Casos, permissão espiritual superior.

"Atuando sobre os raios mentais do mediano, o desencarnado transmite-lhe quadros. e imagens, valendo-se dos centros autônomos de visão profunda, localizados no diencéfalo, ou lhe comunica vozes e sons, utilizando-se da cóclea (...)" (A.L.)

As imagens vistas e os sons ouvidos pelo médium podem, pois, serem reais ou plasmados e projetados pelo espírito.

Diz-se que a *vidência* é:

- no espaço - quando o médium vê o que está acontecendo no plano espiritual, no lugar onde se encontra ou longe dali;
- no tempo - quando o médium vê cenas que ainda vão ocorrer (visão profética) ou que já ocorreram (visão rememorativa).

Diz-se que a *audição* é:

- interna - quando o espírito transmite o que quer dizer telepaticamente e ao médium parece ouvir "dentro do cérebro";
- externa - quando ao médium parece vir de fora (longe ou perto), porque o espírito age fluidicamente sensibilizando seu aparelho auditivo.

Exemplo de vidência:

Paulo vê um homem da Macedônia que lhe pede ir até aquela região para ajudá-los espiritualmente (Atos 16:9)

Exemplo de audição:

No Templo de Jerusalém, Samuel, ainda um jovem discípulo de Eli, por 3 vezes ouve chamarem o seu nome; é instruído, então, por seu mestre para responder: "Fala, Senhor, o teu servo Te ouve" (I Sam. 3:9)

Já estudamos, na aula sobre clarividência e clariaudiência, que a visão e a audição espirituais não se fazem com os olhos ou ouvidos do corpo físico mas, sim, graças às propriedades do perispírito.

Compreende-se, portanto, .que, na visão e audição mediúnicas:

a) o médium possa ver e ouvir, mesmo de olhos fechados e ouvidos tapados;

b) o fenômeno não seja freqüente nem permanente, pois resulta de uma "crise" passageira.

Aliás, é providencial que a vidência e audição espirituais não sejam constantes. Estamos sempre rodeados de espíritos ("grande nuvem de testemunhas", no dizer do apóstolo Paulo, em Hebreus, 12: 1) e vê-los e ouvi-los a todos e a todo mento nos perturbaria e embaraçaria as nossas ações, tirando-nos a iniciativa.

Julgando-nos sós, agimos mais livremente.

c) o desdobraimento favoreça a vidência e a audição. Sem ele, as percepções sofrem grande interferência dos órgãos físicos.

"A possibilidade de ver em sonho os Espíritos (...) não constitui propriamente falando, o que se chama médium vidente" (LM, XIV, 167)

O mesmo se pode dizer quanto à audição.

"É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. Esta faculdade consiste na possibilidade senão permanente (o que é raro), pelo menos freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que absolutamente estranho ao vidente" (Idem, item 168)

O mesmo se aplica à audição.

Quanto ao seu desenvolvimento

Essas duas faculdades quase sempre se manifestam concomitantemente (quem vê espiritualmente geralmente também ouve sons espirituais) e complementam-se uma à outra, dando melhor percepção espiritual.

Vidência e audição apresentam ambas diferentes graus, conforme o desenvolvimento do potencial do médium e o adiantamento dos Espíritos que atuam.

Onde um médium vê apenas um vulto, outro poderá ver uma forma bem definida e radiosa. Um ouve a mensagem de modo claro e nítido, outro a percebe imperfeita, fragmentada.

São raros os verdadeiros médiuns videntes e de audição, aqueles que vêem e ouvem bem e com mais freqüência no campo espiritual.

Como toda mediunidade, as de ver e ouvir espíritos também se manifestam por si próprias, quando já existem em potencial.

Poderemos favorecer sua manifestação, procurar ampliar suas possibilidades, recorrendo a ambiente favorável e exercícios.

Porém, é preferível aguardar o desenvolvimento natural, para não acontecer de sermos joguetes de nossa própria imaginação nem fazermos ideoplastia (plasmarmos nos fluidos), ou sermos vítimas de maus Espíritos.

No trabalho mediúnico

Os médiuns de vidência e audição tanto podem ver e ouvir coisas boas como más. E devem procurar discernir quanto ao que ouvem e vêem, sem se deixarem perturbar.

Se forem coisas inconvenientes, procurar "fechar" os sentidos espirituais, ocupando a mente com outras atividades. Se necessário, buscar o amparo da oração, dos passes e da assistência espiritual.

Se o que vêem e ouvem lhes agradar, ainda assim devem verificar se é verdadeiro, bom, oportuno, para não caírem em fascinação. Os bons Espíritos não nos fazem ver ou ouvir o tempo todo, pois não querem absorver nossa atenção e respeitam nossas atividades básicas terrenas.

E a visão e audição que já temos?

Muitos querem ser médiuns de vidência e audição, porque acham admirável ver e ouvir espiritualmente.

Porém, antes de querermos que se ampliem as nossas possibilidades de ver e ouvir espiritualmente refletamos que, desde agora, já temos a vidência e a audição físicas; e como e para quê as temos usado?

Médium ou não, o cristão evita empregar mal sua capacidade de ver e ouvir. Não fica espreitando as falhas do próximo, não se fixa nos aspectos negativos do que vê. Não dá ouvidos a leviandades, calúnias, intrigas e maldades.

Olha as pessoas com compreensão e fraternidade, para entender e ajudar. Ouve compassivamente aos que sofrem, para consolá-los, e aos que pedem, para atendê-los no que puder.

"Veja quem tem olhos de ver", "Quem tem ouvidos, ouça."

O cristão é, também, discreto. Não propaga o que vê e ouve (inclusive através da mediunidade), sem antes passar pelas três peneiras: a da verdade, da bondade e da necessidade de comunicação do que viu e ouviu.

Livros Consultados

Allan Kardec

"O Livro dos Médiuns" – Parte 2ª, Caps. VI e XIV

André Luiz (Francisco Candido Xavier)

"Nos Domínios da Mediunidade" – Cap. XII Clarividência e Clariaudiência

O ESPIRITISMO E AS MANIFESTAÇÕES PSÍQUICAS

Ernesto Bozzano

Joy Snell e a Missão dos Anjos

Há vários anos que foi publicada, na Inglaterra, uma bela obra sobre assuntos espirituais, obra essa que, já em 1924, havia alcançado a sua quinquagésima edição. Seu título **The Ministry of Angels (*)** e sua autora a Sra. Joy Snell, que expõe, de forma simples, franca, despretensiosa, suas

multiformes experiências de clarividência do tipo da vidente de Prevorst. Sua apresentação ao público foi feita pelo Rev. Arthur Chambers em curto, mas precioso prefácio.

() Foi também publicada, em 1935, em Genebra, Suíça, sob o título de La Mission des Anges sur le plan terrestre et dans l'Au-delà (A Missão dos Anjos no plano terrestre e no Além), Anjo, como sabemos, são espíritos de grande elevação espiritual e que se mostram, geralmente, de túnica branca. (N. T.)*

Trata-se, de fato, de um livro digno de toda consideração: primeiro, porque contém o relato sincero de experiências subjetivas que realmente ocorreram à pessoa que as expõe; segundo, porque essas experiências, do ponto de vista teórico, são, parcialmente, interessantes e, de outra parte, algo surpreendentes, de modo a tornar desejável um exame profundo do assunto com o fim de assegurar, nos casos duvidosos, se se trata de episódios de vidência autêntica ou de vidência simbólica lico-verídica ou ainda de vidência auto-sugestivo-alucinatória ou ainda, finalmente, se se trata antes de uma mistura das três formas em questão.

Começarei pelos fatos de vidência bem autêntica para passar, em seguida, à discussão sumária dos casos de vidência teoricamente duvidosos.

Sua autora, a Sra. Joy Snell, órfã de mãe desde a mais tenra idade, cresceu no meio de abastança e se revelou vidente já aos 12 anos de idade. Ela atingira apenas a idade dos 20 anos quando teve a visão premonitória da morte iminente de seu adorado pai, acontecimento que se realizou exatamente como ela o havia visualizado. Com o falecimento do seu genitor, o infortúnio abateu-se sobre a sua pessoa, pois não tardaram a compreender que o defunto confiara os seus interesses a pessoas indignas que o haviam enganado, de modo que a pobre órfã e o seu irmão se acharam subitamente reduzidos a mais completa indigência. O irmão partiu para a África, a fim de ganhar a vida para si próprio e para a sua irmã, porém o navio, que o levava para lá, naufragou e o moço pereceu com os demais passageiros. Ficando só no mundo, a infeliz Joy foi acolhida por um tio que, não conseguindo tirá-la da prostração moral em que caíra, com perigo de morte, tentou distraí-la, entregando-a aos cuidados de sua irmã, diretora de um sanatório. Assim fazendo, ela esperava que a pobre sobrinha talvez encontrasse alguma distração na prática do bem a tantas outras infelizes, do que lhe adviria proveito tanto do ponto de vista moral como do físico. Foi isso que efetivamente aconteceu e Joy Snell obteve o seu diploma de enfermeira, consagrando-se, com amor, à sua nova missão de caridade.

Ora, foi exatamente devido à sua profissão de enfermeira que os seus casos de vidência se revestem de grande valor teórico. De fato, não tardou ela a verificar grande número de casos de "desdobramento fluídico", que se apresentavam à sua visão supranormal, no leito de moribundos, assim como numerosos casos de "aparições de defuntos no leito de morte" ou "aparições de fantasmas", com caráter premonitório (por vezes de morte e outras vezes de cura), para os enfermos em cuja cabeceira eles se manifestavam.

Os fenômenos de "desdobramento fluídico" no leito de moribundos não eram, todavia, novos para a vidente, que, ainda bem criança, assistira a um deles no leito mortuário de uma sua amiga. Passo a narrar esse caso que apresenta um interesse especial por ter sido o primeiro do gênero que a vidente pôde constatar e que foi precedido pela visão do fantasma da jovem que ia morrer, fantasma que anunciou à sua amiga a iminência do seu falecimento. Escreve a vidente:

"Certa noite, despertei, sobressaltada, de profundo sono, encontrando iluminado o meu quarto, apesar de estarem apagadas todas as luzes. Percebi, ao meu lado, o fantasma de minha cara amiga Maggie, que me disse: "Quero confiar-lhe um segredo. Sei que dentro de alguns dias deverei ir para o mundo espiritual. Desejo que fique junto de mim até o meu último momento e que console minha mãe depois de minha partida.

Antes de estar suficientemente refeita do susto e da surpresa experimentados à vista do fantasma, vi este desaparecer e, pouco a pouco, extinguir-se a claridade.

Uma semana após fui chamada pela família de minha amiga. Encontrei Maggie sofrendo de um resfriado acompanhado de febre, todavia as suas condições gerais não inspiravam preocupações e a própria enferma estava bem longe de experimentar pressentimento de morte. Era evidente que ela não tinha a menor lembrança da visita que me fizera em espírito. É esse um mistério que não consigo explicar-me, tanto mais que, durante a minha vida, tive numerosas experiências de aparições de vivos que me dirigiram a palavra e com as quais por minha vez falei, verificando sempre que elas não guardavam recordação alguma de se terem comunicado comigo ...

Encontrava-me, pois, junto de Maggie, há uns três ou quatro dias, quando, certa noite, foi ela assaltada por terrível e súbita crise e faleceu nos meus braços antes que o médico tivesse tempo de acudir ao chamado feito. Foi esse o primeiro caso de morte a que assisti. Logo que o coração de Maggie deixou de bater, vi distintamente algo semelhante ao vapor, que se desprende de uma chaleira em ebulição, elevar-se do seu corpo físico, pairar a alguma distância dele e condensar-se em forma idêntica à de minha amiga. Essa forma, muito vaga a princípio, tomou gradualmente contorno mais definido até tornar-se perfeitamente distinta. Ela estava envolta numa espécie de véu branco, de reflexos aljofrados, sob o qual apareciam claramente as formas. O rosto era o de minha amiga, mas glorificado e sem qualquer traço dos espasmos que o haviam contraído na agonia.

Mais tarde, quando me tornei enfermeira, vocação na qual perseverei por vinte anos, tive oportunidades de assistir a numerosos casos de morte e, logo após o falecimento, constantemente eu observava essa condensação da forma etérica acima do corpo físico, forma sempre idêntica àquela donde se destacava e que, uma vez condensada, desaparecia de minha vista."

Os dois episódios contidos na experiência, que acabamos de relatar, são igualmente interessantes e sugestivos. A autenticidade supranormal do fenômeno de auto-premonição de morte ficou provado pela sua realização a curto prazo, embora continuemos a encontrar-nos diante do mistério de um Eu subconsciente que conheceu, antecipadamente, a data do seu falecimento, mesmo quando o mal, que deveria levar o corpo ao túmulo, era de natureza accidental. Mistério grande e perturbador, mas incontestável. Inútil ir mais longe, no momento.

Quanto à autenticidade supranormal do outro acidente, o do "desdobramento fluídico no leito de morte", está ela demonstrada pela existência de numerosos casos análogos visualizados por sensitivos pertencentes a todos os povos do mundo terreno, inclusive os selvagens, com esta circunstância eloqüente de que os sensitivos, ainda que desconheçam as experiências de outras pessoas e também a existência mesma dos fenômenos, fazem todos a sua descrição com os mesmos detalhes, o que demonstra, incontestavelmente, que eles expõem algo de real e de objetivo. Por outro lado, é conveniente notar que já se conseguiu fotografar o fenômeno em questão.

Outra consideração, teoricamente muito importante, é a de não poderem ser explicados os casos de "desdobramento fluídico no leito de morte" pela "projeção objetiva do pensamento". Sabe-se que, a propósito da "fotografia transcendental", em que ficam gravados os fantasmas dos defuntos identificados nas chapas fotográficas, os nossos contraditores fazem observar que, como tudo contribui para provar que um pensamento é uma forma *sui generis* de dinamismo psíquico, suscetível de ser projetado à distância, numa forma objetiva, ainda que invisível, segue-se que as supostas fotografias espíritas nada mais são realmente que "fotografias do pensamento". Esta objeção parece, até certo ponto, legítima, pois que o fenômeno da "fotografia do pensamento" é um fato real, ainda que obedeça a leis que o circunscrevem em estreitos limites e que, conseqüentemente, seja pouco aplicável às condições em que se produzem as "fotografias espíritas".

Como quer que seja não é menos verdade que, na ocorrência dos fenômenos de "desdobramento fluídico no leito de morte", esta hipótese é insustentável, visto que os moribundos

não podem cuidar de concentrar seu pensamento sobre a idéia de sua forma corporal e, em conseqüência, não podem projetar. à distância, formas de pensamentos dessa natureza, tanto mais que, na maioria dos casos, o fenômeno de desdobramento começa após o *falecimento do enfermo*.

Resulta daí que, não existindo uma hipótese naturalista para explicar os fenômenos de "desdobramento fluídico no leito de morte", somos necessariamente levados a concluir que eles representam o grande fato da separação do "corpo etérico" (que é o envoltório do espírito) do seu "corpo somático". E como acontece que, em tais circunstâncias, o "corpo etérico" gradualmente se integra nessa vida e que não menos gradualmente abandona o "corpo somático", isto equivale chegar à solução experimental, no sentido afirmativo, do grande enigma da existência e sobrevivência da alma.

A este respeito convém recordar a famosa resposta dada pela personalidade mediúnica de "George Pelham" ao Hodgson por intermédio da Sra. Piper:

"Eu não acreditava na sobrevivência, o que ultrapassava o meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar.... Nós temos um fac-simile de nosso corpo físico, fac-simile que persiste após a dissolução do corpo físico."

Eis uma resposta admirável pela simplicidade com a qual ela resolve o grande problema da sobrevivência, ao passo que a afirmativa que ela contém pode ser mesmo demonstrada experimentalmente graças aos fenômenos de "desdobramento fluídico no leito de morte" já estudados. Volto, a propósito, a insistir no fato de que, como não há hipóteses naturalistas a serem opostas às considerações que acabo de expor, estas são de natureza literalmente decisiva. Resulta daí que, *quando a autenticidade dos fenômenos em questão estiver definitivamente reconhecida pela ciência oficial (o que forçosamente acontecerá, visto que fatos são fatos), nesse dia a existência e sobrevivência da alma estarão cientificamente demonstradas*.

Em apoio destas conclusões, cumpre-me assinalar o outro fato concomitante dos sensitivos-videntes que muitas vezes observam, simultaneamente, o fenômeno do afastamento do "corpo etérico" do "corpo somático", no momento da morte, e o outro fenômeno complementar da interferência de "fantasmas de defuntos" no leito de moribundos, fantasmas esses absolutamente idênticos ao que está se condensando graças aos processos do "desdobramento fluídico", fato que constitui outra confirmação admirável das conclusões às quais chegamos, visto que permite constatar a identidade perfeita de natureza entre o "corpo etérico" dos defuntos e o "corpo etérico" dos moribundos.

A Sra. Joy Snell narrou diversos casos do gênero, mas como já reproduzi, em outros trabalhos meus, os melhores deles, limito-me a narrar aqui um ainda não referido. Escreve ela:

"Um dos meus amigos teve uma congestão pulmonar e foi internado num hospital em que faleceu pouco depois. Era um excelente homem e muito religioso, de forma que a morte não lhe causava medo. Sua esposa, também muito religiosa, permaneceu constantemente à cabeceira de seu leito, resignadamente esperando o desenlace fatal. Coisa de uma hora antes de falecer, o enfermo se dirigiu à esposa e, com o dedo, apontando para o alto, lhe disse: "Olha, olha. Bennie está lá. Ele me veio buscar. Agora ele me estende as suas mãozinhas e sorri. Você o está vendo?", ao que ela respondeu: "Não, querido, não o estou vendo, mas sei que ele deve estar lá, pois você o está vendo."

Bennie era o único filho do casal e falecera pouco antes, aos seis anos de idade. Também eu lhe percebia nitidamente a forma. Era um anjinho encantador, de cabelos anelados, olhos azuis e envolto numa túnica branca. Era uma formosa criança normal, mas glorificada, etérea, radiante, como igual não existe no mundo terreno ... Pouco depois o pai foi vencido por um sono calmo, no qual ficou imerso durante uma hora. Durante todo esse tempo, o pequeno anjo permaneceu sempre junto do pai moribundo, com o rosto

radiante de alegria pela reunião iminente. De vez em quando ele lançava afetuoso olhar para a sua mãe, que nada via. A respiração do moribundo não tardou a tornar-se penosa, fraca, e finalmente se extinguiu. Nesse instante percebi o fenômeno habitual que tão familiar me era: o da formação do "corpo etérico" acima do "corpo físico" inanimado. Quando a forma se tornou completa e animada, o anjinho tomou a mão do pai, que, por sua vez, se transformou também em anjo e vi os dois se mirarem amorosamente e um sorrir para o outro com a expressão do mais puro afeto e da mais viva felicidade. Em seguida, elevaram-se e desaparecerem aos meus olhos. Eis, verdadeiramente, um glorioso espetáculo. Graças a ele, a morte, que é por todos encarada com pavor e como o mais terrível dos mistérios, se apresenta, ao contrário, bela e benfazeja, como a maior reveladora do Amor Infinito que o Pai Eterno mostra às suas criaturas...

Depois de ter deixado o hospital, em que servia como enfermeira, para me consagrar à assistência de doentes particulares, nunca vi morrer um só de meus enfermos sem que percebesse, à cabeceira de seu leito, uma ou mais formas angélicas a acorrerem para receber o espírito a fim de conduzi-lo à nova morada nas Esferas ... "

Como já narrei nos casos análogos aos que acabo de citar, assistimos ao fato, teoricamente muito importante, das duas formas complementares de um mesmo fenômeno transcendental, que se combinam no mesmo caso. Isto significa que assistimos à exteriorização do fluido vital com a formação do "corpo etérico" no momento da morte e, ao mesmo tempo, a presença de espíritos na cabeceira dos que estão morrendo, com o propósito evidente de assisti-los no seu ingresso nas Esferas espirituais.

Realmente não conheço melhores provas que se possam oferecer para demonstrar a existência e a sobrevivência do espírito humano. Aqueles que leram as minhas monografias sobre as "Aparições de defuntos no leito de morte" e sobre os "Fenômenos de bilocação" sabem que as duas formas de manifestações em questão se realizam com relativa freqüência e que a sua natureza intrínseca já foi rigorosamente examinada de maneira que se pode considerar a sua existência objetiva como experimentalmente demonstrada. Lógico é que isto deveria bastar para cientificamente legitimar a hipótese espírita, mas não devemos esperar que tal aconteça, porque as experiências dos séculos mostram quão tenazes são as idéias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do Tempo!

Vou agora examinar as outras diversas formas de vidência que apresentava a mesma "sensitiva". Tratarei, primeiramente, de uma espécie de visões simbólicas premonitórias em relação com enfermos que se achavam em estado grave. Quando a "sensitiva" se aproximava da cabeceira deles, ela percebia, junto de sua cama, uma "forma angélica" (nome que a Sra. Snell dava a essas aparições) que parecia velada, vestida de preto, quando o doente devia morrer, e sorridente, vestida de branco, o braço levantado e o dedo indicador apontando para o alto, quando o enfermo devia restabelecer-se. Essas visões simbólicas, cujo prognóstico era infalível, apresentavam uma utilidade prática, pois a vidente não tardou a adquirir grande reputação de habilidade profissional junto às outras enfermeiras e médicos que freqüentemente a consultavam sobre o assunto.

No momento, não é possível fazer-se um juízo justo a respeito da natureza intrínseca dessas aparições. Se a "sensitiva" não tivesse tido outras visões espirituais além das simbólicas, então a "hipótese mais cômoda", capaz de explicá-las, seria a de supor a existência, na "sensitiva", de faculdades precognitivas subconscientes, cujas revelações seriam transmitidas à sua consciência normal por meio de projeções de imagens alucinatórias de natureza simbólica. Vimos, porém, que a "sensitiva" era favorecida com outras visões autenticamente extrínsecas, que consistiam em "aparições de defuntos no leito de morte" e fenômeno de "desdobramento fluídico", visões às quais não se pode aplicar a interpretação em apreço. Seria mais racional, pois, supor que as formas espirituais, de natureza simbólica, seriam, por sua vez, de natureza extrínseca. De qualquer modo,

não é possível um pronunciamento a este respeito, tendo cada qual a liberdade de inclinar-se para outra ou outra dessas interpretações, segundo as suas convicções pessoais de ordem geral.

Outra forma curiosa de aparições, com a qual se havia familiarizado a "sensitiva", consistia na visualização de um fantasma feminino que ela via percorrer as filas das camas do hospital, aproximar-se dos enfermos que se contorciam em grandes sofrimentos e pousar a mão sobre as suas fronte. Esta ação não curava os enfermos, mas aliviava ou suprimia os seus sofrimentos e produzia o sono que dele necessitavam. Escreve a Sra. Snell:

"Minha gratidão para com esse anjo era sempre grande, mas eu, acima de tudo, o abençoava nas noites em que me achava de plantão e sozinha nos quartos do hospital. Eu o via passar, como a flutuar, de um enfermo a outro, e impor as mãos sobre a fronte dos sofrendores, fato este que me confortava, porque eu sabia, por experiência, que os doentes, favorecidos por essa visita, breve se achariam livres de todos os sofrimentos, mesmo ignorando a causa que determinava o seu bem-estar inesperado. Muitos pacientes me diziam, quando acordavam: "Como me sinto bem esta manhã! Passei por um sono prolongado." Muitas vezes vi este anjo impor as mãos sobre a testa de enfermos que, ao experimentarem vivas dores, gemiam e gritavam lastimosamente. Logo desapareciam todos os sofrimentos e eles caíam num sono profundo e calmo, do qual despertavam cheios de novo vigor. Às vezes, quando o anjo visitava um doente, eu, por minha vez, me acercava e verificava que as suas pulsações se haviam tornado regulares e que a temperatura voltava logo à normalidade."

Que dedução teórica podemos tirar deste relato? Sem dúvida a de que se o anjo, quando impunha as suas mãos sobre a fronte dos enfermos, determinava a cessação imediata dos seus sofrimentos, mergulhando-os em profundo sono, regularizava as pulsações cardíacas ou reduzia quase ao normal uma temperatura febril, sem dúvida alguma, se isso se produzia, logicamente devemos concluir que esse anjo não podia consistir numa projeção alucinatória, mas, ao contrário, devia ser uma entidade positivamente extrínseca ou espiritual.

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações. Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum valor teórico, levando-se, porém, em consideração a descrição das Esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as Esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra, o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas Esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o meio em questão determinado pela "projeção do pensamento" de entidades superiores para esse fim designadas, enquanto que certa parte dependeria da "projeção do pensamento" dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma "ideoplastia" espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de "fotografia do pensamento" e do "pensamento organizador", no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante. É que, se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes, que passaram por experiências desta natureza, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas, afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas. Para citar somente os exemplos mais notáveis (*), recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada **Spiritualism** e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor,

recordarei as visões do Reverendo William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d'Esperance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Reverendo George Vale Owen.

(*) Quando Bozzano desencarnou, em 1945, durante a II Grande Guerra Mundial, ele não conhecia as obras psicografadas, sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N. T.)

Ora, se considerarmos que as idéias dos povos civilizados sobre o Paraíso e o Inferno, idéias enraizadas desde a infância nas mentes de diferentes pessoas, são diametralmente opostas à semelhante concepção da existência espiritual, se tudo isto for considerado, logicamente se é levado a reconhecer que a explicação alucinatória para esses casos é insustentável ante o exame dos fatos, visto que esta interpretação absolutamente não explica como tantos "sensitivos" tenham sido auto-sugestionados em sentido diametralmente contrário às suas convicções tradicionais a este respeito. Iguamente não se chegaria a explicar o fato de todos os "sensitivos" descrevem o mesmo ambiente espiritual, mesmo em seus mais bizarros e inesperados detalhes, quando a maior parte deles (e este é o caso da Sra. Joy Snell) ignorava completamente as experiências de outros videntes sobre o mesmo assunto, isto é, ignoravam o que alguns haviam visto no ambiente espiritual.

Resulta daí que, se os casos em questão continuam a ser um enigma insolúvel para todas as outras teorias, na verdade os partidários da hipótese alucinatória se encontram numa posição ainda mais embaraçosa e não os defensores da hipótese espírita. Com efeito, a circunstância de não se poder recorrer à hipótese da sugestão, para explicar a uniformidade de tão grande número de "revelações", faz pender o prato da balança a favor da autenticidade transcendental dos casos em que exame, o que não exclui, entretanto, a possibilidade de, por vezes, se introduzirem neles elementos simbólicos, oníricos e auto-sugestivos.

Como quer que seja, dada a natureza aparentemente incontrolável de tais casos e, portanto, a impossibilidade de submetê-lo aos métodos da investigação científica, só nos resta adotar um sistema de controle indireto, isto é, analisar e comparar entre si as tão numerosas revelações dessa espécie. Ao mesmo tempo, preciso é considerar as explicações que a este respeito fornecem as personalidades mediúnicas, explicações que, se não apresentam valor científico, nem por isto deixam de ser muito lógicas para parecerem plausíveis perante o controle da razão, o que já é muito, visto que assim se obtém o importante resultado de despojar as revelações de todas as aparências absurdas, ao mesmo tempo que essas explicações se transformam numa base de orientação para a posterior investigação de provas indiretas a favor de sua autenticidade transcendental.

Creio, pois, seja útil relatar alguns esclarecimentos, relativamente recentes, sobre o assunto, esclarecimentos esses obtidos mediunicamente. Eles têm o mérito de não terem sido dados a pedido e sim fornecidos, espontaneamente, pouco antes, por espíritos desencarnados.

As comunicações que se seguem apareceram na revista espírita inglesa **Light**, de 3 de maio de 1924, foram obtidas com médiuns não profissionais e as personalidades comunicantes foram um jovem soldado e dois oficiais ingleses, mortos em combate, na frente francesa. Os extratos que vamos reproduzir são devidos a um jovem soldado voluntário que tombou, na citada frente, no primeiro ano da guerra. As sessões, em que ele se comunicava, foram realizadas durante os meses de maio e junho de 1918, quando a guerra ainda continuava. O comunicante havia fornecido excelentes provas de identidade pessoal e afirmava estar investido, naquele momento, da missão de assistir os soldados que tombavam nos campos de batalha. Pediram-lhe informações a respeito dos mortos na guerra e eis o que ele respondeu:

"Eles chegam ao mundo espiritual com os sentimentos que experimentavam no momento da morte. Alguns há que ainda acreditam que estão combatendo e então precisamos acalmá-los. Outros já pensam que enlouqueceram devido ao ambiente que subitamente se transformou ao seu redor. Isto não deve surpreender-nos porque bem podeis imaginar o terrível estado de tensão de espírito, bem próximo da loucura, que produzem as batalhas. Outros há que supõem estar gravemente feridos, sem que o tivessem percebido, e é o que efetivamente lhes aconteceu com a diferença que se julgam transportados para um hospital de campanha e pedem esclarecimentos sobre o seu estado.

Em primeiro lugar, procuramos distraí-los, gracejando, e só lhes fazemos compreender, pouco a pouco, a verdadeira significação desse hospital em que se encontram. Alguns acolhem a notícia de sua morte com verdadeira alegria e são estes os que, na horrorosa vida das trincheiras, ultrapassaram os limites que uma fibra humana poderia suportar. Já o mesmo não sucede com outros que deixaram no mundo terreno entes queridos, casos em que os levamos gradualmente ao conhecimento do seu estado real, empregando muito tato e delicadeza. Outros se acham tão fatigados, tão exaustos de uma luta horrível, que não lhes resta energia suficiente para algo deplorar e não tardam a entrar no "sono reparador". Enfim, alguns previram o fim iminente ao perceberem ao obus que descia do alto e esperam o desfecho pela sua explosão inevitável. Entre estes, muitos há que caem no "sono" logo após o seu trespasse e isto porque a sua concepção de morte era o aniquilamento total, de modo que o período do "sono" combina com a sua convicção a respeito. Eles não necessitam de explicação ou auxílio até o fim do seu período de repouso, que, por vezes, se prolonga durante muito tempo nos casos em que as suas convicções relativamente à existência da alma estavam profundamente enraizadas ...

As coisas mudam quando então eles despertam. É um estado difícil de explicar, mas farei o melhor para expor, tanto quanto me for possível, por este imperfeito meio de comunicação, quais foram as minhas impressões ao despertar. Eu tinha pleno conhecimento de estar vivo, isto é, que em mim já não havia a incerteza pela qual se tem a ilusão de ainda fazer parte deste mundo e de sonhar. Compreendeis o que quero dizer?

- Sim, perfeitamente.

- Depois de despertar, pelo contrário, sabe-se, compreende-se. Já não se tem mais a impressão de sonhar. Os espíritos muito atrasados, que continuam apegados à Terra, não têm o benefício do "sono reparador": continuam na ilusão de se serem vivos e estarem sujeitos a sonhos fantásticos. Lembraivos, pois, de que os espíritos ligados à Terra, isto é, principalmente os espíritos orgulhosos, são os que permanentemente vivem em tal ilusão.

O primeiro sentimento que experimentamos com a plena consciência do que já somos e do lugar em que nos encontramos, isto é, que já somos espíritos que sobreviveram à morte do corpo e que nos achamos em, outro plano de existência, é quando nos assalta enorme curiosidade aliada a um vivo desejo de explorar o nosso novo meio de existência, de conhecer mais ainda. Logo verificamos que existem "coisas" ao nosso redor e esta é a primeira observação que nos enche de surpresa, tanto mais que essas "coisas" parecem ter a mesma natureza das que havíamos conhecido na Terra, ainda que apresentem certa diferença, que escapam, porém, à nossa compreensão. Elas são reais, bem reais, bem o vemos e, contudo, temos a intuição de que elas são temporárias e que não pertencem ao estado espiritual que se segue ao despertar. Em seguida, não tardamos a descobrir, e isto parece muito curioso e interessante, que somos capazes de transformar certas "coisas" que nos cercam, desejando simplesmente que se transformem, todavia, só o podemos fazer com objetos de pouca importância. Assim, por exemplo, se eu perceber aos meus pés uma agulha de pinheiro e me ponha a pensar que ela se transforme numa agulha de aço, eu a vejo transformar-se numa agulha de costurar, que posso pegar e examinar. Não podemos, porém, transformar objetos volumosos e menos ainda o ambiente em que vivemos e isto assim é por não ser a paisagem em que vivemos unicamente um ornato em que nós evoluímos, mas o ambiente onde evoluem todos os espíritos. Não podemos também transformar as pequenas "coisas" quando essa ação pode desgostar

ou prejudicar alguém. Depois de repetidas experiências desta sorte, começamos a conhecer a verdade, isto é, que o meio em que vivemos, na realidade, não é constituído senão de "formas de pensamentos" e de "formas de memórias" e que tudo foi disposto de modo a tornar menos penoso, para os espíritos que acabam de chegar, o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual propriamente dita. E a este respeito aprendemos muitas coisas, procurando o que podemos transformar por um ato de vontade e tudo o que permanece inalterado, apesar dos esforços dos nossos pensamentos... "

A passagem, que acabamos de reproduzir, é um dos exemplos das interessantes revelações mediúnicas publicadas pela revista inglesa **Light**, das quais sobressaem outras informações a respeito das "condições de perturbação" determinadas, no meio espiritual, pelos excessos de vícios em que muito freqüentemente caem os humanos, assim como sobre a constituição do "corpo etérico" em suas relações com o "meio etérico" que o cerca. Não podendo, porém, reproduzir tudo, limito-me ao trecho citado, pedindo a atenção dos leitores para o fato de que, se as revelações acima podem parecer a algumas pessoas fantásticas e inesperadas, impossível é, todavia, contestar-lhes uma razão de ser psicologicamente racional e justificável. Efetivamente, nada mais logicamente admissível se supor que, entre a existência de espírito encarnado e de espírito desencarnado, possa existir um período de existência preparatória e transitória de modo a conciliar a natureza muito terrestre do espírito desencarnado com a natureza muito transcendental da existência espiritual propriamente dita. Acrescentarei mesmo que a coisa parece tão racional, tão indispensável, que, se as personalidades espirituais não nos viessem revelá-las, deveríamos supô-las a priori, em nome do princípio da continuidade da lei da evolução. E, como as personalidades em questão não se limitam a afirmar a realidade do fato, mas ainda explicam que isso se realiza graças ao poder criador do pensamento, que, para nós, também constitui uma realidade demonstrada experimentalmente pela "fotografia do pensamento" e pelos fenômenos de "ideoplastia" nas experiências de materialização, parece-me que esta confirmação deve ser acolhida como uma probabilidade muito admissível, apesar de inesperada, da existência espiritual-transitória. Com efeito, se quisermos ser lógicos, seremos levados a reconhecer que, se o poder criador do pensamento já opera, em nosso mundo, mas unicamente de modo esporádico e sem propósito, necessário se torna daí inferir que esta faculdade está destinada a exercer-se normalmente, praticamente e utilmente em outra fase da existência, outra que não pode ser senão a existência espiritual. Ora, as revelações citadas nada mais fazem do que confirmar a verdade desta inferência axiomática. Repito, pois, que não se pode contestar, nas revelações que acabamos de citar, uma razão de ser psicologicamente racional, verossímil, coincidindo com os dados da experiência e isto me basta por agora.

Voltemos a Sra. Joy Snell e às suas experiências de vidência. Eu disse que a citação supra tornaria menos inverossímeis as visualizações análogas por ela observadas e me felicito por tê-lo demonstrado. Nestas condições, dever-se-ia ao menos tirar um ensinamento útil das considerações que acabamos de expor, isto é, mesmo quando nos encontramos em face de visualizações transcendentais controláveis, é necessário mostrar muita prudência antes de atribuí-las, irrevogavelmente, a causas alucinatórias oriundas de fontes auto-sugestivas.

Com referência às outras visualizações da Sra. Snell, relativas ao fenômeno de "desdobramento fluídico no leito de morte" e de "aparições de defuntos no leito de morte", basta apenas aditar que essas manifestações parecem incontestavelmente reais, objetivas, extrínsecas, e que basta, para prová-lo, recordar os processos da análise comparada às quais já foram submetidas outras experiências semelhantes, processos que provam que as manifestações em apreço têm sido observadas em todos os tempos e entre todos os povos, inclusive tribos selvagens, circunstância esta última importantíssima, pois os selvagens não poderiam auto-sugestionar-se pela leitura de obras de povos brancos. Elas foram observadas, coletivamente, por numerosas pessoas e, por vezes, sucessivamente, por pessoas que ignoravam completamente as visões de outras, o que basta para excluir qualquer forma de alucinação devida à sugestão ou à auto-sugestão. Enfim, mesmo a hipótese auto-sugestiva, aplicada ao moribundo, não poderia sustentar-se ante o fato de

que, nas duas categorias de fenômenos, já se registraram numerosos episódios em que as manifestações se produzem quando o paciente já expirou, sendo os casos que aqui reproduzimos dessa natureza.

Vade Mecum Espírita